

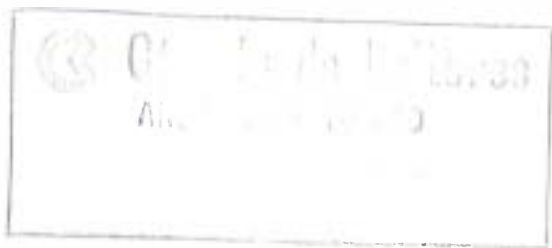
A GERAÇÃO DE 70

GOMES LEAL

POEMAS ESCOLHIDOS

(ANTOLOGIA)

Décimo segundo volume



CÍRCULO DE LEITORES

Capa de: Antunes
Impresso e encadernado por Printer Portuguesa
no mês de Junho de mil novecentos e oitenta e oito
Número de edição: 2279
Depósito legal número 20 363/88

CLARIDADES DO SUL

HINO AO SOL

«Vous, prêtes! qui murmurez, vous portez ses signes sur tout votre corps: “votre tonsure” est le disque du “soleil”, votre “étoile” est son zodiaque, vos “chapellets” sont l’emblème des astres et des planètes.»

Les Ruines, VOLNEY

Eu te saúdo ó Sol, belo astro amigo!
(Tão pontual há tantos centos de anos)
Mais reluzente que um broquel antigo,
Mais dourado que ceptros de tiranos:
Ave, heróica luz! viva e sonora,
Vestindo o mundo, enquanto aos céus erguidos,
As florestas extensas dão gemidos,
E o duro mar se chora!

Eu te saúdo, ó astro das batalhas!...
Porque através das cruas dissensões,
Douras o pó que se ergue das mortalhas,
E levantas os nossos corações!...
E por isso, ainda hoje, e eternamente,
Os românticos te hão-de a ti saudar,
E os tristes sempre irão à luz poente,
Ver-te morrer no mar.

Tu és a Voz, a Cor, as *Harmonias*
Acordam com as tuas claridades:
És quem benze as aldeias e as cidades,
E quem fazes cantar as cotovias:
És quem inspira estranhas teorias,
És forte, são, consolador, e bom.
Tem a lua silêncios e elegias:
Mas tu a *Cor* e o *Som*.

Eu te saúdo, ó astro dos guerreiros!...
Eterno confessor de madrigais,
Que desgelas os densos nevoeiros,
Que alegras as sonoras capitais:
Que dás valor nos campos marciais,
E força e amor aos aldeões trigueiros,
E que incitas os tigres carniceiros
A beber nos caudais!

Desde a Caldeia às ermas solidões,
Tens tido cultos, templos levantados,
E velhos ritos bárbaros sagrados,
E alegres, sensuais religiões:
Tu foste *Mitras*, nome cabalístico,
Baal, *Agni*, *Apolo* (invocações).
E hoje *Cristo* — teu nome oculto e místico —
Fere inda os corações.

Quem contará, ó luz, tuas bondades?...
E o amor no qual o coração abrasas,
E as tuas funerais solenidades
À ideal palpitação das asas?...
Quem nos livra das flechas do pecado?
Quem faz na íntima terra o diamante?
Quem gera o monstro, a pomba, o lírio amado,
E a ideia extravagante?

Ave! pois, astro caro dos valentes...
Da Força, Vida, Glória, da Paixão,
A frecha de ouro em corações ardentes,
Astro amigos das lutas e da Acção!
Ave! e em dias crus de expiação,
Vai e beija — nas ervas reluzentes —
Os que morrem, vencidos combatentes,
A espada inda na mão!

À JANELA DO OCIDENTE

«O mundo oscila.»

LUTERO

Os deuses ou são mortos ou caídos,
Quais duros aldeões dormindo as sestas,
Ou andam, pelos astros perseguidos,
Chorando os velhos tempos das florestas.

Os reis ressonam nas devassas festas:
Já os frutos do Mal estão crescidos:
Ó Sol, há muito que tu já nos crestas!
E aos nossos ais o Céu não tem ouvidos!

Há muito já que o Olimpo está vazio,
E no seio de um astro imenso e frio
É morto o Deus do Testamento Velho.

Apenas, sobre o mundo eterno e aflito,
Fausto rebusca o x do infinito,
E Satã dorme em cima do Evangelho.

MISTICISMO HUMANO

«Sunt lacrimae rerum...»

VIRGÍLIO

A alma é como a noite escura, imensa e azul.
Tem o vago, o sinistro, os cânticos do Sul,
Como os cantos de amor serenos das ceifeiras
Que cantam ao luar, à noite, pelas eiras...
Às vezes vem a névoa à alma satisfeita,
E cai sombria, vaga, e miúda, e desfeita...
E como a folha morta, em lagos sonolentos,
As nossas ilusões vão-se nos desalentos!

Tem um poder imenso as Coisas na tristeza.
Homem! conheces tu o que é a natureza?...
— É tudo o que nos cerca — é o azul, o escuro.
É o cipreste esguio, a planta, o cedro duro,
A folha, o tronco, a flor, os ramos friorentos,
É a floresta espessa esguedelhada aos ventos.
Não entra o vício aqui com beijos dissolutos,
Nem as lendas do mal, nem os choros dos lutos.

E os que viram passar serenos os seus dias...
E curvados se vão, às longas ventanias,
Cheio o peito de sol, através das florestas,
À calma do meio-dia... e dormiam as sextas,
Tranquilos sobre a eira, entre as ervas nas leivas,
Vão cansados depois, entre os ramos e as seivas,
Outra vez sob o Sol — a sua eterna crença —
Em frutos ressurgir à natureza imensa,
E, os beijos do luar, descansarem felizes,
Da bem-amada ao pé, no meio das raízes!...

Morrer é livramento!... oh deve saber bem
Sentir-se dilatar na Natureza mãe!
Ser tronco, ramo ou flor, nuvem, erva ou alfombra,
A rosa que perfuma, a árvore que dá sombra,
Estremecer, na encosta, às nocturnas geadas,
E recortar o azul das noites consteladas!...

Sim! pelo claro azul dessas noites serenas,
Que o segador trigueiro entoa as cantilenas,
Tão tristes como a lua e o espinho dos martírios,
E que através do azul parecem cair lírios...
Quando a brisa baloiça as folhas inquietas,
Noivam os rouxinóis e se abrem as violetas,
E a Natureza tem como um sabor de beijos,
Que obriga a soluçar a alma de desejos...

Que segredos dirão, nas brisas mensageiras,
À doçura da lua, a flor das laranjeiras,
O lírio, a madressilva, os jasmims vacilantes,
Que foram já, talvez, seios fortes e amantes,
E que hoje, à branca luz dos mirtos siderais,

Conversam sobre o amor e os gozos ideais
Do tempo... que a falar corriam breve as horas,
Que seus olhos leais tinham a cor de amoras,
E debaixo do céu teciam longas danças,
Ao pé da amante meiga e de compridas tranças!...

No lago sonolento a flor do nenúfar
Talvez é um coração que abre para chorar,
O lírio um seio bom — e as violetas curvadas
São os olhos talvez das doces bem-amadas...

Feliz o sementeiro que vive entre os arados,
O campo, os lentos bois, longe dos povoados,
Entre os rijos irmãos humildes e trigueiros,
Que vivem sob o sol, à chuva, aos nevoeiros,
E quando à noite finda os suarentos trabalhos,
Vem a doce mulher buscá-lo nos atalhos,
Cujo olhar, como a lua, é tranquilo e consola,
E descanta, chorando, à noite na viola!...

E os que andam pelo mar, trigueiros e contentes,
Entre as ondas e o Céu, nostálgicos, clementes,
Entre os cantos do vento, olhos fitos nos céus,
Entre o azul, o escuro, e os frios escarcéus,
Ombro a ombro o abismo — abismo sempre aos pés —
Que dormem à poesia, à lua das marés,
E morrem uma noite, ó mar, aos teus embalos,
Deixando uns olhos bons e meigos a chorá-los!...

Eu, por mim, não terei um astro bom nos Céus,
Nem uns olhos leais que chorem pelos meus,
E que inda a fronte mal me obscureça a mágoa,
Como espelhos de amor já sejam rasos de água!...
Sozinho passarei, e não irei jamais,
Pelas murtas, com *ela*, às tardes outonais.
De inverno, não terei os consolos do lar,
Nem do estio a doçura imensa do luar,
Meus filhos não irão jamais colher os ninhos,
Ninguém virá, à tarde, esperar-me nos caminhos.

A BELA FLOR AZUL

«Quem saberá *signora* onde terá nascido
esse belo lírio branco?»

VELHA COMÉDIA ITALIANA

Eu não sou o fatal e triste Baudelaire,
Mas analiso o Sol e decompouho as rosas,
As rijas e imperiais dalias gloriosas,
E o lírio que parece o seio da mulher.

Tudo o que existe ou foi, morre para nascer.
Na campa dão-se bem as plantas graciosas.
E, um dia, na floresta harmónica das Coisas,
Quem sabe o que serei, quando deixar de ser!

A Morte sai da Vida — a Vida que é um sonho!
A flor da podridão, o belo do medonho,
E a todos cobrirá o místico cipreste!...

E, ó minha Esfinge, a flor pálida e azul no meio,
Que ontem tinhas no baile e que trouxeste ao seio,
Levantei-a dum chão onde passara a Peste.

PALÁCIOS ANTIGOS

A Antero de Quental

Bons castelos leais, nas rochas construídos,
Às contorções do vento, à chuva enegrecidos,
Que vamos admirar na angústia dos poentes...
Grandes salas feudais com telas de parentes.
O que fazeis de pé, como entre os nevoeiros,
Os antigos heróis e as sombras dos guerreiros?

Uma grande tristeza enorme vos habita!...
No entanto, a alma antiga ainda em vós palpita,
Evocando a emoção das crónicas guerreiras;

E mau grado o destroço, a erva, e as trepadeiras,
— Como um desejo bom nas almas devastadas —
Cresce, ao vento, uma flor, no peito das sacadas.

A parasita hera avassalou os muros!
Aninha-se o bolor nos cantos mais escuros,
Tudo dorme na paz das coisas silenciosas...
E nos velhos jardins, onde não há rosas,
— Só resistindo ainda aos séculos injustos —
Uma Vénus de pedra espera, entre os arbustos.

CRISÂNTEMOS

MADRIGAL BIZARRO

As tuas mãos pequenas,
gotas de luz coalhadas,
são frias como hienas
de garras afiadas.

Tuas unhas deveras
— tão róseas, mas compridas —
lembram as das panteras
tratadas e polidas.

Teus lábios de coral
e as pérolas dos dentes
mordem mais que as serpentes,
e a víbora crotal.

Tenho lido em viagens
caçadas a leopardos.
Mas nunca vi carnagens,
como fazem teus dardos.

Tenho ouvido também
naufrágios, derrocadas,
mas nunca vi ninguém,
que, a rir, desse facadas.

Ah!... continua rindo
num rir fero e espontâneo,
que um crisântemo abrindo
verei, morta, em teu crânio.

Qual remorso mordente
de tanta frase louca,
outro azul... suavemente...
tapara tua boca.

E então, por ti passando,
as lágrimas em fio,
gritarei, uivarei, chorarei, gargalhando:
— *Meu bem, passou o estio!*

NA TABERNA

A João de Deus

«Vejo apontar o inverno...
os crepitantes frios
Me açoutam as vidraças...»
FRANCISCO MANUEL

Alguns dormem, nas mesas, debruçados,
Junto aos restos de um vinho já bebido;
Outros contam seus casos desgraçados.

Um deles alto, magro, mal vestido.
Conta histórias de amor; lançando fumo
Dum cachimbo de gesso enegrecido.

Um tenta levantar um outro a prumo
Sobre os ombros, e um calvo, e já vermelho
Faz das suas misérias um resumo.

Depois conta que o pai ético e velho
Lhe está para morrer; lastima a vida;
E sobre as vinhas pede um bom conselho.

A casa é escura, velha, enegrecida
Do fumo. Noite velha ouve-se o vento
Bater na antiga porta carcomida.

O frio, a neve, a fome, o mau sustento
Tem quebrantado muito aquelas fronte;
E em muitos esmagado o pensamento.

Nalguns extinguido, mesmo, as fontes
Da justiça e do bem; e feito errar,
No mundo, como os lobos pelos montes.

E o egoísmo dos filhos e do Lar
Banido o dó das lástimas estranhas,
E tornando-os mais frios do que o mar.

Alguns vivem nas neves, nas montanhas:
Outros o rio tem por seu vizinho,
E com a Fome travam más campanhas.

E — todos — tem o ar triste e mesquinho,
Dos que vão, sem prazer, habituados,
Como a um sono que tira maus cuidados...

Beber as suas lágrimas com vinho.

A SESTA DO SENHOR GLÓRIA

É no fim do jantar. Deram três horas
No bom relógio antigo dos avós.
E o senhor Glória pega numa noz,
Com um ar de quem trata com senhoras.

A casa de jantar toda pintada
E o estuque cheio de aves, de paisagens,
De ninfas, prados, de águas, de boscagens,
Tem uma forma antiga e recatada,

De envolta com seus goles de *Madeira*,
Saboreia a senhora o seu café.
E ao lado, um filho rúbido, de pé,
Parece um pregador sobre a cadeira.

No colo da matrona dorme um gato
No melhor sono cómodo do mundo,
Enquanto, em baixo, um cão grave e profundo,
Contempla uns restos, que inda estão num prato.

O senhor Glória fala, chocarreiro,
Do seu cunhado Aleixo de Miranda.
Lá fora, um papagaio, num poleiro,
Diz coisas aos burgueses, da varanda.

Com um ar meio cómico e boçal,
Um sisudo criado atrás, de pé,
De vez em quando fala menos mal:
— O senhor Glória aspira o seu café.

Muito tempo assim ficam nesse estado
De santa sonolência e beatitude,
Mais que assaz conhecido da Virtude,
Quando tem digerido e bem jantado.

No entanto, o senhor Glória, olhos dormentes,
Contempla, na parede, os bons pastores,
Confidentes fiéis dos seus amores,
Que outrora hão já sorrído aos seus parentes.

Duas pastoras falam com poesia,
Numa vereda de álamos umbrosos,
E isto acorda-lhe os tempos virtuosos...
Que a hora de jantar era ao meio-dia!

Belos tempos — pensa ele — de virtude,
De glória, amor, coragem, fé ardente,
De longas procissões e de saúde,
De singeleza e paz — vida contente!

E o senhor Glória, aqui, num travesseiro,
Deita a cabeça, de pensar prostrado.
O papagaio ri no seu poleiro.
E a senhora sorri para o criado.

A LUA MORTA

Almas sentimentais e ingênuas do lirismo,
que cantais do luar a luz que vos conforta,
varrida por atroz, remoto cataclismo,
há milhões de anos já que a antiga lua é morta.

Há milhões de anos já que esse alvejante rastro,
que ela espalha nos céus e sobre o mar profundo,
não é mais que o lençol do cadáver dum astro,
do aspectro dum planeta e o fantasma dum mundo.

Há milhões de anos já que, em torno à nossa esfera,
o morto globo gira, errante, solitário,
como o vulcão dum astro extinto e sem cratera,
frio espectro de luz que arrasta o seu sudário!

Há muito é morta já. Dessas mansões sidéreas
onde paira, não ouve os ais que nos consomem
e a ruína estagnou-lhe o sangue nas artérias,
muito antes de nascer o primitivo Homem.

Paira nela um atroz silêncio de orfandade,
de sombra tumular, de mármore, de cripta.
Lembra as praças e os cais duma horrenda cidade,
varrida pela mão duma peste maldita.

Reina uma assolação sinistra, imóvel, séria,
lá dentro. Faz lembrar este astro extinto e frio
a gélida extensão duma estepe funérea,
sem trinos de ave, flor, bosque, nem vóz do rio!

Que cataclismo atroz, que deus negro irritado
fez cair sobre este astro o açoite dos furores?
Quem transformou em pedra este astro fulminado?
Quem gelou seus vulcões, serras, bosques e flores?

Que catástrofe antiga, ou negro deus perverso
este astro converteu em sombra inerte e fátua?
Que látego, sem dó, fustiga esse universo,
e o faz errar nos céus — como uma branca estátua?

No meio dos rosais ou dos mirtais floridos,
que irrisória emoção, que aos astros pouco importa,
nos faz erguer as mãos, chorando, enternecidos,
Para essa sombra vã — essa *cidade morta*?

E, no entanto, alma humana! eterna atormentada!
tu quiseras ver perto a morta nau errante,
quiseras abordar à estranha nau gelada,
com seu porão sem voz, seus mastros de brilhante.

Tu quiseras cruzar — tu, a quem nada pasma! —
nesse barco spectral, excêntrico, sombrio,
que corta o azul dos céus como um batel fantasma,
ou sobre o mar do Norte o espectro dum navio.

Tu quiseras sarar as aflições internas,
nessa imóvel região, sem ar, nem movimento,
nesses bosques sem voz e noites sempiternas,
onde não sopra um ai, nem folha, mar, nem vento!...

Tu quiseras, enfim, da Vida soluçante
ver quebrar-se o rumor nesse silêncio enorme,
e, como em vasta cripta os membros dum gigante,
repousar nessa paz imóvel e uniforme.

Descansa, Homem, porém! Como uma vil lanterna,
morrendo, um dia, o Sol regelará no Oriente,
e, nesse cataclismo e horror da noite eterna,
os tristes sorrirão e dirão: — *Finalmente!*

TARDE DE VERÃO

Trepam-lhe pelas janelas
Jasmins, cheirosas serpentes,
E soltam-se as bambinelas
Em pregas indiferentes.

Os lírios que são uns ais
Suspiram melancolias...
Riem quadros sensuais
Nas largas tapeçarias.

Sátiro ri nas florestas,
Níobe soluça mágoas,
E escuta-se, entre as giestas.
A voz rítmica das águas.

E à luz dúbia dos ocasos
Ensanguentados do Sul,
As camélias dos seus vasos
Olham voltadas o azul.

Lá dentro das gelosias
Volteiam como desejos...
Perfumes, melancolias,
Como saudades de beijos.

Jaz ao pé do seu bordado
Um cofre de filigrana,
E um mandarim espantado,
Com olhos de porcelana.

Uma violeta esfolhada
Chora um amor num jardim,
Uma vareta quebrada
Ri, num leque de marfim.

Nadam no quarto perfumes
De óleos, pomadas cheirosas:
Um colar mostra os seus lumes:
Voam aves gloriosas.

Num álbum perto olvidado
 Há uns idílios de amores,
 E ao pé dum Cristo chagado
 Morrem, nas jarras, flores.

Mas, pasmada, alheia a tudo
 Junto dum missal já velho,
 Uma másc'ra de veludo
 Olha idiota no espelho.

Olhos vazios de espanto.
 Olha, olha, nada vê...
 Ri-se uma Vénus a um canto.
 Um cravo murcha-lhe ao pé.

.....

Assim eu sou moço velho.
 E em minha alma, ó minha amada!
 Como a máscara no espelho
 Eu olho e não vejo... nada.

O VISIONÁRIO OU SOM E COR

A Eça de Queirós

I

Eu tenho ouvido as sinfonias das plantas.

Eu sou um visionário, um sábio apedrejado,
 Passo a vida a fazer e a desfazer quimeras,
 Enquanto o mar produz o monstro azulejado
 E Deus, em cima, faz as verdes primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
E erro como estrangeiro ou homem doutras eras,
Talvez por um contrato irónico lavrado
Que fiz e já não sei noutras subtis esferas.

A espada da Teoria, o austero Pensamento,
Não mataram em mim o antigo sentimento,
Embriagam-me o Sol e os cânticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,
Procuro em toda a parte a música das cores,
E nas tintas da flor achei a Melodia.

II

«J'ai vu les Espèces et les Formes,
j'ai vu l'Esprit des Choses.»
Serafita, BALZAC

Bem sei que a planta engana e a Natureza mente,
E que a flecha do Sol nos pode assassinar,
Que a Peste torna o azul sereno e resplendente,
E que a pérola sai das infecções do Mar.

Tudo é Matéria, Força, e Lei onnipotente!
E enquanto o lírio incensa e azula-se o luar,
Impassível talvez, em baixo, surdamente,
A terra cria a flor que me há-de envenenar.

Bem sei! — mas, na floresta imensa das Teorias,
Eu amo divagar, ouvindo as melodias,
Que as plantas musicais dão aos astros e aos Céus.

Ah! eu vejo Jesus no coração das rosas!
Só eu oiço as leais flores melodiosas!
E o lírio é para mim a hóstia onde está Deus.

III

«O vermelho deve ser como o som duma
trombeta...»

UM CEGO.

Alucina-me a Cor! A Rosa é como a Lira,
A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
Como a perdida cor dalguma flor que expira...

Há plantas ideais dum cântico divino,
Irmãs do oboé, gémeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmesim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada.
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,
Tem notas marciais, soa como um clarim.

IV

Mas aquela que adoro, a hierática duquesa,
Nobre como as reais senhoras de Brabante,
Como a hei-de pintar igual e semelhante,
Se não há Som nem Cor em toda a Natureza!

Seu colo tem do lírio a rígida firmeza.
Seu amor é um céu católico e distante...
Mas a luz desse olhar sonoro e radiante
Eleva como a Cor, soa como a Beleza!

Nunca lhe ousei falar, nem sei se amor lhe inspiro.
Mas quando enfim morrer, então, como um suspiro
Meu seio florirá, em vez do meu amor...

Numa flor que porá talvez sobre a janela.
Uma flor rubra e negra, em forma duma estrela,
Como uma sinfonia obscura de terror.

A SELVAGEM

Às vezes, como os grandes *fantasistas*,
Sinto o desejo intenso das viagens...
E ir sozinho habitar entre os selvagens,
Como, num ermo, os ásperos trapistas.

As grandes, vastas, límpidas paisagens,
Que sabem ver os imortais artistas
Teriam novos tons, novas imagens,
Longe do mundo avaro e as suas vistas!

Com uma virgem — flor dessas montanhas —
Entre os mil sons das árvores estranhas,
Dos coqueiros, bambus... fora feliz!...

Dormiria em seus braços nus, lustrosos,
E ouviria, entre uns beijos voluptuosos,
Tintinar-lhe as argolas do nariz.

FALSTAFF MODERNO

«In vino veritas.»

Quando eu morrer, ninguém lerá no crânio
Se eu fui mouro ou judeu.
Se prezava o conhaque ou o *Madeira*.
Que sofrer foi o meu!...

Ninguém dirá se era trigueiro ou louro,
Se eu fui Pope ou Camões,
E os sábios não dirão, coçando a calva,
A cor dos meus calções.

Não saberão dizer se foi a pipa
O hotel em que vivi,
Ou se fazia sol ou aguaceiros
No dia em que nasci.

Se, após a doida orgia, o meu enterro
Pela manhã, sair,
Tu virás à janela, bocejando,
E em coifa de dormir.

E não conseguirás verter um pranto
Da tez no teu cetim...
Enquanto os gordos padres irão lentos,
Ressonando em latim.

Os anos jogarão com os mais crânios,
E o meu magro esqueleto,
Uma espécie do jogo das caveiras
Dos coveiros do Hamleto.

Ninguém, mulher, dirá que *funda mágoa*
Minou meu coração.
E eu mandarei pôr, por epitáfio:
Maldita indigestão!

Mas que ideias tão negras!.... O que importa
Roa a terra mais um!
Depois da morte, o nada. Ó minhas lágrimas,
Não me estragueis o rum!

NEVROSE NOCTURNA

Bela! dizia eu, como um navio à vela,
para um país polar, por um silêncio amigo.
Bela! como uma estátua e gélida como ela.
Bela! dizia eu, como um sepulcro antigo.

Bela! dizia eu, ágil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanás me deixe!
Bela! dizia eu, fria como o luar
sobre o dorso luzente e excepcional dum peixe.

Bela! dizia eu, como uma mesa lauta
para um festim pagão: a Forma, o Som, e a Cor.
Bela! dizia eu, como nocturna flauta,
desfiando, no mar, a ladainha — Dor.

Bela! dizia eu, fria como o marfim.
Bela como um calado e longo cemitério,
em que se vê vagar, como no seu jardim,
o coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bela! como um perdão ao pé do cadafalso.
Bela! como o luzir do orvalho nas searas.
Nevada como um pé curto, branco, descalço,
fugitivo através das grandes ervas claras.

Bela! como o sentir as espirais do gozo
num fundo sensual de sombras perfumadas.
Bela! como, aos clarões dum céu calamitoso,
as plantas tropicais, direitas como espadas.

Bela! como os portais e as torres ao abandono
saxónias, que entreviu Ann Radcliffe.
Bela! e solene, sim, como o tranquilo sono,
dum perfil virginal, na sombra dum esquite!

Bela! como um espelho esférico, polido,
aonde colos nus luzem palidamente.
Bela! como o sentir a seda dum vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bela! como o sorrir vermelho dum rainúnculo.
Bela! como uma flor aquática do Mar.
Bela! como na treva o brilho dum carbúnculo.
Bela! dizia eu, como um azul polar.

Bela! como a expressão das notas de Méhul.
Bela! como uma flor num muro de cadeia.
Bela! como a sonhar, sobre um divã azul,
fumando, perseguir a nebulosa Ideia.

Bela! dizia eu, como uma Feiticeira
da Tessália, evocando a ensaguentada lua.
Bela! como, no outono, a luminosa esteira
azulada e sem fim duma comprida rua.

Bela! como arrendado e flamejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.
Bela! como o silêncio algente e tumular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bela! dizia eu... Mas, nisto, sobre o leito,
em que cismava assim, voltou-se, levemente,
a invencível mulher que me inflamava o peito.
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

E foram-se cravar num pente de metal,
e as várias coisas mil que, ao baço candeiro,
vinham-se reflectir sobre um espelho oval
destacando da cor branca do travesseiro.

E, então minha nevrose armou um largo cinto
de monstros colossais, fatídicos de ver!
à hora em que o burguês profunda o labirinto
das mil complicações do *deve* e do *há-de haver*.

Desfilava-me em torno um batalhão medonho
de monstros anormais, de escamas reluzentes.
Tomavam Som e Cor as proporções do Sonho.
Olhavam-me animais de olhos surpreendentes.

Bela! dizia eu, por todas as potências
celestes, infernais, terrestres e de horror!...
Bela! concordo eu, cheia de transparências:
mas sem um grande *quid*... a crispação da Dor!

Sim, a Dor, sem a qual a argila humana passa,
sem um rasto deixar na vasta natureza:
— a Dor, gama final na música da graça:
— a Dor, último tom na escala da Beleza:

a Dor, foco, onde vão reconcentrar-se as cores
do vivo sol do Amor despótico e cruel:
— o perfume subtil que completa as flores:
— a voluta ideal que beija o capitel.

Por isso, eu quero ver como o seu belo rosto
se crispa, à sensação estranha do meu braço:
e quero, na tenaz sinistra do Desgosto,
fazê-la ressaltar como uma mola de aço!

Quero vê-la quebrar essa monotonia
de linhas ideais, divinas, impassíveis:
coagi-la a sair da gélida apatia,
que é como a estagnação das Coisas Insensíveis.

Quero vê-la tremer, os lábios roxeados,
fazendo exclamações eufónicas na sala:
e, em várias gradações, seus olhos injectados
terem a fulva cor quimérica da opala.

Quero sim! quero ver!... Mas, nisto rudemente,
prostrou-me o plúmbeo sono invicto, pesado,
e a cabeça caiu-me, ah! invencivelmente!...
no seu negro cabelo esplêndido e azulado.

ROSA MÍSTICA

«Hour of love.»
Parisina, BYRON

Do pôr do Sol àquela luz sagrada,
Eu perdia-me... ó hora doce e breve!...
Meu peito junto ao seu colo de neve,
Numa contemplação vaga e elevada

Nessas almas se erguiam, como deve
Erguer-se uma alma à Luz afortunada.
Do mar se ouvia a grande voz chorada.
Palpitavam as pombas no ar leve.

E então perguntei-lhe, baixo e brando:
Em que mundos de luz é que caminhas?
Que torre está tua alma architectando?...

Ela, travando as suas mãos das minhas,
Me disse, ingénua, então: — Estou cismando
No que dirão, no ar, as andorinhas.

A SENHORA DE BRABANTE

A Alberto Osório de Castro

Tem um leque de plumas gloriosas,
na sua mão macia e cintilante,
de anéis de pedras finas preciosas
a Senhora Duquesa de Brabante.

Numa cadeira de espaldar dourado,
escuta os galanteios dos barões.
É noite: e, sob o azul morno e calado,
concebem os jasmíns e os corações.

Recorda o senhor Bispo acções passadas.
Falam damas de jóias e cetins.
Tratam barões de festas e caçadas
à moda goda: aos toques dos clarins.

Mas a Duquesa é triste. Oculta mágoa
vela o seu rosto de um solene véu.
Ao luar, sobre os tanques chora a água...
Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

Dizem as lendas que Satã vestido
de uma armadura feita de um brilhante,
ousou falar do seu amor florido
à Senhora Duquesa de Brabante.

Dizem que o ouviram ao luar nas águas,
mais louro do que o sol, marmóreo, e lindo,
tirar de uma viola estranhas mágoas,
pelas noites que os cravos vêm abrindo...

Dizem mais que na seda das varetas
do seu leque ducal de mil matizes...
Satã cantara as suas tranças pretas,
e os seus olhos mais fundos que as raízes!

Mas a Duquesa é triste. Oculta mágoa
vela seu rosto de um solene véu.
Ao luar, sobre os tanques chora a água...
Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

O que é certo é que a pálida Senhora,
a transcendente Dama de Brabante,
tem um filho horroroso... e de quem cora
o pai, no escuro, passeando errante.

É um filho horroroso e jamais visto!
Raquítico, enfezado, excepcional,
todo disforme, excêntrico, malquisto,
pêlos de fera, e uivos de animal!

Parece irmão dos cerdos ou dos ursos,
aborto e horror da brava Natureza...
Em vão tentam barões, com mil discursos,
desenrugar a fronte da Duquesa.

Sempre a Duquesa é triste. Oculta mágoa
vela o seu rosto de um solene véu.
Ao luar, sobre os tanques chora a água...
Cantando, os rouxinóis lembram o céu..

Ora o monstro morreu. Pelas arcadas
do palácio retinem festas, hinos.
Riem nobres, vilões, pelas estradas.
O próprio pai se ri, ouvindo os sinos...

Riem-se os monges pelo claustro antigo.
Riem vilões trigueiros das charruas.
Riem-se os padres, junto ao seu jazigo.
Riem-se nobres e peões nas ruas.

Riem aias, barões, erguendo os braços.
Riem, nos pátios, os truões também.
Passeia o duque, rindo, nos terraços.
Só chora o monstro, em alto choro, a mãe!...

Só, sobre o esquife do disforme morto,
chora, sem trégua, a mísera mulher.
Chama os nomes mais ternos ao aborto...
Mesmo assim feio, a triste mãe o quer!

Só ela chora pelo morto!... A mágoa
lhe arranca gritos que a ninguém mais deu!
Ao luar, sobre os tanques chora a água...
Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

FANTASIAS

Tenho, às vezes, desejos delirantes
De a todos te roubar, meu lírio amado!...
E levar-te, em voo arrebatado,
Aos países fantásticos, distantes.

À Índia, China, ou o Irão, e os meus instantes
Passá-los, a teus pés, grave e encruzado,
Num tapete chinês aveludado,
Com flores ideais e extravagantes.

Nossa vida seria — ó pomba minha! —
Mais leve do que a asa da andorinha,
E, nas horas calmosas, eu e tu...

Olhando o mar sereno, o mar unido,
Comeríamos os dois arroz cozido...
Embalados num junco de bambu!

A BIOGRAFIA DE SATÃ

A Trindade Coelho

Eu vou contar a grande lenda escura
Do fulminado trágico da Luz...
Seu antigo esplendor e sorte dura,
Quando andava entre os povos da Escritura,
E comprava os juízes de Jesus.

Ele é o Velho Mal, o Orgulho, o Enfado,
E somente Satã é um pseudónimo.
É o autor do Remorso e do Pecado,
O morcego da Bíblia, e o cão danado
Que espancava de noite S. Jerónimo.

No tempo em que era belo, grande, e forte,
Fez a guerra dos astros contra Deus.
Tem-lhe sido inconstante e vária a sorte.
Andava roto e pobre, por Francfort,
Nos bairros tortuosos dos Judeus.

Ó Anjo expulso, triste, e escarnecido,
Que foste mais fulgente do que o dia!...
Deus adorado em Delfos, mais em Gnido,
Ai! quem mais do que tu terá sofrido,
E teve essa ideal melancolia!...

Já Vieira contra ti, perdendo o tino,
Fez dos seus crus libelos um açoite.
Fez-te sonetos lúbricos o Aretino,
E S. Tomás contou o teu destino,
E as aventuras célebres da noite.

Quem dirá os espinhos que cingiste,
Quem pesará teu cálix de agonias...
E quantos longos séculos carpiste,
Aquele luz que cai magoada e triste,
Ó grão crucificado de ironias!...

Eu sei que hoje estás morto ou retirado,
Ó corvo escuro e mau do firmamento!...
E que andavas no mundo, envergonhado,
Já doentio, calvo, e desdentado,
E que era o teu catarro a voz do vento.

Tu foste sábio, confessor, e médico
Nos tempos legendários, medievais.
Eras às vezes místico e profético,
E o mocho que adejava escuro e tétrico
Nos conventos, igrejas, catedrais.

Eu sei que foste tu que, um dia, impuro,
Tentaste a castidade de Raquel.
Em Delfos desvendavas o futuro,
E, cheio dum pavor trágico e escuro,
Deixaste envenenar-te Daniel.

Em Sodoma, na noite derradeira,
Tentas as filhas sensuais de Loth.
Fazes de Roma toda uma fogueira!...
E és tu mesmo que escolhes a figueira,
A Judas, natural de Iscariote.

Foi *Ele* que abrasou na carne, um dia,
A tribo sensual de Benjamim.
Pregou na catedral de Alexandria.
Era pai dum senhor de Normandia.
Foi amigo de Nero e de Caim.

Ia tentar o asceta à sua cela,
Nos claustros escuros do Ocidente.
Aos Magos escondeu, nos céus, a Estrela,
E andava disfarçado em sentinela,
Guardando o Justo, o Bom, o Resplendente.

Ao homem tinha uns ódios velhos, trágicos,
E era ele o que andava entre as pelejas...
Corrompeu os conselhos areopágicos.
E fazia roubar, pelos seus mágicos,
As hóstias consagradas nas igrejas.

Fazia distrair a S. Clemente
Com a bulha invisível de corcéis...
E era ele, nas horas do poente,
Quem apagava as luzes, de repente,
Quando oravam nos templos os fiéis.

Tomava, às vezes, ordens e a tonsura,
E benzia as prostradas povoações...,
Fazia a voz, então, austera e dura,
Explicava os segredos da Escritura,
E cantava, entre as lentas procissões.

Dava, num tom dogmático, uma ideia,
E vinha discutir com S. Tomás.
Iniciava os sábios da Caldeia.
E, nos bíblicos tempos da Judeia,
Andava a intrigar Cristo com Caifás.

Tem no rosto o descor dum fulminado.
Era mulher nas lendas monacais:
Outras vezes gigante e corcovado.
E vagava, no mundo disfarçado,
Como os deuses, nas formas de animais.

Nas regiões serenas, luminosas,
Encontra-se inda os seus lúcidos rastros.
Ó constelações felizes, piedosas!...
Inda, às noites, chorais, silenciosas,
A gande luta bíblica dos astros?...

Nasceu nas doces, puras regiões?
Ah! quem dirá onde nasceu Satã?...
Nasceu entre as demais constelações?
Comandava as flamantes legiões?
E seria seu pai Leviatã?...

Nesses tempos do exílio as penas mestas
Júpiter não sofrera inda proscrito...
Ápis não inventara suas festas,
Não errava inda Pã pelas florestas,
E não ladrava Anúbis no Egito.

Pára, aqui, neste ponto, a humana lista.
Quem sabe se do velho Caos nasceu?...
Só quando, contra Deus, a lança enrasta,
É que segundo, o Eleito, o Evangelista
Não se acha mais o seu lugar no Céu.

ÁGUA-FURTADA DUM ORIGINAL

Eu moro, altivo e só, numa trapeira,
Doce e alegre, onde as pombas deixam rastos...
Exposta todo o dia à soalheira,
E onde passo, dormindo, a vida inteira,
Nas vizinhanças límpidas dos astros.

Como na era feliz das serenadas,
Das graves castelãs nos seus balcões,
E góticas varandas recostadas...
Vejo, em baixo, passar as cavalgadas,
Os enterros e as lentas procissões.

Professo o culto só do *far niente*,
Deitado, todo o dia, num colchão...
Na posição imóvel dum vidente,
Fumando o meu cachimbo, eternamente,
Com os tranquilos modos dum sultão.

Ó filhas do *spleen* malfadadas
Vãs poesias, sem razão nem senso!...
Ó *sebentas* do estudo empoeiradas,
E tristes quais sultanas desprezadas,
A quem o Grão-Senhor não deita o lenço!...

E vós teias de aranhas, inquietos
Tecidos, onde o sol brilha e reluz!...
Ó Musas que inspirais os meus sonetos!
Qual foi o deus, ó astros dos meus tectos,
Que vos criou ao seu *fiat lux*?

Sois vós que me escondeis, qual caracol,
E servis de cortina e bambinelas...
Quando eu declamo, envolto num lençol,
E as vizinhas que estão tomando o sol
A espreitar-me se põe entre as janelas!..

Ali tenho um cachimbo de cigano,
Sobre uns versos que fiz a uma Felícia.
E onde pus um retrato de Trajano,
Dentro dum casacão diluviano,
Sofrendo como César de calvícia.

Nas paredes estão frases simbólicas,
E aqui e ali borrados a carvão:
Uma Vénus com ar de grandes cólicas,
Um santo dumas barbas apostólicas,
E dois frades jogando o bofetão.

Mais ao pé, tenho as cartas de namoro,
E uma Bíblia mui velha, onde no fim...
Se pinta o Padre Eterno, em nuvens de ouro,
Tendo, num grande pé, chinelo mouro,
E vestido com ar de mandarim.

Defronte, ri, sinistra, uma caveira,
A que pus uns bigodes com cortiça,
E dum truão a loura cabeleira...
Que me acompanha a rir da vida inteira,
Como um Marte do Papa ajuda à missa.

Ao lado mora-me um vizinho manco,
Que faz dos sinos único regalo...
E goza da união dum saltimbanco,
Que anda pintado de vermelho e branco,
E toda a noite canta como um galo.

Defronte, uma vizinha costureira,
Doce lírio, que treme a um vento vário...
Que canta a manhã toda e a tarde inteira,
E tem deixado cá para a trapeira
Duas vezes fugir o seu canário!...

Toda a noite o sineiro tem secretos
Desejos de espreitar como é que eu passo!...
Imita o som dos sinos indiscretos,
E canta, numa voz que abala os tectos,
Ao som das cambalhotas do palhaço.

E assim eu vivo só numa trapeira,
Onde as penas das pombas deixam rastros...
Exposta todo o dia à soalheira,
E onde passo dormindo a vida inteira,
Nas vizinhanças límpidas dos astros.

BILHETE DUM ESTUDANTE

Daquele esguio telhado
— Onde tu sabes que eu moro —
Eu acho os astros dum ouro
Já bastante mareado!..

Nenhum deles vale a trança
Dos teus cabelos compridos!...
Por isso meu peito lança
Ao teu telhado gemidos.

Se eu fosse Deus, minha amada,
— Dar-te-ia, Satã me esfole! —
Uma cartinha fechada,
Servindo de lacre o Sol.

Mas sou um prédio em ruínas,
— Não tenho nada comigo! —
Sou um deus, feito mendigo,
Que tomo o sol às esquinas.

Divago, roto e contente.
— Odeio um lente... e o Filinto!
E, sob este azul clemente,
Triunfo, alegre e faminto.

Meus deuses são Vico e Dante!
E gosto, no meu caminho,
Encontrar Minerva amante,
E as Musas cheias de vinho.

Como um barco sem amarra,
Navego, túrgidas velas.
E desafio as estrelas,
À noite, sobre a guitarra.

E a cabelo louro ou a preto,
— Fragilidades do barro! —
Envio sempre um soneto,
Na mortalha dum cigarro.

Vago sem norte e sem tino.
— Ninguém me estende o seu braço! —
Quer-me por força o destino
Comendador ou palhaço.

POST-SCRIPTUM

Desculpa-me, flor amada,
— Ó minha Musa divina! —
Não fui ontem à escada,
Por que empenhei a batina.

A LADY

Aquela que me tem, agora, presa
Minha alma, meus sentidos, meus cuidados...
E me faz sonhar sonhos desmanchados,
É uma altiva e olímpica inglesa.

Nunca tipo ideal de mais pureza
Vi nos góticos quadros mais prezados...
Seus doces olhos castos e velados
Têm um ar, infinito, de tristeza.

Tem uns gestos de deusa que caminha,
Fronte grega, e um ar grande de Rainha,
E umas mãos, como as *ladies* de Van Dyck...

Segue-a sempre um laçao, e tristemente,
É por ela que eu morro, lentamente...
E ponho no bigode *cosmétique*.

HUMORISMO MÍSTICO

Ao Dr. Tomás de Carvalho

Quando eu morrer, se acaso inda prezares
Aqueles nossas digressões antigas
Ao verde campo, e as joviais cantigas
Da aldeia inda apagar os teus pesares...

Se, acaso, inda a giesta, o rosmaninho,
A laranjeira e o grande muro branco,
Te lembram... e te vais sentar no banco
Às tardes... junto às tílias do caminho!...

Se, acaso, aquele nome solitário
Que eu fui gravar um dia no pinheiro,
Vinha descendo o Sol... como um guerreiro
Cheio de sangue... atrás do campanário...

Se, acaso, aquele nome o tronco duro
Inda o guardou fiel... e a laranjeira...
E eu não passei por este vale escuro
Como uma ave lúgubre e estrangeira!...

Se acaso inda te lembras desse, a quem
Tanta vez tu vestiste com as tranças...
E, à cova, em que eu jazer, vier *alguém*,
Sem ser as meigas pombas e as crianças!...

Se acaso aquele fogo em que te abrasas
Inda não se apagou!... nem o encanto!...
Mais que a ideal palpitação das asas,
Ser-me-á doce, meu bem! ouvir teu pranto.

E nessa cova então bela e dourada,
— Como a nossa união antiga e calma —
Colhe tu uma flor branca e raiada...
Que nessa flor ocultarei minha alma.

Toma cuidado nela... Ali se encerra
O que amaste!... e, ai! não vás como as mulheres,
Curiosas de amor, lançando à terra
As folhas virginais dos *malmequeres*.

Planta-a dentro dum vaso predilecto.
Entre os outros, à luz... sobre a sacada...
E eu gozarei como um prazer secreto,
Sentindo a tua mão pequena e amada!

Será esse o meu gozo derradeiro!
O meu sol, meu azul, o meu espaço!
E, ao sentir-me *regar* pelo teu braço...
Lembrar-me-á o teu ósculo primeiro.

Lembrar-me-á a giesta, o rosmaninho,
A laranjeira e o grande muro branco,
E quando íamos falar, no velho banco,
Às tardes... junto às tílias do caminho!

ROMANTISMO

Quando ergue o transparente da janela,
Ou que o seu quarto se inundou de luz,
Eu amo vê-la, sedutora e bela,
Longos cabelos sobre os ombros nus.

Oh como é bela! e como a fico a olhar,
Dos seus cabelos desatando a fita!...
Lembram-me as virgens que do austero Ermita
Vinham as noites de orações tentar.

Oh como é bela! Tem na luz do olhar
Quais violetas quando as fecha o sono,
Não sei que doce e lânguido abandono,
Não sei que vago que nos faz cismar!

Como eu a espreito, palpitante o seio,
Como eu a sigo nos seus gestos vários,
Naquele quarto, aquele ninho cheio
Da doce voz dos joviais canários!...

Como eu quisera ser, nos sonhos dela,
Um rei das lendas, o fatal *D. Juan*,
Pirata mouro, em galeões à vela,
Com minaretes sob o céu do Irão!...

Como eu quisera — e que vontade intensa! —
Só pelo brilho dessa longa trança,
Ser cavaleiro de invencível lança,
Ou rei normando duma ilha imensa!...

Como eu quisera, no seu pensamento,
Ser o rei bardo no rochedo duro,
E ambos, fugindo, recortar o vento,
Sobre a garupa dum cavalo escuro!...

Se me morresse, que comprido choro!
Como vergara sob a cruz de Malta!
Como eu deitara a minha taça de ouro,
Por causa dela, duma torre alta!...

.....

E assim por ela fico preso, enquanto
O Sol se esconde no Ocidente triste...
Um cravo murcha, numa jarra, a um canto,
E as aves voam, debicando o alpiste.

A FOME DE CAMÕES
(POEMA EM 4 CANTOS)

CANTO PRIMEIRO

A TRAGÉDIA DA RUA

Quando no mundo o Génio abandonado
expira à fome e ao frio, indignamente,
um lívido remorso ensanguentado
sacode o mundo tenebrosamente.
Como o arrepio dum terror sagrado,
alguma cousa grita intimamente:
como uma voz terrível que suspira
nas cordas vingativas duma Lira.

E essa Lira é só feita de ameaças.
Essa Lira é só feita de vinganças.
Essa Lira só fala de desgraças,
de antigos crimes, de cruéis lembranças.
Essa Lira espedaça e quebra as taças,
cala os festins, e faz parar as danças,
e essa Lira ai! da trágica inocência
é a Lira terrível da Consciência.

E a Lira diz: O que fizeste, ó mundo!
das grandes almas únicas, sagradas,
das grandes fronte dum sonhar profundo
que eram as fronte as mais bem-amadas?
O que fizeste desse abismo fundo
de vontades mais rijas do que espadas,
desses simples e santos corações
que faziam chorar as multidões?

O que fizeste dessas línguas de ouro
que sabiam pregar como os profetas?
Como enxugaste o seu comprido choro?
Como arrancaste as pontiagudas setas?
O que fizeste, ó mundo! do tesouro
que vós homens mortais chamaís poetas:
mas cujo nome de harmonias belas
só o sabem as Cousas e as Estrelas?

Deitaste ao lodo, à rua, e aviltamento
esses que adora a Natureza inteira,
esmagaste entre as pedras o talento,
os seus crânios quebraste, na cegueira!
As suas cinzas espalhaste ao vento!
Profanaste os seus louros na poeira!
E repousam sem lástimas nem lousas
os que viam as lágrimas das Cousas!...

Por isso me ouvirás em toda a parte
como um soluço e um grito vingador,
numa alta torre, atrás dum baluarte,
entre os festins, nas convulsões do amor.
Na paz, ou levantando o estandarte
da guerra, escutarás a minha Dor.
Porque eu, ó mundo! guarda-o na lembrança,
Eu sou a Lira, e a minha voz Vingança!

E o mundo escuta, indefinidamente,
a voz da Lira a protestar terrível.
Ouve-a na sombra, ou pelo Sol-poente,
se o vento dobra o canavial flexível,
ouve-a nos sonhos, ouve-a intimamente,
numa contínua música inflexível,
até que enfim vencido nesta liça
o mundo clama: «Faça-se a Justiça!»

Era uma noite lívida e chuvosa,
ermas as ruas, ermas as calçadas.
Nada cortava a solidão brumosa,
nem ais de amor, nem gritos de facadas.
Das nuvens colossais acasteladas
somente a meia lua silenciosa,
boiava em morto céu ermo de estrelas,
como um navio que perdeu as velas.

Quem é que cruza à chuva e à ventania,
à meia-noite, as ruas solitárias?
És tu santa Miséria, que de dia
foges da luz do Sol, o pai dos párias?
Ou és tu Fome ou Vício, que sem guia,

vais nas noites sem lua, mortuárias,
provocar o Deboche e os estrangeiros
à baça luz dos tristes candeeiros?

Ó Destino! ó Destino! eu sei a história
de muitas das tragédias soluçantes,
de muito nome que esqueceu a Glória,
de muitos prantos que caíram dantes!
Sei que riscam teus dedos flamejantes,
como uma sina má, muita memória,
e que nada há maior e mais escuro
do que brilhante e o bronze do teu muro!

Mas não quero contar o drama agora
do Brilhante, do Leque, e do Farrapo,
da meretriz que no bordel descora,
do amor do Charco, do histrião, do sapo;
nem a farsa de sangue a toda a hora,
do Ouro e do Veludo, o rico trapo,
nem a sina imoral sinistra e crua
da história diabólica da Rua.

Um dia eu contarei a estranha lenda
ó Destino! dos teus encantamentos,
seguirei, passo a passo, a tua senda
ó Miséria! e direi os teus tormentos.
Para que a alma da Ralé aprenda,
contarei os cruéis temperamentos,
Direi o Incesto a amamentar os filhos,
e o Parricida a esvaziar quartilhos.

Um dia acenderei a selva escura
das almas que sufocam à nascença,
das noites só riscadas de amargura,
como um fósforo risca a treva densa.
E com a ponta dum brilhante duro
marcar-te-ei ó trágica Doença
que vais, limpando as lágrimas internas,
fazer um *toast* à Morte nas tabernas.

Um dia evocarei os teus mistérios,
ó tragédia da Rua e os teus segredos,
mais funestos que os tristes cemitérios,
mais profundos que os bastos arvoredos:
direi sonhos, desejos quase etéreos,
desejos que têm asas nos degredos,
duma alma que ama o Azul, o Azul almeja,
como a agulha da torre duma igreja.

Um dia esfiarei todo o rosário
da Inocência e da Fome aventureira,
do Luxo, do Egoísmo solitário,
do Génio soluçante na trapeira,
da Virtude embrulhada em seu sudário,
pedindo esmola à sua irmã rameira,
e o Crime dando bailes de aparato,
enquanto o Justo expira no grabato.

Descobrirei as contas da Avareza
junto ao esquife duma virgem bela,
o Tédio bocejando à lauta mesa,
a Fome da mansarda na janela,
a Inveja ululando contra a presa,
como uiva à lua a lúgubre cadela,
e o Suicídio, nas manhãs geladas,
espedaçando o crânio nas calçadas.

Um dia cantarei a ladainha
da Desgraça e da Forma triunfante,
da Espada que tilinta na bainha,
da Máscara que ri e passa avante,
da Fome que ergue as mãos e se desfinha,
do Leque, da Batina, e do Brilhante
das lágrimas mortais do eterno Entrudo,
das misérias do Cancro e do Veludo.

Por que tem muito que cantar o império
e o inferno da Carne e dos desejos,
porque é eterno e lívido o mistério
da Morte. São eternos os almejos.
Por que há lágrimas do berço ao cemitério,

há lágrimas no Amor e até nos beijos,
prantos comuns e de grotescos traços
nas misérias dos reis e dos palhaços.

Porque tem muito que cantar as cenas
ó Rua! das estranhas odisseias
das tuas festas, procissões serenas,
do negro sangue que te agita as veias.
Porque há remorsos, lágrimas e penas
entre os motins e os frenesins das ceias.
Porque nesta funesta e eterna farsa.
ai! tanto chora o actor como o comparsa.

Porque há bastantes corações vencidos,
altos desejos que não mais voaram,
sinistros ais e íntimos gemidos
lágrimas mudas que se não choraram.
Sim, há soluços que não são ouvidos,
lágrimas mortas que se congelaram,
numa miséria, um abandono nobre
como um enterro numa rua pobre!

Porque ninguém conhece onde termina
o trejeito que ri, soluça, engana,
porque a eterna Máscara domina,
e é uma esfinge cada face humana.
Porque a Morte em nós ceifa uma ruína,
quando nos rouba na asa desumana,
e esta mulher que ri com tanta graça,
é talvez uma lágrima que passa!

Mas agora eu só conto o Irrevogável,
mais monstruoso do que um sonho ardente,
conto a história funesta, inexorável,
do Génio morto à fome, indignamente.
Quero narrar o que é o inarrável!
fazer sentir o que jamais se sente,
fazer chorar o choro masculino
do Génio contra a noite do Destino!

O Génio é um arcanjo refulgente
que enrasta a lança contra a escura Sorte,
tem no seu gesto uma expressão potente,
que diz: eu quero! e empalidece a Morte.
Para o Vulgo porém vil inclemente,
e o Destino esse cego antigo e forte,
é um guerreiro trágico e proscrito,
e a frente tem com um luar maldito.

Este vulto, portanto, que caminha
altas horas, ao frio das nortadas,
é Camões que de fome se define
nas ruas de Lisboa abandonadas.
É Camões a que a Sorte vil mesquinha
faz em noites de fome torturadas,
ele o velho cantor de heróis guerreiros!...
vagar errante como os vis rafeiros.

Morreu-lhe o escravo, o seu fiel amigo,
o seu amparo e seu bordão no mundo,
morreu-lhe o humilde companheiro antigo,
no seu peito deixando um vácuo fundo.
Hoje pois triste, velho, sem abrigo,
faminto, abandonado e vagabundo,
tenta esmolar também pelas esquinas.
O' lágrimas!... O' glórias!... O' ruínas!...

Mas não estende o valoroso braço,
que outrora trabalhou entre os guerreiros,
a mão recusa-se a suster o passo
dos transeuntes raros, sobranceiros.
A Fome rói-o, curva-o o cansaço.
Cospem-lhe a neve, a chuva, os aguaceiros.
O' calçadas fatais! nas enxurradas
vai muito fel de lágrimas choradas.

O' Capitais! O' Capitais egoístas!
duras velhas mais duras que o granito!
há caso mais sublime às vossas vistas
que mais vos deva merecer um grito,
mais negro, mais cruel para os artistas,

mais sagrado, dramático, infinito,
que mais abale os nobres peitos francos
que um Génio pobre e de cabelos brancos!?...

O Génio continua à ventania
a errar pelas ruas silenciosas,
como um espectro que dissipa o dia,
como as grandes estátuas dolorosas.
Assim a noite vaga, na agonia
dos mártires das noites trabalhosas,
até que o sol jorrou pelas vielas,
e ensanguentou os olhos das janelas.

Começam-se a ouvir esses rumores
das capitais egoístas acordadas,
a música dos carros chiadores
que chegam das aldeias retiradas.
Recomeçam as pombas seus amores
sobre as brancas igrejas penduradas,
e nas torres dos astros companheiras,
a palpar, nas glórias, as bandeiras.

Começam-se a ouvir as matutinas
músicas da cidade, e as alegrias
dos galos com as notas cristalinas
dos sinos com estranhas sinfonias.
O sol lava de glórias as colinas
as torres, os beirais, as gelosias,
e como a moça que um amante beija
avermelham-se os vidros duma igreja.

Dos pássaros retinem os gorjeios
nas árvores, nas pontas dos eirados,
os vis riachos, os lodosos veios,
correm ralhando, ao sol, precipitados,
os cavalos remordem os seus freios,
vão passando aldeões para os mercados,
e atrás dos lentos carros os boieiros
vêm sombrios, graves, e trigueiros.

Somente ao Génio uma tristeza enorme
entenebrece todos os ruídos,
como um sombrio coração que dorme,
que já não tem nem sonhos, nem gemidos!
Só sente uma saudade estranha, informe,
como aroma dos tempos revolidos,
das grandes selvas, sombras e palmeiras
quando o sol desce as íngremes ladeiras.

Os aldeões tisonados dos trabalhos,
recomeçando as horas das fadigas,
recordam-lhes os épicos carvalhos
a sombra, os bois, as sextas tão amigas!
Fazem lembrar-lhe as curvas dos atalhos,
a ermida, a fonte, os fenos, e as cantigas,
que ele escutara, pelas luas claras,
às louras raparigas nas cearas!

Lembram-lhe a Índia, os templos monstruosos,
com seus deuses terríveis, singulares,
as árvores de frutos venenosos,
as bastas selvas, os gentis palmares!
Lembram-lhe os tigres ruivos, sequiosos,
que vão beber a rios como a mares,
e pelas noites imortais, eternas!
o luar nas figueiras das cisternas.

E ele quisera achar-se em alto monte,
em cima tendo os astros por juízes,
dizendo adeus ao sol no horizonte,
acabar os seus dias infelizes:
na boa terra Mãe deitar a fronte
e entre as vegetações, entre as raízes,
misturar sua vida e acerbos dores
com as almas das plantas e das flores!

Para o velho cantor eram fugidos
ai! como luz que para sempre expira,
os belos tempos jovens e luzidos,
as mulheres ideais que o Amor inspira!
Rotos, à chuva, os trágicos vestidos,

posta de parte, empoeirada a lira,
achava-se hoje numa rua, ó mundo,
velho, faminto, pobre, e moribundo!

Sem ousar mendigar, como um vadio,
vaga nas ruas da Cidade egoísta.
A tarde chega, o belo sol fugiu.
A noite vem, que o coração contrista.
Irrompe a lua sobre a verde crista
dum monte ao longe, e no lajedo, ao frio,
o Génio cai enfim, hirto e sem fala,
como um cadáver que se deita à vala.

Neste momento uma mulher gigante,
que pareceu sair dum pesadelo,
pálida e triste, qual saudade errante,
deixando ao vento as ondas do cabelo,
tão magra como a Sombra, o seu semblante
toldado dum desgosto imenso e belo,
chegou-se ao Génio hirto e abandonado,
como a visão dum sonho torturado.

E disse-lhe: «Bem perto desta rua
dar-te-ão, ó mendigo, uma guarida,
não dormirás à lividez da lua
e terás leito onde acabar a vida.
Se a Sorte te esmagou, a Sorte crua,
ergue a cabeça pálida e abatida,
e ri contente, ó triste, para a essa,
que em breve vai findar a tua peça!»

A mulher ajudou a levantá-lo.
Cingiu o braço ao Génio moribundo.
A Morte que passava em seu cavalo
deu-lhe um sorriso lívido e profundo.
«O teu semblante, ó velho, dá-me abalo»,
disse a mulher. «Não é vulgar no mundo!
Dize-me pois que coisas tenebrosas
te hão cavado essas rugas dolorosas!»

«Eu fui», o Génio disse, «um malfadado
cantor de heróis e feitos dos antigos!
Amei tudo que é grande e desejado,
e terrível lutei contra inimigos!
Sentei-me no castelo derrocado,
no deserto solar, cruzei os p'rigos!
E com saudade enfim destas colinas,
quis expirar-lhe, um dia, entre as ruínas!

«Ninhos fizeram no meu peito amores,
como andorinhas sobre as catedrais!
Conheço o aroma das malditas flores!
Sei os soluços dos compridos ais!
Sobre o deserto pálido das Dores,
ninguém como eu peregrinou jamais!
E pelas noites regeladas, cruas,
chorei com fome, errando, pelas ruas!

«Porém que porta negra agora abriste?
Que aspecto é este morto e desolado?
Acaso o inferno depois disto existe?
Acaso é pesadelo desmanchado?»
«Cala-te!», disse a Sombra magra e triste.
«Cala-te, ó Génio imenso, desgraçado!»
E com sorriso de expressão fatal
a Sombra concluiu: «E' o hospital!»

CANTO SEGUNDO

NO GRABATO DO HOSPITAL

É alta a noite. A lâmpada vacila,
como um pranto, na vasta enfermaria.
Um marmóreo suor frio cintila
sobre a fronte do Génio, na agonia.
O Génio vai morrer; sobre a pupila
treme-lhe um pranto à luz baça e sombria,
mais triste do que o luto duma sina,
e um soluço através duma ruína.

Junto do leito uma mulher estranha,
com grandes olhos tristes e parados,
contempla-lhe o suor frio que o banha,
e abraça-o com seus braços descarnados.
Como um sol que se põe numa montanha,
são frios os seus olhos encovados,
hirta, severa, trágica a postura,
como imagem de antiga sepultura.

«Já viste», diz-lhe o Génio, «ó mulher triste!
que me olhas com teus olhos impassíveis,
morrer no mundo alguém? Acaso viste
as lágrimas da morte irremissíveis!
Acaso, ao magro peito já cingiste
uns braços que enfim caem insensíveis,
alguns braços de irmão que te apertaram,
e que até às entranhas te gelaram?

«Já conheceste as grandes despedidas
as despedidas sepulcrais, eternas?
Já sabes quanto dói irem-se as vidas,
formas, e almas que nos foram ternas?
Sabes o fel das lágrimas vertidas,
ou o sangue das lágrimas internas,
num rosto amado, uns olhos, um cabelo,
que a alma sabe que não torna a vê-lo?!»

«Ai! sim», a Mulher diz com voz gelada
que pareceu sair dentre saudades,
calcadas como lírios numa estrada,
terríveis como pálidas verdades.
«Eu cruzei já os reinos e as cidades
do luto, e da miséria desolada,
e vi mágoas, e gentes falecer
que ninguém viu, nem tornará a ver!»

E continuou a olhá-lo fixamente
com o seu olhar trágico e marmóreo,
e um suspiro vibrou profundamente
dolorido, no vasto dormitório.
Como através dum sonho incoerente,
neste sonho da vida transitório,
o Génio leu, no seu olhar parado,
todo o luto e terror do seu Passado.

«Ah! já sei quem tu és», o Génio clama
na rápida centelha dum delírio.
«Tu és a Musa que apregoa a fama,
a Musa meu amor e meu martírio!
Foste tu que acendeste em mim a chama!
Nessas pálpebras roxas como um lírio,
na palidez, nos lábios desbotados,
vejo a Musa dos génios desgraçados!

«Tu és a Musa sim desses errantes
e tristes peregrinos do Ideal,
desses loucos e estranhos viajantes
que andam à busca duma flor fatal,
duma flor de tons ricos, cintilantes,
duma camélia azul e boreal:
até que morrem numa praia nua,
ou nos gelos, a um raio azul da lua!

«Foste tu que inspiraste sempre os cantos
que eu dediquei à Glória e à Natureza!
Ah! foste tu que me enxugaste os prantos,
e ao luar me falaste de tristeza.
Desci contigo ao reino dos espantos!

Contigo à tarde fui pela devesa!
Contigo à noite fui, pelas florestas,
apanhar *boas-noites* e giestas!

«Contigo eu devassei esses segredos,
das raízes, das Cousas, das Origens,
do germinar dos lírios e arvoredos,
e fiz aos astros soluçar as virgens.
Contigo fui, nas pontas dos rochedos,
debruçar-me do abismo nas vertigens,
e andei errante pelo mundo à toa,
como folha que vai numa lagoa.

«Mas hoje gela-me o suor na testa
e convulsa-me o corpo um calafrio.
Desejo, sonho, amor, nada me resta!
Nada sacorde meu cadáver frio!
Contigo não irei pela floresta!
Não mais irei contigo pelo rio!
porque o sopro vital em mim expira,
como as cordas que estalam duma lira!»

«Não sou a Musa», disse a Sombra. «Não!
Mas tenho visto os prantos dos amantes,
e a desolada e lívida expressão
dos seus gestos, nos últimos instantes.
As cristalinas lágrimas brilhantes
tenho aparado nesta magra mão;
cerrado os olhos com meus frios dedos,
e escutado os seus últimos segredos!»

E, continuou a olhá-lo fixamente,
com o seu olhar trágico e marmóreo,
e um suspiro vibrou profundamente
dolorido, no vasto dormitório.
Como através dum sonho incoerente,
neste sonho da vida transitório,
o Génio leu, no seu olhar parado,
todo luto e terror do seu Passado.

«Ah! já sei quem tu és», o Génio brada.
«Conheço-o agora em teu olhar funesto.
Leio-o na tua fronte amargurada,
e na expressão sinistra do teu gesto.
Tu és uma saudade aos pés calcada,
o lírio dum desgosto estranho e mesto,
tu és a prole da Lágrima e da Dor.
És o sinistro e monstruoso Amor!

«Mas não és esse Amor doce e sereno,
nascido da Beleza, o Amor antigo,
irmão das Graças, lírico e pequeno
amando o riso, o campo, e o sol amigo!
És o Amor desolado como um treno,
terrível como o açoute dum castigo,
e empunhando na dextra ensanguentada
um ramo de ciprestes e uma espada!

«Como eu sofri das largas cicatrizes,
que abriste no meu peito, sem piedade!
Como eu cantei meus sonhos infelizes!
Como eu te amei ao sol da mocidade!
Como inda sinto as pontas das raízes
do amor que alimentei, e com saudade
lembram-me as tardes que ia nos caminhos,
pensando em ti, sentindo teus espinhos!

«Mas hoje mocidade, vida alento,
tudo se foi, para não mais voltar!
Vai dissipar-se tudo, como ao vento,
do fim da tarde o fumo azul dum lar!
Já sinto flutuar-me o pensamento
como uma flor aquática num mar,
e nas páginas do livro dos meus ais
a Sombra pôr o triste *nunca mais!*»

«Não sou o negro Amor, irmão da Pena»,
a Sombra disse, «e não empunho espada,
mas tenho visto a tenebrosa cena,
da tragédia da Vida malograda.
Tenho visto a blasfémia que condena,

a lágrima que queima ensanguentada,
a lágrima que gela e que não corre,
como um desejo que estacou, e morre!»

E continuou a olhá-lo fixamente
com o seu olhar trágico e marmóreo,
e um suspiro vibrou profundamente
dolorido, no vasto dormitório.
Como através dum sonho incoerente,
neste sonho da vida transitório,
o Génio leu, no seu olhar parado,
todo o luto e terror do seu Passado.

«Conheço-te afinal», num grande brado
o Génio diz. «Tu és a velha Glória,
mas a Glória do génio amaldiçoado,
a Glória das lágrimas da História!
És a Glória do génio e do soldado
que expira soluçando e sem memória,
num doloroso e lívido arrepio,
como um cadáver que rejeita o rio.

«Deves ter visto as penas penetrantes,
como os bicos agudos do espinheiro,
as desveladas noites soluçantes,
mais negras do que o rosto dum guerreiro,
e as tristes magras mãos febreantes
que te buscam a ti, num derradeiro
esforço de ansiedade e de desdita,
com a blasfémia e a lágrima maldita!

«Ilusão! Ilusão! sonho que encerra
em si a pobre humanidade inteira,
louros que faz buscar a morte e a guerra
nuvem que foge, à hora derradeira!
Glória! nome vão, a quem a Terra
busca, e só palpa a lívida caveira,
como pálidas flores das ilusões,
que esmagaram os pés das procissões!

«Glória! nome vão! sonho e quimera,
íris triunfante de vistosas cores,
verme luzente que vagueia na hera,
sonho de estio entre luar e flores!
Ó giesta gentil da Primavera,
amendoeira da manhã de amores,
por que nos gelas do Destino à beira,
como a chuva que molha uma bandeira!?

«Glória! esfinge eterna que dominas
com teu olhar profético do Incerto,
que nos fazes sonhar verdes colinas
na poeira da areia do deserto,
Harmonia longínqua, mas que perto,
cremos ouvir, marchando entre ruínas,
e que de repente nos fulmina e estala,
como um conviva que morreu na sala!

«Como eu te procurei por vale e monte,
e me rasguei nas lanças dos espinhos!
Como eu vi teus acenos no horizonte
a ensinar-me as veredas e os caminhos!
Como eu te vi um dia numa ponte,
num zimbório, nuns campos entre ninhos,
e outra vez, numa lua sossegada,
a galopar nas pedras duma estrada!

«Vi-te ainda outra vez, ao vento frio
duma tremenda e lúgubre procela.
Estendias-me a mão, entre o assobio
do nordeste e das ondas, branca e bela.
Bem te vi, eras tu, e foi aquela
santa energia, que hoje já fugiu,
foi esse teu olhar que hoje desmaia,
que exausto e salvo me atirou à praia!

«Mas só hoje te vejo claramente!
Só hoje, fundo, nesses olhos leio!

Tardaste muito em vir, Sombra inclemente!
Já muito tarde o teu auxílio veio!
Desalentado, pálido, doente,
nenhum alento me comove o seio!
Podes levar, ó Sombra! o teu tesouro.
Não vale tanto suor teu verde louro!»

«Não sou Amor, nem Musa, nem Glória»,
a Sombra disse, «nem talentos faço.
Mais terrível, funesta é minha história!
Mais duro e horrendo o peso do meu braço!
Não colho os louros; sítios onde passo
traçam sulcos de sangue na memória.
Ah! mil vezes terrível é meu nome
tenebroso e profundo!... Eu sou a Fome.»

«A Fome!», o Génio clama dando um grito,
como um soluço último estridente.
«A Fome me conduz para o infinito!
A Fome é meu final, o meu poente!
Foi isto que ganhou meu braço ardente,
foi isto que ganhou meu estro escrito!
a agonia e o suor num mundo ingrato,
desilusões, e a enxerga dum grabato!

«Ó ilusões, ó nuvens peregrinas,
horas da mocidade já fugidas!
ilusões ó princesas perseguidas
galopando em fantásticas colinas,
ó brancas catedrais de pedra erguidas
com as santas, à tarde, purpurinas
vegetações, florestas, ideal
recebei meu adeus no hospital!»

«Como tu, tenho visto», disse a Fome,
«pender muita cabeça venerável,
muito crânio de génio, muito nome,
que eu lancei no abismo do insondável.
Muitos que a glória cega e que consome

duma selvagem sede insaciável,
tenho cingido como a tristes noivos,
e hoje estão nas raízes, e entre os goivos!

«Muitos tenho apertado entre meus dedos
que se hão finado num febril delírio,
e têm-me dito os últimos segredos,
com suas bocas lívidas de lírio.
Dormem alguns à sombra de arvoredos;
mas outros para mais mortal martírio,
ninguém lhe importa em seu desprezo fundo
onde estão os seus ossos sobre o mundo!

«Gigantes crânios de candente lava
têm repousado no meu magro peito!
Bem lindos corpos onde a morte crava
seus dentes, dormem sob o céu perfeito!
Mas, quando um génio como tu, no leito
mata ao abandono a geração escrava,
pelo universo, cúmplice sombrio,
corre um remorso, como um calafrio.

«Por isso eu vim colher-te, inda tremente
logo que expires, ó Génio, sem confortos,
a lágrima de mármore imponente,
que se gela nas pálpebras dos mortos.
Porque quero levar como presente
aos príncipes, aos povos absortos,
e aos astros a lágrima marmórea,
que num grabato derramou a glória!

«Mas, se acaso na terra e sobre os mares
ninguém avaliar este teu pranto,
acima irei das nuvens e dos areis
dos astros, dos planetas, do Espanto:
mais acima das Dores e dos Pesares,
da Justiça sublime ao trono santo,
às solenes e eternas regiões,
pedir justiça ao pranto de Camões.»

Dizendo isto a Sombra descarnada
debruçou-se do Génio sobre o leito.
Camões morria já: hirta e gelada
a Fome lhe cruzou as mãos no peito:
e a lágrima marmórea, regelada,
lágrima que infunde pávido respeito,
então colheu do rosto moribundo,
como um frio protesto contra o mundo.

CANTO TERCEIRO

O LENÇOL DO GÊNIO

O conde Vimioso em seu solar
dá uma ceia a nobres e senhores;
Estalam as risadas pelo ar.
Pelos copos espumam os licores.
A Gula e a Carne ali gozam a par:
fala-se em caças, touros, e de amores:
e riem dentre as suas pedrarias
marquesas que hoje estão em galerias.

Nisto um estranho velho entra na sala,
hirto e solene, como um quadro antigo;
seu porte triste pelos peitos cala,
seu ar hostil é como de inimigo.
Os risos param, emudece a fala,
como ao ver um remorso, ou um castigo.
Calam barões falando de corcéis,
e as damas com as mãos cheias de anéis.

E o velho disse: «Estranho é meu pedido!
Estranho sim! no meio duma festa:
mas venho por um morto protegido,
e este pedido os lábios não me cresta!
Para um Génio de que hoje nada resta,
para um Génio da fome consumido,
um Génio infeliz! um apagado sol,
venho pedir a esmola dum lençol!»

O lúgrebe pedido num momento
fez em todos roçar um calafrio:
figurou-se-lhes o gesto macilento
da Morte, ao longe, em seu corcel sombrio:
figurou-se-lhes a Febre, o Passamento,
e a Doença em seu catre húmido e frio,
e as damas, os barões, e os cavaleiros
perderam os sorrisos zombeteiros.

Porém o Conde dominando o gelo
do terror que estragava a sua ceia,
e desmaiava o busto grego e belo
da mulher por quem todo se incendeia,
com um riso que tem do orgulho o selo
bradou ao velho cujo sério odeia:
«Que génio é esse então, bom velho honrado,
que comparais ao sol já apagado!?»

Todos riram. Um riso irresistível
omnipotente, intrépido, animal,
pela sala estalou, bronco e terrível,
como um insulto e a folha dum punhal,
O rude velho trágico, impassível,
deixou passar aquele vendaval,
depois num rir, de irónico respeito,
os longos braços encruzou no peito.

«Zombai», o velho disse, «altos senhores!
e magníficas damas cintilantes,
nas ricas pedrarias, plumas, flores,
mais brancas do que os vossos diamantes!
Zombai ao pé dos vinhos, dos licores,
das baixelas lavradas, dos amantes,
desta cousa tão cómica e sem nome...
dum Génio pobre e que morreu de fome!»

E o velho riu: «Ah! de que serve, é certo,
um Génio infeliz? um portador, de lira!?
de que serve dos Prantos no deserto
um instrumento que uns sons doces tira?!
Um Génio é lava que importuna ao perto,
e um grande crânio que o talento inspira,
se com seu canto consolou as almas...
que coma o louro e as triunfantes palmas!...

«Ah! que servem andar como faróis,
como Moisés a conduzir um povo,
alvoroçando as almas para os sóis,
num canto heróico, original e novo?
Se com os prantos destes rouxinóis

que alvoroçam e turbam, me comovo,
talvez vos choque e às almas verdadeiras
que não façam crescer as sementeiras!»

E o velho riu. «As glórias do Passado
dos heróis e dos feitos doutra idade
nos castelos, no mar ilimitado,
hoje fazem sorrir a mocidade!
As glórias de avós só tem o lado
poético de dar solenidade
e grandes tons magníficos, imponentes,
nas salas, entre as telas de parentes!

«Ele, o Génio, cantou esses combates,
dos homens, e das forças do insondável
da eterna Dor, naufrágios, e os embates
terríveis do que é frágil e mudável!
Castigou com a sátira os dislates
do arbitrário, do injusto, e miserável.
Foi poeta, filósofo, e guerreiro.
Só nunca conseguiu ser um toureiro!...»

E o velho sorriu amargamente,
com um sorriso cáustico, sombrio,
num riso superior em que se sente
uma alma forte que jamais faliu.
O Conde então, bradou-lhe secamente,
com um grande ar todo solene e frio:
«Antes de tudo dir-me-ás primeiro,
se és fidalgo, peão, ou cavaleiro!

«E narra-nos depois, miudamente,
a mim, aos cavaleiros e senhores,
e às preciosas damas, que ao presente
te escutam, piedosos sempre às dores:
narra-nos essa história surpreente
desse génio infeliz, e esses horrores,
que trazes, como vejo, na lembrança,
com mais respeito que a dos pares de França.»

De novo tudo riu. Toda a sonora
e ampla sala ecoou com as risadas.
Viam-se rir as bocas cor de aurora
das magníficas damas decotadas.
Duquesas louras, tranças cor de amora,
com belas mãos, macias, delicadas,
abafavam o riso em transparentes
lenços lacerados entre os dentes.

O velho ergueu-se em toda a majestade
e bradou numa voz terrível, dura,
que fez cessar de pronto a hilaridade,
pelo tom nunca ouvido de amargura:
«Ah! infeliz, indigna Humanidade
mil vezes infeliz! se a Criatura
sempre se risse assim do que é sublime
ou quando o mundo se infamou num crime!

«Ah! infeliz mil vezes! se o que é nobre
e o que é infame, ignóbil, monstruoso,
sob o Azul sagrado que nos cobre
tivesse o mesmo aplauso vitorioso!
Maldito e excomungado fosse o pobre!
e maldito o Destino criminoso!
por trabalhar ainda para o mundo
com um suor inútil e infecundo!

«Maldita fosse a Vida e o ardente beijo
do Amor que produziu a Criação,
maldito o Sonho e as asas do Desejo
maldito o Pranto, a Ânsia, e a Aspiração!
Despenhada mil vezes sobre um brejo
de insondável miséria e humilhação
o mundo se abismasse num inferno
do implacável, ansioso gelo eterno!

«Maldito fosse tudo o que suspira,
maldita a Dor, mais o soluço Humano,
maldita a Alma e a lágrima da Lira,
maldito tudo quanto é grande e insano!
Que sobre o mundo horrível, onde gira

a serpente da Ideia no oceano
da treva, o derradeiro homem horrendo
expirasse, ainda rindo, e maldizendo!

«Agora, quanto a mim, ó altas damas
magníficas, divinas, cintilantes,
e cujos belos olhos têm mais chamus
do que os olhos dos rígidos brilhantes,
antes de ouvirdes os funestos dramas
da fome, horrorizai-vos, sabeis antes
que eu sou só um plebeu vil que trabalha,
e que saio das ondas da canalha!

«Senti também em mim o fogo ardente
da Lira perpassar-me pela fronte,
e amei tudo o que é justo e que é potente,
e meus irmãos chamei ao bosque e ao monte.
Nos desertos castelos do Ocidente,
às nuvens cor de sangue do horizonte,
também eu fui sentar-me nas colinas,
a chorar sobre as glórias e as ruínas!

«Mas o Génio infeliz, o vulto imenso
o herói cantor vencido pela morte
esse que me perturba, quando penso
no implacável da tirana Sorte,
esse que já entrou no bosque denso,
que já partiu o muro brônzeo e forte,
que em breve vão deitar na escura vala,
esse, só de eu falar... treme-me a fala!»

O velho então contou a trabalhosa
lenda do Génio, a musa, e seu destino,
a intuição da Natureza rumorosa
da flor, da sombra, e rio cristalino.
Como o Sol pai das plantas, e da rosa,
penhasco alcantilado e voz do sino,
Vegetações, florestas, nuvens, ventos,
e células, raízes, pensamentos;

tudo que é vida que tem alma e sente,
tudo que é flor suave e tem perfume,
tudo que é asa e corta o ar luzente,
tudo que é astro, brilha ou que tem lume,
tudo que foge líquido e corrente,
tudo que em corpo e alma se resume,
tudo que é belo como o sol na alfombra
ou fundo e triste como a voz da Sombra,

todo esse vasto Todo verde e belo,
toda essa santa Natureza enorme,
o luar como a folha dum cutelo,
o minério que crêem que só dorme,
as heras nas ruínas do castelo,
os moluscos e a larva humilde e informe,
tudo isso belo ou feio que se ostenta,
tem voz, tem alma, chora e se lamenta!

Mas que o Génio no meio disto tudo
sofre mais, porque entende estes lamentos!
Ele traduz a Dor disso que é mudo,
e resume os gerais desolamentos!
Não tendo contra a Sorte um outro escudo
que não sejam seus fortes pensamentos,
passa curvado num pesar profundo,
sentindo em si o mal de todo o mundo!

E todos escutavam silenciosos
damas, barões, religiosamente,
os sentidos gerais misteriosos
das palavras do velho estranho e ardente.
E cuidavam ouvir os mil chorosos
e soluçantes ais, longinquamente,
das subterrâneas Cousas infelizes:
os ais da planta e os choros das raízes!

Ele pintou depois o Génio, quando
deixou prender seu forte coração
nos sorrisos dum gesto puro e brando,
e vagou na torrente da Paixão.
Como feridos rouxinóis cantando,

os seus versos rezavam da aflição,
das tragédias, desgraças e dos brados
dos tristes corações despedaçados.

E as palavras sentidas, violentas
do plebeu calavam pelos peitos,
e sentiam-se ouvir como os tormentos
dos grandes corações santos desfeitos.
Parecia-se sentir as suarentas
e desveladas noites sobre os leitos
de amantes separados, solitários,
mais gelados que os leitos funerários!

Desenhou-o depois triste e exilado,
por todo o mundo errante peregrino,
vagando como herói, como soldado,
açoutado do vento do Destino:
e o seu rude pesar fundo e divino
da grande viuvez do ente amado,
pondo-o nas rochas trágico e proscrito,
de braços levantados ao Infinito.

E todos escutavam, surpreendidos,
essas desgraças bárbaras sepultas,
no mistério do olvido, e esses gemidos
e essas sagradas lástimas inultas.
Barões e cavaleiros comovidos
enxugavam as lágrimas a ocultas,
e as pálidas senhoras soluçantes
alagavam com prantos os brilhantes.

Depois pintou o horror da tempestade
e o assobio dos ventos nas procelas,
dos naufrágios a lúgubre verdade,
um navio sem mastros e sem velas.
E o Génio do mar na imensidade,
à fria claridade das estrelas,
entre as ondas, os ventos, os espantos,
salvando o grande livro dos seus cantos.

Depois mostrou-o pálido, quebrado,
no fundo duma lúgubre enxovia,
no declinar da vida, envergonhado,
preso pela Injustiça, e Cobardia.
Pintou ao fundo trágico e assentado,
na mísera masmorra húmida e fria,
o Desespero torvo e macilento,
irmão magro e infernal do Desalento.

E do plebeu nas frases singulares
sentia-se o glacial dos luares frios,
os rugidos dos ventos pelos mares,
o desfazer das tábuas dos navios:
as fundas despedidas, e os pesares
dos adeuses nos cárceres sombrios,
e um vento a soluçar como um açoite
do Destino, rasgando a eterna noite.

E todos escutavam, surpreendidos,
essas desgraças bárbaras sepultas
nos mistérios do olvido, esses gemidos
e essas sagradas lástimas inultas!
Barões e cavaleiros comovidos
enxugavam as lágrimas a ocultas,
e as pálidas senhoras soluçantes
banhavam com seus prantos os brilhantes.

Depois contou as noites inarráveis
da Miséria, e da Neve as ladainhas,
sobre os gelos os grandes miseráveis,
em atitudes trágicas, mesquinhas.
Desenhou os carvalhos formidáveis
em lúgubres lençóis, as andorinhas
fugidas, procurando outros países.
E sempre! sempre a Fome! e os Infelizes!

Depois narrou a rude luta imensa
com todas as potências da Desgraça,
e o Génio atravessando a névoa densa,
como um espectro lívido que passa:
as lágrimas da Fome e da Doença,

e o mendigar do escravo sobre a praça,
pedindo suplicante à turba e ao mundo
esmola para um Génio moribundo.

Pintou a morte desse escravo amigo,
e o Génio inda mais triste e no abandono
da força desse servo, seu abrigo,
dos amigos, dos nobres, e do trono.
E o terrível guerreiro do inimigo
pintou em noites lívidas, sem sono,
velho, dobrado, pelas névoas cruas,
faminto à chuva, e ao vento, pelas ruas.

Pintou depois, chorando, a última cena
e da tragédia o derradeiro acto,
e essa cabeça pálida, serena,
no frio travesseiro dum grabato.
Desenhou esse hospício, uma geena,
onde vai terminar muito aparato,
e depois, ai! depois, fria e fatal
a desolada lágrima final!

Quando acabou, sentia-se na sala
o ruído dos choros sufocados,
e os soluços e as lágrimas que exala
a Dor nos corações muito abalados.
O Conde estava em pé, hirto, e sem fala,
hirto, sem fala, em pé, os convidados,
e as damas atiravam soluçantes,
às plantas do plebeu os seus brilhantes.

«Guardai», o velho disse, «altas senhoras!
as vossas belas jóias preciosas,
que já de nada servem nestas horas
ao que morreu, sem vossas mãos piedosas.
Prendei-as novamente às tranças louras,
que o cantor, nestas horas lutuosas,
para ir enterrar-se, à luz do sol,
carece só da esmola dum lençol!»

O Conde deu uma ordem. Num momento
um nítido lençol pajens trouxeram.

Ao pegar-lhe no rosto macilento
do plebeu as lágrimas correram.
«Eu choro», bradou ele, «esse talento,
esse crânio que as lágrimas arderam,
e que em prémio do génio que trabalha
só teve por esmola esta mortalha!

«Este lençol vai ser o teu sudário
ó grande Génio! que rolaste à praia
da Morte, desgostoso e solitário,
mais branco do que a lua que desmaia.
Quando soar teu sino funerário
e no teu crânio a campa rasa caia,
chorai damas, barões, num choro fundo
a maior alma que deitou o mundo!

«Essas faces chorai, as quais araram,
as lágrimas do abandono e da desgraça,
as quais como carvões rubros queimaram,
ou como um vento de areal que passa:
este crâneo chorai, de cuja taça
as lágrimas de sangue se entornaram,
e este lençol sabeí damas, barões
vai embrulhar o corpo de Camões!»

E novamente as lágrimas correram,
e os soluços de novo rebentaram,
as cores novamente se perderam,
e os convivas em pé se levantaram:
os lacaios o passo suspenderam,
muitas damas mimosas desmaiaram,
como caem as lágrimas internas
nas funerais separações eternas.

O velho ia a sair. Porém o Conde
o deteve e bradou: «Que nome é o teu,
ó homem singular, onde se esconde
um peito que é mais nobre do que o meu?
Por que reinos cruzaste? Dize aonde

aprendeste, ó fantástico plebeu!
a falar das estranhas aflições,
dum modo que sacode os corações...?!»

O velho então ergueu-se, em toda a altura
do seu corpo potente e agigantado,
e deixou ver a atlética figura,
de sorte que pareceu ter-se elevado.
E então, num tom terrível de amargura,
que deixou todo o mundo alvoraçado,
bradou num ai, num grito, estranho e novo:
«Sou o Pranto do Povo e volto ao Povo!»

CANTO QUARTO

A LÁGRIMA DE MÁRMORE

Essa lágrima imóvel que se gela
sobre as pálpebras roxas dos finados,
e que eu já vi rolar funesta e bela
nas faces de dois entes bem-amados,
o que é que ela nos diz? que nos revela
de profundos desejos decepados,
de inauditas ou íntimas desgraças,
que são as flores fúnebres das Raças?!

O que é que ela nos diz, que nos remove
até ao mais profundo das entranhas,
triste como flor onde não chove,
no cume inacessível das montanhas?!

Dirá ela um desejo que já houve,
cheio de dor e aspirações estranhas,
e expirou e morreu num mundo falso
como um amor ao pé dum cadafalso!?!...

Quando a fome colheu do moribundo
a lágrima de mármore dorida,
pôs-se logo a caminho pelo mundo
e foi vendê-la aos Príncipes da Vida.
Mas alguns, num desdém fino e profundo,
riram da triste oferta nunca ouvida:
outros tiveram um horror absorto
ao verem uma lágrima dum morto!

Lembrou-se então dum Príncipe potente
que vive num país todo de gelo,
que ama tudo que é gélido, inclemente,
e frio como a folha dum cutelo.
Penetrou no palácio refulgente,
todo cheio de mármore e ouro belo,
e onde ele desvelava insónias cruas
no meio de milhões de espadas nuas.

Quando o César cruel viu esse pranto
de que fostou seu génio monstruoso
à Sombra disse: «Acho um secreto encanto
neste gélido objecto curioso!...
Deixa-a ficar que causará espanto
ao meu povo selvagem tenebroso,
e assim lhe ensine num terror mortal
como é que gela a lágrima final!»

Porém da noite no silêncio frio
quando o César dormia no seu leito
esta lágrima ao Príncipe sombrio
infundia-lhe um trágico respeito.
Das visões no terrível desvario
via da Morte o último trejeito:
e as caveiras sem olhos, nem narizes,
de todos os sinistros infelizes!

E a lágrima implacável e severa
acusava-o de todos os seus crimes
dos seus instintos trágicos de fera,
dos mortais que dobrava como vimes,
dos irmãos e dos Pais que ele prendera,
e das almas viris, fortes, sublimes,
a quem seu braço sem cessar enterra
pela entranhas húmidas da terra!

E o Déspota na lágrima parada
lia a lenda de todos que sem nome
sobre a neve, ou na mina bronzada
tinham morrido esquálidos de fome:
via os prantos da plebe esfarrapada
que num suor estéril se consome:
e os clamores formidáveis, justiceiros,
dos prantos de milhões de mil mineiros!...

Fugiu logo do leito insuportável,
e por todo o palácio vaga errante.
De manhã chama a Sombra miserável
e entrega-lha, com mão febreitante:
«Leva daqui», lhe grita, «esse implacável

tormento, que é mais frio que um brilhante,
porque de prantos tenho um cemitério
no gelo excepcional do meu império!»

Lembrou-lhe então à Fome ir ofertá-lo
de Roma ao mais sinistro inquisidor.
Deixa à porta o seu pálido cavalo.
Penetra cheia dum mortal terror.
Quando o sicário a viu sentiu abalo
e disse à Fome: «Eu gosto desta flor
que floresce nos mortos, como lírios
que gelaram nos olhos dos mártírios!»

Porém da noite no silêncio enorme,
a fixidez da lágrima impassível
olhava-o como um olho frio e informe,
e acusava-o de tudo que há de incrível,
Acusava-lhe a alma, antro disforme;
e estendia-lhe então num sonho horrível
de eternos prantos um gelado mar
como uma imóvel solidão polar.

E ao bandido lembravam-lhe as torturas
dos que vira morrer nos seus flagícios,
de todas as sinistras criaturas
a quem passara a esponja dos suplícios.
E as disformes e enérgicas figuras,
com blasfémias, gritavam-lhe os seus vícios,
e entre injúrias, mostravam, justiceiras
os braços calcinados das fogueiras.

Envia de manhã chamar a Fome,
e à Sombra grita com sorriso duro:
«Podes levar a lágrima sem nome,
e esconde-a bem no antro mais obscuro.
Como uma pedra que o abismo some
faz que ela se suma; e no futuro
não me tragas jamais estes espelhos
dos que morreram contra os Evangelhos!»

Quando a Fome largou os dois sicários
foi procurar o rei dos mais banqueiros,
que era também senhor dos usurários,
cujos navios, eram aos milheiros.
O palácio valia os mil erários
dos príncipes mais ricos estrangeiros.
E as suas salas tinham cem figuras
das mais raras e nuas esculturas.

Quando o banqueiro viu a estranha oferta
disse num tom irónico e orgulhoso:
«A vida dum poeta é pobre e incerta!
Mais mesquinho o seu pranto angustioso!
Contudo, como a fome vil te aperta,
guardarei este pranto curioso,
e na alcova a porei, como memória
de que vale tudo Ouro, e nada a Glória!»

Porém, de noite no silêncio fundo,
a lágrima impassível fixa, dura,
recorda-lhe os prantos que no mundo
fizera derramar a sua usura.
E num estar imóvel e profundo,
como um espectro duma sina escura,
todos choravam, neste pesadelo,
inconsoláveis lágrimas de gelo!

Levantou-se o banqueiro torturado
e mal a aurora avermelhou a terra,
chamou a Fome, e lívido, aterrado,
disse à Sombra: «Confessa-me o que encerra
esse impassível pranto amargurado
que não sei o que tem me gela e aterra,
tendo eu só nestas salas cem figuras
das mais ricas marmóreas esculturas?»

«Não sei», a Sombra disse. «Teem-me dito
o mesmo, muito grandes assassinos.
É que esse pranto foi talvez o grito
do Génio contra o injusto dos destinos.
É que o Génio é o açoute do Infinito

contra os crimes, e os grandes desatinos,
e mesmo sob os goivos mortuários
regela ainda as almas dos sicários!»

Depois disto ninguém mais quis o pranto!
Todos riam do estranho dessa oferta.
Uns fugiam da Fome com espanto.
Outros julgavam-lhe a razão incerta.
Uma virgem, porém, dum rosto santo
bradou, a face de rubor coberta:
«Eu amei dum poeta a fronte amada!
Ai! quem dera essa lágrima gelada!

«Porém nada te dou, por que sou pobre,
a ti que és pobre como eu sou também.
Sobe acima do azul que a todos cobre,
acima dos Desprezos, do Desdém.
Sobe acima da Dor que é grande e nobre,
mais acima dos astros, mais além
do Egoísmo, da Inveja, e da Cobiça,
e vai levá-la ao trono da Justiça!»

Então a Sombra abandonou o mundo,
e ergueu-se logo acima das esferas,
longe de Besta de Ouro e Vício imundo,
para longe dos Tempos e das Eras,
perto do abismo do insondável fundo,
onde têm corpo as lúcidas quimeras:
montada num cavalo horrendo e feio,
sem estribos, sem rédeas, e sem freio.

Quando ela contemplou em baixo a terra,
humílimo planeta grão de areia
presa do Tempo e insaciável Guerra
e onde a raça dos mortais ondeia,
ela que nada já comove a aterra,
que nenhum pranto dum estranho anseia,
sentiu brotar no seco coração
a rubra e estranha flor da Indignação.

Ela através passara de almas, vidas,
e dos mártires lúgubres descalços,
das jovens mães cruéis infanticidas,
das ilusões e dos sorrisos falsos,
através das eternas despedidas,
dos crimes, dos incestos, cada falsos,
e de todos os crimes e desgraças
que são os frutos trágicos das Raças.

Ela através passara dessas almas
aonde em prantos se escreveu *jamais*,
das grandes solidões das neves calmas,
através das galés, dos hospitais,
através das blasfémias e dos ais,
das glórias, dos triunfos, e das palmas,
e através sempre! sempre! do gemido
do Génio eternamente perseguido.

Por isso quando, foi perto do trono
da terrível Justiça, da Imutável,
ia ainda indignada do abandono
em que se afunda o Génio inconsolável.
Como os nordestes varrem pelo outono
as roseiras, assim ela implacável,
tinha varrido toda a piedade
contra a dura e egoísta Humanidade.

Mal a viu a Justiça disse: «Ó Fome
o que é que trazes da sombria Terra?
Trazes um ai do que morreu sem nome?
Sonho de virgem que teu braço enterra?
Trazes um riso que o infeliz consome?
Último beijo em que um amor se encerra?
Trazes um grito, um desalento fundo?
Trazes um pranto de que riu o mundo?»

«Trago mais que isso», replicou sombria
a magra Fome, apresentando o pranto.
«Eu trago-te esta lágrima tão fria
como o gume da Espada justo e santo.
Eu trago-te este pranto de agonia,

e que a ti mesmo causará espanto,
pranto que gelou como uma esperança,
pranto que clama um grito de vingança!»

A Fome então narrou, sucintamente,
a história da lágrima marmórea.
Narrou toda essa vida descontente,
toda essa tragédia tão sem glória;
seu génio, seu destino, e febre ardente
do Belo, e de gravar-se na memória,
e esse pranto tão triste e tão profundo,
que só o quis uma mulher no mundo!

Ao acabar ergueu-se ferozmente
a Justiça em seu trono, comovida,
e clamou com um brado onnipotente
tal que as origens abalou da Vida:
«Eu juro pelo sangue do inocente,
por mim, por esta lágrima caída,
pelo Céu, pela Dor, e pelo Espaço,
por minha espada, e força de meu braço;

por tudo que há de justo e de terrível,
por tudo que há de santo e de implacável,
pelo pranto que cai no Invisível,
e o soluço que rola no insondável,
que não destruo ó mundo, ó insensível,
planeta! essa vida miserável,
por ter havido uma mulher que quis
um desolado pranto de infeliz!

«Mas já que o não quiseste ó Terra fria,
quero-o eu, de contínuo, na presença!
Quero tê-lo de noite, quer de dia,
como um sonho constante em que se pensa!
Quero ter esta lágrima sombria,
para um dia lavar tua sentença!
Quero tê-lo ante mim, como lembrança:
para lembrar-me de que sou Vingança!

«Quero tê-lo ante mim, ah! como um grito,
que me recorde os tristes que sem nome
hão estendido os braços no Infinito,
na sede de Justiça que os consome!
Quero tê-lo ante mim, como o aflito
brado do Génio que morreu à fome,
e que vos prove desta espada os brilhos,
de que vós, ó Poetas, sois meus filhos!»

Assim disse a Justiça. E desde então
ante ela jaz o pranto eternamente,
para provar que se não verte em vão
a lágrima, na terra, do inocente:
que a natureza é mãe, e o Génio irmão
do espírito dos astros refulgente
e que a Justiça sopra a sua ira
nas cordas vingadoras duma Lira.

Eu não sei se entendestes o sentido
oculto e justo desta alegoria,
se fiz ondular bem a vosso ouvido
os tenebrosos sons desta agonia?
E vós, ó tristes! tristes! que haveis ido
transidos repousar na vala fria,
esquecidos, inglórios, sem um pranto
a lágrima aceitai deste meu canto!

Aceitai este canto, como preito
crânios de lava que não orna o louro!
e enfim morrestes, porque o vosso peito
bateu nas pedras, dentre as nuvens de ouro.
Aceitai nesta lágrima o respeito,
vós que encontrastes só riso e desdouro!
e que em vez do festim do que trabalha,
não tivestes nem louros, nem mortalha!

Aceitai nesta lágrima o protesto
de muitas gerações de rebelados
contra o abandono insólito e funesto
do mundo silencioso aos vossos brados!
Em vez do riso, insulto, e do doesto,

aceitai nossos pêsames irados,
e neste canto, ó mortas existências!
os protestos de muitas Consciências!

E tu, ó mundo, aprende-o! Doravante
não mates mais o Génio que irradia!
Não se ergam nunca mais ao céu distante,
contra ti, magros braços de agonia!
Porque hoje, sabe-o bem! fixa e brilhante,
está clamando e bradando noite e dia,
acima de Ódios, Prantos, e Cobiça,
a lágrima marmórea ante a Justiça.

TROÇA À INGLATERRA

SIMPLES PALAVRAS

Não somos dos espíritos ciprestais que entendem que só deve ser permitida, como vingança, a choraminga.

Os picarescos ingleses — esses louros descendentes dos saxões e dos piratas normandos — que atravessam o Universo com maciças sapatas impermeáveis de três solas, chapeirão de largas fitas brancas, horrendo capacete de cortiça, e a inseparável maleta de couro, a tiracolo, que contém, ordinariamente, uma botija de cerveja, a Bíblia, e o seu barrete de dormir — têm dois calcanhares vulneráveis, em vez dum só, como tinha Aquiles, que são: a bolsa, e a vaidade.

A sátira, a chufa, a chocarrice, o epigrama, e o chasco, tornam-os vermelhos como lagostas, ou auroras: e molesta-os mais, no seu aprumo altaneiro, um bombardeamento de ditos argutos e chistosos, do que a alentada murraça dum carreirão, que lhes faça espirrar grossa sangueira das ventas saxónicas.

E porque a sátira é uma garrocha que fica perduravelmente espetada na cachaceira dum paciente, pingando, por séculos de séculos, um pingo de sangue, que faz rir. O que é patusco e trágico.

Muitos punhos fechados se têm erguido contra a birbante e ventruda Baleia dos Mares: grande coro de doestos se tem levantado contra a rapinante Grã-Bretanha: mas no meio de toda esta vozearia universal, a sátira de Heine só não esquece, e vai casquinando, e retinindo metalicamente, pela posteridade fora.

Que os satíricos, pois, e os sarcastas da raça latina, façam o mesmo — que eles afiem as sua garrochas!

Esta é a nossa.

AO REI CARLOS DE INGLATERRA

INTRODUÇÃO

Patusco rei inglês — rei folião!
louro rei caçador, na caça activo,
que viveste a fazer a digestão,
a aperaltar-te, a rir, e a ser lascivo,
hoje estás morto numa tumba morta.
Porém, para o meu caso pouco importa!
Suponhamos que és vivo!

Foste o rei da bambocha — e regimento
amaste a estúrdia, a mesa, a borgia enfim.
Foste tu, mais os teus — honesta gente! —
que inglesando nos foram Bombaim.
Rica terra de raras pedrarias,
de elefantes, bambus, de especiarias,
e de bem bom marfim!

Viveste a rebolar-te na enxurdeira
da orgia do palácio, esse bordel.
E até narram que a tua jardineira...
Não digo mais... sei que não foi cruel.
Como el-rei, teu papá, que Deus lá tenha!
amaste pouco as guerras e a campanha,
mas muito as louras damas da Bretanha,
louras, de fina pele!

Sonhei ontem contigo, rei patusco,
rei *bon vivant*, alegre rei frascário!
Vi-te surgir de noite, ao lusco-fusco,
das sombras funerais do ossuário.
Sim: vi-te em carne e osso, todo inteiro,
entre os dândis, as damas, o barbeiro,
todo casquilho, lépido, palreiro,
mirando o vestuário.

E eu disse ao louro rei: — Tu que atrelaste
ao teu carro, os maridos, pais, e filhas,
se acaso lá da tumba aonde baixaste

sonhas nos pífijs beberrões das ilhas,
ouve a surra que eu dou nas malhas podres
dos teus fiéis patrícios — esses odres —
e louros bigorrilhas:

Ilustres borrachões da Ilha escura!
não é mau — dai licença — a Fantasia,
isso que vós não tendes, e o meu cura
proibiu, num sermão, à freguesia.
Era um cura roliço e espadaúdo,
frascário, garanhão, e cachaçudo,
que muito bem bebia!

Sim, sabe bem fantasiar fumando,
para o tecto a mirar, de quando em quando,
repimpado e com ar de mandarim...
Sonha a gente que é turco entre palmeiras,
e vê cem bailadeiras,
louras, cor de açafão, negras, trigueiras,
vindas do Mar Azul, da Núbia, de Pequim.

Atira a gente as espirais de fumo,
para o tecto, fantásticas, sem rumo,
envolto em seu roupão e de chinelo...
e de repente vê-se entre mimosas
chinesas fabulosas,
num barco de bambu cheio de rosas,
sobre o rio Amarelo.

E quão bela há-de ser uma chinesa,
com sobrolhos pintados a nanquim,
rosto da cor da porcelana chin,
falando do poeta Manin-Fá...
olhando a lua sobre o rio santo,
grácil e linda como um colibri,
dizendo meigas expressões em *i*,
e rescendendo as mãos a flor de chá!...

Tem um contra, porém, a Fantasia,
um certo contra — um contra traiçoeiro.
Supõe a gente que é sultão e grita:

«Traz, eunuco! a sultana favorita,
essa de rir frecheiro,
essa que é rara como a Sulamita,
de trança cor do luto, e tez que imita
a flor do pessegueiro...»

Nisto, retine à porta a campainha,
e eis que em vez da sultana ou da rainha
dos nossos sonhos entra o carvoeiro.

Tudo isto que aqui digo vem a pêlo
do birbante saxão — que um raio parta!
Vem dum sonho que tive, um pesadelo,
que vou contar, em rimas, nesta carta.

Vi em sonho a Justiça
escaqueirar esse país corrupto,
Sodoma de carvão, sujo e perverso,
Babilónia de rolhas de cortiça,
pátria de John Bull marau e astuto,
na borracheira imerso.

Acordei... Acendi o meu charuto...
Pus-me a fumar e a pôr o sonho em verso.
Ventrudo John Bull que o tolo admira,
porque será que o mundo te chasqueia?...
O céu nega-te o sol — e a lua, a filha
das folias da Noite, essa sereia
que fez amar Romeu, tossir Elvira,
e que à Mignon os laranjais prateia...
na tua triste e nevoenta ilha
parece uma candeia.

Para onde vais, a troça chocarreira
caminha atrás de ti, tocando bombo.
Se trepas a algum monte, ou ribanceira,
o *cicerone* ri-se a cada tombo.
E montado a cavalo ou em jerico,
vai a Galhofa atrás: «arre burrico!»
a zabumbar-te o lombo.

Vós tendes — ó saxões! — mil alfaiates,
que tiram matemáticas medidas;
mas porque é que imitais uns bonifrates
nos centros, nos salões, ou nas corridas?...
Com essas caras de feições tristonhas,
vermelhas, mas bisonhas,
e essas pernas compridas,
semelhais umas cómicas cegonhas
que entram pelas bebidas.

E como vós bebeis!... Com três mil pipas!
Por Noé, o borracho! Pelas tripas,
de S. Martinho, o báquico varão...
faz riso e gáudio ver e ouvir cantando
o pirata normando
da torva tasca a rebolar no chão!

Se Homero, farto de cantar heróis,
fez um poema à rã e mais ao rato,
se Sadi celebrou os rouxinóis,
e Tasso aos olhos verdes do seu gato
cantantes rimas fez...
se Hugo idealizou o burro e o sapo,
e sobre eles bordou áureo discurso,
com rico ouro francês,
se o Heine fez a epopeia do urso...
por que é que inda ninguém cantou o inglês?

Portanto, ó *miss* glaciais do Norte,
e das névoas eternas,
virgens de olhos azuis que dão a morte,
damas sentimentais de magras pernas,
vinde às janelas escutar, às brisas,
o canto do estrangeiro...
que à luz da lua que prateia a escarpa
não vibra a lira, o violino, a harpa,
faz dançar John Bull com um pandeiro.

Ouvi meu canto, *ladies*, de olhar frio!
Rapaz! Traze charutos... Principio:

A BEBEDEIRA DA BALEIA

SONHO

É no Oriente, em Bombaim.

É no seu vasto porto, em frente do mar azul, coalhado de velas, que o sol clareia.

A imperatriz do Oriente, cingida de diadema, está sentada num pavilhão à beira-mar, ladeado de dois leopardos de ouro. É um tipo de *lady* cor-de-rosa, sensitiva, mimada.

Em torno do pavilhão *ladies* mimosas, rajás faustuosos, plantadores de chapéus claros, que falam de fundos, e açúcares de beterraba. Aprumados dândis, rindo com as *ladies*, conversam sobre a *fashion*, o *hig-life*, e o *turf*. *Miss* vaporosas ingerem sanduíches. Suspiram os bambuais.

JOHN BULL

(*com um metro, e um pandeiro*)

Graciosa imperatriz do rico Oriente!
aqui tendes à vista, em vossa frente,
esta honesta baleia nunca vista...

É inglesa de lei, mas de tão nobre raça
virtuosa e metodista,
que beberrica o lago do Niassa,
bom proveito lhe faça!
como escorre um copinho um vil papista.
Apesar de ser peixe, aprendeu a somar,
e soma como um anjo! Agora vai cantar.

A BALEIA

(*a cabeça fora de água, cantando*)

Sou a grande Baleia, a grande Besta estranha,
que cantou S. João.

Sou eu que guardo a loura e virgem Grã-Bretanha,
que a livro do papismo, os sábios da Alemanha,
faço febre ao chinês, disenteria ao sultão.

A IMPERATRIZ DO ORIENTE

Que gracinha que tem! Como é mimoso
este peixinho inglês...
Vamos, ó Salisbury, seja gracioso!
Dê-lhe, *Mylord*, um cálix de *Xerez*.

LORD SALISBURY

Mylady, corro já. Corro apesar de velho
melhor do que um petiz.
Tudo, tudo farei pelo algodão da Pátria,
e os couros do País!

A BALEIA

O Papá pode ter mais templos pontiagudos,
mas não possui S. Paulo, a protestante igreja...
A Europa pode ter troféus e mil escudos.
Mas ninguém como nós — os saxões cabeludos —
conquistou mais regiões, nem bebeu mais cerveja!

A IMPERATRIZ

Que linda voz, que génio, que cabeça!
Que contralto distinto!...
Vamos, ó Salisbury, dê-lhe depressa
um copinho do tinto!

LORD SALISBURY

Mylady, corro já. Corro apesar de velho
melhor que os vosso pajens.
Tudo, tudo farei pelo carvão da Pátria,
as rolhas, e as ferragens!

A BALEIA

Normandos e saxões, raças conquistadoras,
uniram certo dia, ao sol, o seu destino,
e a beber e a cantar sobre as naus vencedoras
cruzaram todo o mar, à lua, e ao sol a pino.
Ninguém como nós sabe o amor das virgens louras,
e o aroma excepcional que há no queijo londrino!

A IMPERATRIZ

Que deleite! Que voz! Minha alma adeja
no espaço azul e franco.
Vamos, traga, *Mylord*, numa bandeja
um copinho do branco!

LORD SALISBURY

Mylady, corro já. Corro apesar de velho
melhor que um rapaz novo.
Tudo, tudo farei pelo aumento da Pátria,
e o chouriço do Povo!

A BALEIA

Sou a grande baleia, a Baleia aguerrida
que humilhei Portugal, mais os seus navegantes...

PORTUGAL

Pirata de unha comprida!
Velha mãe de rapinantes!...
Tu pediste a bolsa e a vida
à heróica raça abatida
donde brotaram gigantes.
Mas ela — se foi vencida —
limpa ficou como dantes!

Em catraios, e ordinários
barcos de mesquinhos lotes,
os teus avós, os corsários,
rapinavam povos vários,
que ou eram fracos, ou zotes.
Semente de salafrários!
Família de galeotes!

Enquanto que as nossas naus
iam do globo aos confins,
vós, ó pássaros bisnaus,
em charros navios maus,
roubáveis nossos marfins.
Raça de louros maraus!
Netos de ruivos chatins!

Nossa bandeira inviolada
não a sujou teu carvão,
milhafre de unha afiada!
Branca ficou nossa espada,
mas de preto o coração.
De ti não queremos mais nada...
Nem rolhas, nem algodão.

LORD SALISBURY

Graciosa senhora, o que é que pensa
deste mastim que ladra?
Que dirá Lord Fife?... Sem detença
corro a mandar-lhe a esquadra!

A IMPERATRIZ

Que ultraje!... O que ouvi eu? Nossa bandeira
achavascou o ingrato.
Dê-me, *Mylord*, um cálix de *Madeira*!...
Mylord, eu tenho um flato!

JOHN BULL

Se nos chamam, senhora, em prosa e versos
bisbórrias, sanguessugas...
ai de mim, nunca mais esses perversos
me compram as peúgas!

UM POETA SATÍRICO
(*cerimonioso, mas mordaz. Pall Mall Gazette em punho.
Corteja correctamente*)

Desejas meu alvitre francamente,
imperatriz do Oriente,
ainda que este alvitre o teu orgulho choque?...

Pois bem. Vou-te dizer, sinceramente,
dama do Nevoeiro,
que John Bull nunca será guerreiro,
ou coisa que lá toque:
quer lance o torpedeiro,
quer maneje espadim, espadagão, estoque.
Nasceu, será, há-de morrer fanqueiro,
amarrado ao balcão, ao metro, mais ao *bok*.

(*Cumprimentando*)

Tens *Mylady* porém muito dinheiro,
e possuis muito bom carvão de *coke*.

Enquanto à gentil Besta, à primorosa fera,
que encanta estes senhores,
sobre a bela esguichar, espadanar quisera
um repuxo de flores.

Mas é força convir que do seu canto
o mundo está farto!
E está tão gorda essa louçã guerreira
que faz lembrar bojuda cervejeira
com as ânsias de parto.

De ti, senhora, dizem que és pirata,
e vibras, arrogante,
com ar brigão e gesto de faiante,
esquecendo que és dama e aristocrata,
uma linguinha, oh, céus! não de brilhante
linguinha de mulher — mas das de prata.

Consente, em vista disto, ó graciosa
dama da Jarreteira,
Imperatriz-Milhão dengosa e esquiva,
princesa dinheirosa,
que tens a língua pitoresca e viva,
que tinha a bela Angot que foi peixeira...
consente que te oferte — ó dama airosa! —
este livrinho do João Félix Pereira¹.

Dizem também sarrafaçais bilontras,
más-línguas viperinas!
pois que a Beleza e a Glória tem seus contras,
e nem tudo são rosas,
para os heróis, as belas, e as meninas...
que essas tuas vitórias tão famosas
as compraste com libras esterlinas.

Dizem bem alto que se lê na História
que a tua fama se acha
gravada — não nas páginas da Glória —
mas no *Deve e Há-de Haver*, no *Livro Caixa*.

Não têm razão porém estes birbantes!
Supinos melcatrefes!...
Pois, por que há-de um mortal expor-se a guerras,
a escalar bastiões, a trepar serras,
a perder o nariz, tropas, e chefes...
se pode, em santa paz, e sem canseiras,
como César ruir nações inteiras,
gastando as lours, sim... mas sem tabefes?...

¹ Não supunhas, leitor, que neste verso
extraordinário cito um autor reles,
pois sabe que o grande Ovo do Universo
foi feito para os Félix.

Dizem também más-línguas que és negreira,
e nas regiões dos negros que dominas,
 há surra, há gargalheira,
há sarrabulho, açoites, e chacinas,
 sangueira e mais sangueira!

Pois bem. Mas que mais quer a bestial senzala
 de borrachões patifes?...
Ralé de canibais, pretos cativos,
tão lanzudos, tão brancos, primitivos,
que ainda hoje não sabem fazer bifes?...

Rosna-se mais que há nobres de Inglaterra,
 segundo um jornal sério,
que, exaustos já dos gozos do adultério,
com as belas gentis de louras tranças...
vão cevar em prostíbulos londrinos,
 mil caprichos suínos,
fantasias de bode — entre crianças.

Contam que há velhos nobres debochados,
como os velhos bestiais da antiga Roma,
 com libras de ouro às pilhas,
que, se acaso estivessem em Sodoma,
quando Loth saiu quase em camisa,
 à pressa, e mais as filhas...
seriam pelo raio escaqueirados,
 e feitos em estilhas!

Não têm razão porém esses cretinos,
que nutrem contra o rico um ódio velho
 nos fígados tigrinos:
pois os nobres só cumprem o Evangelho,
dizendo: «Vinde a nós, ó pequeninos!»

Tens tido bons poetas eminentes.
 E Byron talvez,
que é o rei dos rebeldes descontentes,
bon vivant, sedutor, trocista e amigo
das ostras e do amor, do *Porto* antigo,
 e o champanhe francês,

depois de Shakespeare é quem levanta,
como um raio que risca a treva e espanta,
da prosa do algodão o nome inglês.

Narram, porém, que por não ser discreto,
ser libertino, estúrdio, vinolento,
e um tanto descortês...
apanhou, certo dia, no seu recto
pontapés dum cocheiro português.

Daí vem todo o fel que ele vomita
sobre a lusa nação:
vem toda a sanha que o abespinha e irrita,
com que braveja e grita,
suas glórias destrói...

E é força concordar que tem razão,
que um pontapé naquele sítio dói!...

Também se queixa a extravagante China,
meio poeta e insana,
país cercado dum estranho nimbo,
e onde o imperador fuma cachimbo,
repimpado em divãs de antiga porcelana...

Também se queixa o chin,
bisneto do Luar, e irmão dos Sóis,
que fuma em altas torres de marfim
donde ouve os rouxinóis,
e habita, como os réis, mais as rainhas,
quiosques triunfais com campainhas,
e telhados que imitam pára-sóis...

Também fulo e irritado,
o amarelo chinês quase feroz,
chegando à cor do rubro-alaranjado,
e a ter trovões na voz,
ele que é brando, tímido, e acanhado,
e compõe, ao luar, casto e encruzado,
sonetos meigos em papel de arroz...

Também a China ingrata,
do alto de quiosques de bambu,
jurando pela Bíblia de Confúcio,
pelos manes de Fó, e mais de Yu...
braveja e disparata
que não há como tu maior pirata,
nem maior bigorrilhas do que tu!

E a razão porque o chino barafusta
e em guinchos se desata,
é por tu lhe haveres feito guerra injusta
pelo comércio do ópio que os assusta,
o lento ópio que adormece e mata.

Não tem razão porém este bargante
marau amarelado!
pois teu ópio não é tão inclemente,
tão Nero e desalmado
que faça adormecer e mate gente,
visto que todo é falsificado!

(Cumprimentando as ladies inglesas)

Enquanto a vós — ó timidas madamas —
Myladies feiticeiras,
que no peito acendeis tições e chamas,
capazes de abrasar as couraças guerreiras...
consenti que eu às vossas formosuras,
oferte com medidas,
e com mil curvas, mil gentis maneiras...
um cofre raro de marfim e ouro,
todo cheio de sodas,
um tesouro!
para curardes vossas borracheiras.

(Grande salsada entre as miss e as ladies. Gritos, flatos, e chiliques. Velhas donas ululam, estranguladamente: «Schoking! schoking! schoking!», e desmaiam.)

A BALEIA

Calmai-vos, ó gentis! O que importa um demente
lá porque vibra o metro?

Portugal já não tem garra, músculo, e dente.
Foi um leão lambaz — hoje é um branco espectro.
Deixa sentar-me aí, imperatriz do Oriente!
Mão fraca e feminil, dá-me cá esse ceptro!

*(Senta-se no pavilhão, e põe a coroa do Oriente na cabeça. Ébria de-
pois, começa a tresloucar.)*

Eis-me na Ásia enfim... Só quase nada, um passo,
e formarei de toda a Turquia um terraço,
donde passe revista aos paxás e aos sultões.
Todo o Oriente será o meu macio leito!...
E a China me fará um cachimbo perfeito
de porcelana azul para eu fumar visões.

Decifrarei do Pólo o glacial mistério.
Farei de toda a Irlanda um branco cemitério.
Do Urso do Norte a pele há-se ser meu tambor.
Saquarei, pilharei, cidades às centenas,
e a ti, águia da França, arrancarei as penas,
com que hei-de rabiscar meus bilhetes de amor.

Porei numa gaiola a águia da Alemanha.
Escorcharei a pele aos teus leões, Espanha,
para nos ombros pôr, quando quiser caçar.
Esgotarei a veia em mil raros caprichos.
E vós, China e Japão, dos sedosos rabichos,
fareis um *cache-nez* para eu me abafar.

Álbion será o mundo alcouce e montureira,
O pescoço da Europa há-de ter gargalheira.
Levantarei Sodoma, arrasarei Paris.
Atirarei ao mar da Turquia o turbante.
De Lisboa farei um oriental mirante,
onde hei-de, ao pôr do Sol, fumar e ser feliz!...

Sim, serei a ventruda e feroz *Besta de Ouro*.
A Europa, a trança esparsa, em cristalino choro,
virá trazer-me a coroa, o seu dourado nimbo...
E, entoando canções originais e toscas,
a África — essa negra — há-de enxotar-me as moscas,
e o sultão deitará tabaco em meu cachimbo.

De Londres, capital da grande ilha saxónia,
farei a monstruosa e imoral Babilónia,
onde me rolarei, como no enxurro, o cão.
E, após tanto labor, depois de mil fadigas,
com o ouro de mil cidades inimigas,
mandarei levantar um templo ao Mau Ladrão.

A JUSTIÇA

Volta ao teu nada, ó monstro. Alçaste a voz tão forte
que me irritei enfim!
Portugal, vai tocar-lhe o seu hino de morte.
Emboca o teu clarim.

PORTUGAL

Acordai, ó Nações! Arpéus à Besta ovante!
A sua hora soou no lívido quadrante.
Vinde arrancar da fera o calhau-coração.

A ESPANHA

Foste tu que chamaste? Eis-me aqui, meu irmão!

A FRANÇA

Eis-me aqui! Eis-me aqui! A favor do Direito,
para servir de escudo, aqui está o meu peito.

A IRLANDA

Demorei-me ao sopé duma rocha escavada...
para afiar melhor a minha aguda espada!

A ESCÓCIA

Corri, toda esbofando, a descer a montanha,
para estripar à bicha a carniceira entranha.

Os BÓERES

Deixamos nossos bois, relvados, e charruas,
para ver o seu sangue empapar estas ruas!

A ITÁLIA

Deixei o meu bom sol, deixei minhas ruínas,
para ouvir o seu berro estrugir as colinas.

O URSO DO NORTE

Venho a uivar e a rugir, galgando a estepe e a vargem,
porque aspirei no ar um bafo de carnagem...

*(A Baleia é morta. O Urso do Norte põe a coroa do Oriente
na cabeça.)*

JOHN BULL

Coitadinha, morreu! Os povos triunfantes
cevaram seus desejos.
E agora nunca mais os pífios... os tunantes...
comprarão os meus queijos!

Morreu, morreu às mãos de vis caudilhos!
Porém se o seu olhar já não tem brilhos,
nem pasmo e terror mete...

(Chorando)

as barbas servirão para espartilhos,
e esta cabeça, que meteu medo a sete,
da cabeça, ai, Jesus! — que pena, oh ricos filhos! —
farei espermacete.

FIM DE UM MUNDO
(SÁTIRAS MODERNAS)

DÍSTICO

Como um cirurgião que retalha a escapelo
um ventre escultural, lácteo, gentil, e belo,
como quem fura um odre...
assim mundo também — peito imoral e amado —
corpo todo de azul e de lama estrelado,
eu te hei-de retalhar nos teus milhões deitado,
carcaça linda e podre!...

MENTIRAS SENTIMENTAIS

A Max Nordau

O Século vai findar na orgia e na demência.
Reina o luxo e o canção. Caem bancos aos pares.
Façamos tua autópsia, ó louca decadência!

Não me enganas a mim, com teu *bom tom*, e esgares
de cocote gentil de frases passionais,
que repete, em salões, jeitos de lupanares!

Teus brados de amor pátrio, e os farrapos banais
dessa tua *elegante e pompadour* retórica,
são lixo... entulho... pó... caruncho... nada mais!

A HONRA que floriu, numa era pré-histórica,
é a arte de iludir o Código Penal.
Faz, contudo, certo ar numa tragédia histórica!

MATRIMÓNIO exprime hoje uma farsa legal:
a operação subtil, comercial, económica,
que, eliminando o Amor, triplica o Capital.

GLÓRIA, cisterna vã, que o eco torna eufónica:
é um véu cor-de-rosa a alindar rapinagem,
procissão de imbecis atrás de filarmónica!

LIBERDADE és ainda uma lírica imagem!...
Equivales a cada um poder morrer de fome,
no enxurdeiro, a um bom sol, sob uma carruagem!...

AMOR DA PÁTRIA, vasta e escarlata bandeira!
tornas heróis rufiões, saxónios, e piratas
que cobiçam corais de uma ilha estrangeira!

FRATERNIDADE, invento alegre de acrobatas!
lembras-me sempre a mim patíbulos, calvários,
pelourinhos, polés, monstros canhões, chibatas.

IGUALDADE, brasão de entes humanitários,
como te entendem bem, lá, na africana gente,
senhores de roça vis... na Europa os milionários!

CARIDADE, tu vais à trapeira indigente,
lançar uma migalha ao cachorro esfomeado.
Fazes bem, não se dana e não quebra a corrente!

DESINTERESSE, marau comediante enluvado,
gabando o teu civismo a cidadãos ingratos,
seus trastes pões ao sol, por um juro atrasado!...

JUSTIÇA, desleal balança, com dois pratos,
ambos de ouro de lei, porém com pesos falsos,
tens dentro de um Jesus, e no outro Pilatos.

RELIGIÃO, freio só de ignorantes descalços:
em teu nome o Europeu rouba as hordas selvagens.
Cruz erguida em tições, tribunais, cadafalsos!...

CIVILIZAÇÃO ah! que ridentes miragens
desenrola, ante nós, a palavra cantante,
que máscara bordéis, sangueiras, tavolagens!...

AMOR, volata azul, sonata extasiante,
que se volve mais tarde em cutelo ou barão,
reduzes a mulher a mártir ou bacante!...

ALTRUÍSMO, expressão sonora com que engrajo!
tem um contra porém... ser o anzol traiçoeiro,
que ao senhor dá a uva e ao escravo o bagaço.

HUMANIDADE, som de flautim feiticeiro,
que tanto tangem Nero e Judas de Iscariote,
como o rei, o histrião, o dentista, o coveiro!...

PAZ, visão cor-de-rosa e que entenece o zote!
corresponde a ter dez milhões de combatentes,
balões com melinite, e mil naus de alto lote.

MORAL, código vão feito por impotentes,
convencional conforme as zonas ou os mundos,
que só cumpre o mortal quando já não tem dentes!...

PROBIDADE, calão que oculta actos imundos,
quer dizer o horror às palhas da enxovia...
o político anzol com que se pescam fundos!

SENTIMENTO, tenor cheio de melodia.
Canta árias passionais... e tem sempre a lembrança
de enviar aos jornais retrato e biografia.

FAMÍLIA lembra o pai, lembra a esposa, a criança,
causa terna emoção... sobretudo quando há
um tio excepcional que nos lega uma herança.

DEDICAÇÃO repele uma suspeita má.
É, contudo, um cartaz com grossas letras pretas,
que mascara ambição de ouro, emprego, ou crachá.

ESMOLA, flor que o *big-life* hoje planta em gazetas,
e expõe como leões, em feira, à vozearia,
com ruídos de tambor e toques de trombetas.

VIRTUDE, moça ideal que morreu de anemia,
fica bem na oração de um tribuno violento,
e lê-se em folhetins dos jornais, dia a dia!...

CASTIDADE, frieza ou mau temperamento.
É no homem o horror de fenecer depressa,
na mulher um ardil de arranjar casamento.

OURO, mola real desta cómica peça,
vertigem que persegue o moral desde o berço,
té que esverdeia enfim numa soberba essa!...

LUXO, aroma subtil e doido no ar disperso,
nevrose do cetim, a esmeralda, o veludo,
mais que a Sífilis e o Ouro apodrece o universo.

LUXÚRIA de olhar verde, uivo choroso e agudo,
cheia de andrajos és a rameira... a *galdéria*...
mas, rojando cetins, caudas espasmo mudo!...

ALCOOLISMO, cevado a grunhir na matéria,
com teu vidrado olhar sobre o tonel bojudo,
envenenas, vampiro! os bairros da Miséria.

EGOÍSMO, expressão que é a chave de tudo,
cancro que mina e rói assim como o *alcoholismo*,
alfa e ómega enfim deste imoral entrudo.

Eis a tua autópsia ó mundo actual, teu cinismo!...
Tudo é mentira em ti. Por isso hás-de rolar,
cadáver falso e vil, aos ervaçais do abismo.

Se a Consciência acusa a hora há-de chegar.

CARTA A UMA GENTIL CANALHA¹

(AUTÓPSIA DE UMA PRINCESA)

Princesa de alto nome!
de nome brasonado,

¹ Este tipo de mulher é o de uma célebre princesa parisiense, verdadeira desequilibrada, *fim de século*, cujas fotografias, em diversas posturas, se encontram em todas as montras dos *boulevards*.

o teu brio e pudor arrojaste ao enxurdeiro...

Não foi por negra fome,

(o *espectro descarnado*)

ou a ânsia de Dinheiro...

— foi o amor do *deboche*, e a atracção do atoleiro!

Tu tinhas um solar de larga escadaria,

aonde a turba dos fidalgos ia,

de *camélias* no fraque, em romaria,

teus pés *mignons* beijar...

Tinhas jóias, cetins, pedras da cor das estrelas

— mas a tudo preferiste o vício das vielas

e a lama do *trottoir*!

Tu tinhas, por esposo, um príncipe de raça,

cem palácios, *chateaux*, matas de caça,

e o mimo loiro e a graça

de seis louros *bebés*...

— e deixaste o teu lar e os braços dos teus filhos,

pelos doidos cancãs e os sujos estribilhos

das canções dos *cafés*!

Com teu pandilha amante, um lírico cigano,

corres a Europa toda, todo o ano,

à guitarra e ao piano,

dançando onde se ri...

Ele tange rabeca o musical Cabinda.

— E tu, ó flor real!... loura canalha linda!...

danças na *brasserie*.

Pois bem: filha de um século absurdo e extravagante!

repara bem, bacante,

de seios leves, nus...

que a Ralé, em ti vê, decaída princesa,

a dançar o cancã toda a feudal nobreza

da lança e mais da Cruz!

Mas que dirás, mulher, se do Destino a força

fizer que um filho teu te veja — ó vil comborça!

seminua, a bailar...

vestida de *maillot*, torcida em mil posturas,

e ouvindo as troças vis, as galhofas impuras
de um doido *boulevard*?...

POST-SCRIPTUM

Mulher, riem de ti! Só eu choro a cegueira
dos teus gozos falazes!
Antes fosses a chã e humilde costureira,
que à tardinha, ao Sol-pôr, suave, na trapeira,
vê florir os lilases!...

CARTA A UM MONSTRO LINDO

(AUTÓPSIA DE UMA MUNDANA)

Monstro de oiro e cetim, de dentes lampejantes,
olhar verde e sereno!...
como as flores tropicais de aromas excitantes,
que matam, atraindo, os insectos brilhantes,
teu aroma é veneno.

Deitada num divã, toda gaze e escumilha,
com lornhão, pó-de-arroz...
voluptuosa a fumar a aérea cigarrilha,
quem poderá cuidar que esse olhar de aço brilha
como um gume de algoz!...

Quem poderá cuidar que entre aromas tão gratos,
a oiro e a malaquita...
os teus lábios sensuais, vermelhos como cactos,
ocultam a traição, quais pomos putrefactos
do lago de Asfaltita?...

Cavalgando o *Sultão* que tem jarretes bravos,
ou trincando *bombons*...
ou perlando o sorrir dos teus lábios, dois cravos,
pensas só em cuspir em corações escravos,
e amontoar *coupons*.

Se sorris, teu sorrir lembra o olor venenoso
da tropical flora.

Se choras, és igual ao crocodilo untuoso,
que atraí junto aos juncaís o viajero piedoso...
e em seguida o devora!

Se é certo que tu tens, sob um véu transparente
glândulas mamais...

e usas pôr-lhe, por *chic*, uma gaze prudente,
prosaico achas porém que sirvam vulgarmente
a funções maternas!...

A ancestral Amazona amputava um dos peitos,
guerreando os heróis...
se eu não vira esses teus, tão lácteos, nus, perfeitos,
cuidaria, mulher, que para heróicos feitos
amputaras os dois.

As crianças p'ra ti são *bebés* de capela,
de graciosa figura...
cabelos em anéis, olhos azuis, umbela,
que deviam ter dentro — inda a mais loura e bela —
cotão ou serradura.

Teu esposo escolheste-o entre os partidos vários,
porque o Ouro tem brilho.
Festejas porém mais teus líricos canários!...
E mais que eles, que Deus, teus cães, teus trintanários:
amas teu espartilho.

Não vês na Arte o ideal de anseios tressuados...
mais um *chic* mundano.
E, nos saraus que dás, garganteando trinados,
fazes aos rouxinóis paródias nos teclados
do passional piano.

Não te abala do Cristo o idealismo estranho,
nem seu suplício cru,
nem Magda que o ungiu num perfumado banho...
Fitas-lo para ver, trespassado num lenho,
um Revoltado nu.

Tens amantes aos cem: mas com arte secreta
de elegância e mistério.
Não os tens por paixão, porque és fria e correcta:
mas sim por que no *high-life* e a roda mais selecta
é mui *chic* o adultério!...

Não lanças teus leais amantes da esplanada,
como a amante real...
da alta torre de Nesle, à lua ensanguentada,
porque não tens castelo, e faz-te frio a espada
do Código Penal.

Mas matas lentamente o triste a quem fascina
o amor das tranças belas...
Mais vil do que Macbeth, a *lady* assassina,
não te turba a paixão: mas a ânsia feminina
das rendas de Bruxelas.

Jamais um dia aflou teu peito lácteo e frio
afecto por ninguém.
Teu canto musical de melodioso amavio
lembra um poço entre flores: pois quanto mais vazio
mais sonoro eco tem.

Monstro moderno... és o fruto repugnante
de um século gafado!
Em vez de coração, tens, num *sachet* galante:
um misto desse pó diabólico e elegante
da lama do Chiado.

POST-SCRIPTUM

O sol tombando doira os templos e as bandeiras,
os vitrais e as rosáceas...
Enojado de ti, olho as verdes ladeiras.
E apraz-me ver beijar-se as pombas prazenteiras,
nas floridas acácias!...

«TOAST», À IDEIA

A Valentim Magalhães

Caluniadores chatins, ó víboras daninhas,
sapos, escorpiões, chatas rãs coaxai!...
Babujai a peçonha e o próprio pus em tudo.
O sol há-de raiar com seu rútilo escudo.
Nós vamos para a Aurora... A grande não lá vai.

Vamos na grande nau. Já vemos terra perto,
glaucas ervas do mar e o marítimo funcho...
Vós, ó rãs, coaxai no lodo contra o barco!
Todo o sapo quer brejo, e toda a rã quer charco.
Toda a podre madeira o dente do caruncho.

Enquanto vós uivais como lobos na neve
no silêncio cavado e o ermo dos escombros,
nós vamos para o Sol, destemidos e bravos,
à lua das marés, quais reis escandinavos,
cabelos aos tufões, peito são, largos ombros.

Lassos dos temporais, imos buscando a Ideia,
Dama branca do mar, santa Índia chorada...
Mas já fulgem, ao sol, as cúpulas distantes,
zimbórios todos de ouro, e as árvores gigantes,
ao zéfiro abanando o leque da ramada.

Voam aves do mar aquáticas estranhas...
Já recortam o azul os palácios indus.
Avançam para nós coros de bailadeiras,
filas sacerdotais, palanquins, e bandeiras...
Esfuzia no cais um chuveiro de luz.

A fauna é desusada, a flora estranha e quente.
Lá vem o Samorim sob o seu pára-sol...
Avançam para nós, salpicados de espuma.
Eis as Índias! Hurrah! O sonho sai da bruma.
Eis as Índias! Hurrah! Avante para o Sol.

CARICATURAS A CARVÃO

A Celso Hermínio

Leitor: esta secção, fruto de horas risonhas,
contém mil carantonhas,
que fariam sorrir talvez o rei de Tule.
São dois, três riscos só — mas naturais, vibrantes —
quais monos de estudantes,
borrados a carvão, à luz de um *punch* azul.

Neles encontrarás, com seus fatos singelos,
de chambre e de chinelos...
tipos piramidais desta época distintos.
Leitor! se tu não és um bolónio, um pascácio,
um conselheiro Acácio,
matuta neles bem. Adeus, *saúde e pintos*.

O PAPÁ HUGO

Se Orfeu foi o inventor da Cítara cantante,
o *Papá retumbante*
acrescentou à Lira um badalo e um tambor.
Quando ele a Lira tange, eu desfaleço e gemo,
se dobra o sino, tremo,
e quando rufa o bombo... aspiro a ser major.

HERCULANO E GARRETT

O primeiro, um plebeu, nunca foi Conselheiro.
Fez-se um dia azeiteiro,
partiu *A Harpa do Crente*, e hoje a terra o esconde.
O outro valsava bem. Cantou o lírio e a anémoma,
e por uma Desdémoma,
depois de bom poeta... acabou em visconde.

ZOLA

Grande cirurgião. Seu bisturi certo
vale um bom marmeleiro,
rasga, esposteja, corta, e destrói santos nichos.
Mas agora fez mais. A hebraica Sinagoga,
que outro dilúvio afoga,
viu nele o Pai Noé... *sem a arca, e sem os bichos.*

HUYSMANS

Este não é ateu. Gosta das arquitraves,
das dalmáticas e as naves,
e as brancas Catedrais de heráticas linhas...
Ama o incenso e o latim como um ventrudo abade.
E agora, feito frade,
no coro está talvez a cantar ladainhas.

BAUDELAIRE 3

Com seu queixo rapado, eis el-rei Baudelaire!...
Em noites de prazer,
salmeava a *Carça*, esse hino dum coveiro.
Seu riso faz lembrar a Macbeth da peça,
dançando numa essa
fandangos de sabá, aos lumes de um tocheiro.

PAULO VERLAINE

Eis Verlaine, o cantor do azulado Palácio!...
Vendo-o, diria Horácio:
«Dá cá um beijo, ó Paulo, ó rei da Lira altíssima!»
Mas ele, com um gesto algo dolente e exótico,
lhe diria, clorótico:
«Não to dou que o não quer a Maria Santíssima!»

MALLARMÉ

Eis o escuro cantor da enigmática Floresta!...
Quem ali dorme a sesta
vê um Fauno esfaquear a *D. Ideia* em postas.
De repente arde a selva e o autor que a flama ateia
salva a princesa Ideia,
como Eneias o pai, pondo a infeliz às costas!...

TERRAIL

Ah, que visconde atroz!... Que crimes, que pagodes,
que barbaças jagodes,
que homens louros *fatais*, e que sicários vis!...
Por estas más acções da sua dura entranha,
a cordata Alemanha
declarou guerra à França... e matou-o em Paris.

OS ULTRA-ROMÂNTICOS

Leitor: eis os borrões de mil heróis magriços,
com bigodes postiços,
como os fez Capendu, Montépin, e Radcliffe.
Mascarados ladrões do meio de ruínas,
roubam louras meninas,
fende o raio um solar... o autor papa o seu bife.

OS DECADISTAS

Agora eis uns carões de homens magros, doentes,
com ar de dor de dentes,
que ingerem ópio, *hatshis*, o láudano, a morfina.
Dizem lá dentro ter reservatórios largos
de venenos amargos.
Não há tal!... Têm até muito açúcar na urina!

DÉROULÈDE

Poeta e militar. Os seus versos marvóculos
 não inspiram consórcios,
não atraem à valsa, e induzem ao himeneu.
Como o espectro de Enghien que via Bonaparte,
 vê este em toda a parte
na terra, o mar, o Azul... o *nariz de um judeu*.

GUSTAVO DROZ

De charuto na boca eis Droz, manso *telhudo*,
 de roupão de veludo,
e um sorrir bonachão que na face se espraia.
A sua Musa foi uma loura cocote,
 com cravos no decote,
mostrando um pé *mignon*, sob as rendas da saia.

SOARES DE PASSOS

Magro, pálido, e grave, era a imagem de um monge!
 Seu canto aéreo, ao longe,
doeu como um flautim por luar solitário.
Um dia, ao pôr do Sol, trepou a uma colina,
 carpiu com voz divina,
soluçou o *Adeus...* e expirou boticário.

TEÓFILO BRAGA

Magro, sóbrio, modesto, eis um sábio de *arromba!*...
 Mal no beiral a pomba
arrulha... põe-se a pé, como um sonâmbulo sábio.
Se fosse um bom senhor de castelos roqueiros,
 dera donas e archeiros,
não por noiva ducal... mas por velho *alfarrábio*.

RAMALHO ORTIGÃO

Chamei pelo Diabo — em certa conjuntura —
e eis que esbelta figura,
de *smoking*, me surgiu, mui gentil nas escarpas.
Abri um largo abraço ao saudoso Proscrito
tombado do Infinito,
e até paguei-lhe um *bok*... É o Ramalho d'*As Farpas*.

EÇA DE QUEIRÓS

Alto, míope e magro, o monóculo em riste,
seu estilo, com chiste,
semelha a chuva de ouro em que Jove desceu.
Palpita este áureo pó até sobre os escândalos,
e é mais rico que os sândalos
e os sublimes charões do *Palácio do Céu*.

TOMÁS RIBEIRO

Membrudo, alto, beirão, mui seraficamente
fala com toda a gente.
Lembra o anjo Gabriel, com bigodes do Cid.
Dois filhos ele tem que o indígena aprecia:
O *D. Jaime* e *A Judia*,
que a Virgem lhe inspirou, na gruta, em *Carnaxide*.

GUILHERME DE AZEVEDO

Como Byron coxeava. Irónico e franzino,
criou o *Rosalino*,
cantou a Via Láctea, à noite, na trapeira:
e morreu em Paris, ralado de saudade
da estúrdia mocidade,
em que ia ouvir cantar a sua lavadeira.

GUERRA JUNQUEIRO

Magro, baixo, mordaz, de nariz aquilino,
 eis o vate assassino,
que matou *D. João* quando o viu em bambochas.
Mascarou-se de dândi e aos corações pôs jugo,
 depois do papá Hugo,
e alfim de um decadista... *errante e sem galochas*.¹

EUGÉNIO DE CASTRO

Se deixasse de usar o estilo babilónico,
 seria um belo e eufónico
vate como Catulo — esse Imortal pagão.
Mas, mau grado o esplendor, o seu estro é forçado,
 e o seu queixo rapado,
em vez de Baudelaire... imita um sacristão.

OS NEFELIBATAS²

Agora eis os borrões de uns tipos merencórios,
 que não têm suspensórios,
ceroulas nem calções, e usam sobrepelizes...
Dizem coisas bíblicas, sidéreas, apostólicas,
 e bastante católicas,
a senhoras feudais de compridos narizes.

¹ Alusão ao *Judeu Errante* da Parvónia.

² São os decadistas portugueses, cuja única originalidade consiste no nome que se deram.

FIALHO DE ALMEIDA

Macilento, sem cor, linfático, gorducho,
 é fluente repucho
de contos primaciais, paradoxos, *boutades*.
Se Brama veio do Ovo, o Oceano vem da gota,
 o roble da bolota,
este doutor saiu de Oliveira de Frades.

GUIMARÃES FONSECA

Alma de ouro e folião. Cantou o amor e a olaia,
 vadiando à gandaia,
a beber e a sorrir, neste mundo casmurro.
E, um dia, entre leais pipas velhas como arcas,
 e as câs dos Patriarcas,
rabiscou, a libar, as *Memórias de Um Burro*.

GERVÁSIO LOBATO

Muito chiste e bom sal. Era um autor frascário,
 de humor faceto e vário,
que nunca fez canções ao pôr do Sol e à tília.
Mas, de casa ao sair, liró, gardénia ao peito,
 berrava satisfeito:
«Belas, agora nós... Tremei pais de família!»

D. JOÃO DA CÂMARA

Olho negro e subtil, barba em ponta, luneta.
 Dramaturgo e poeta,
seu estro e o seu pincel traçam finos retratos.
Boémio original de cabelo anelado,
 sobre o Pégaso alado,
baixa às vezes de Azul — *ao José dos Pacatos*.

SOUSA MONTEIRO

Para a cena escreveu o *Auto dos Esquecidos*,
em versos tão brunidos,
tão ricos e orientais, que um saloio os crê mouros...
Porém se a peça, a infeliz, não faz chorar nem rir,
forçoso é de convir:
foi uma bela *bisca* atirada aos vindouros!

MARCELINO MESQUITA

Dramaturgo de truz. Com seu ar petulante,
seria, outrora, o andante,
valente paladim das princesas à coca.
Mas hoje é como nós — nestes tempos realistas —
um *blasé* de valsistas,
sécias e *horizontais* de cabelos cor de oca.

FERNANDO LEAL

Lembrava o d'Artagnan... estúrdio, bravo, e louco.
Tinha estro e alma, e um soco
dele escachava ao meio o queixo a um Ferrabrás.
Agora sério *alfim*, sob um pálio de anil,
come arroz de caril,
goiabas e cajus, na pátria dos rajás.

D. TOMÁS DE MELO

Poeta pelo amor, fidalgo e cartazeiro,
com estro e sem dinheiro,
em Sevilha se achou, um dia, num jumento.
E às brisas soluçou esta tétrica fala:
«Três camisas na mala!
Ceroulas um par só... e esse no pensamento!»

D. LUÍS DE ALMEIDA

Poeta e militar. Com gestos solarengos,
falava de avoengos,
com brasões imperiais no almanaque de Gota.
Toldado pelo amor e o sumo bom da parra,
gemia na guitarra,
aos pés da Concha, e ia... um nadinha, à *batota*.

EDUARDO VIDAL

Rouxinol reformado. Outrora, de lunetas,
compunha cançonetas
à roxa Aurora e ao amor... encaixado em lençóis.
Mas Apolo irritado, exclamou: «Vai prà Alfândega!
No Parnaso, por pândega,
em vez de tanger lira, hás-de só tanger bois!...»

FERNANDES COSTA

Poeta e oficial. Grosso como uma pipa,
já pegou de um ripa
de escachar Gutenberg e até mesmo o Deslandes.
Às vezes, no Parnaso, anda de fato rico,
outras, vai em burrico,
com farda de major, chinelas de Fernandes.

OLAVO BILAC

Rothschild da Rima. Este espalha, às mãos-cheias,
vibrantes melopeias
de um alegre *hallali* numa floresta cérula.
Qual borracho de Azul, numa saudosa mata,
tange a flauta de prata
à *Dama do Luar*, nua, em concha de pérola.

RAFAEL BORDALO

Depois de desenhar coisas que admira o celta,
fez uma jarra esbelta,
que ao vê-la Palissy bradaria: «*És um barra!*
Malfadado mortal, o que é que perpetraste?
Mortal, como eu, erraste!
Vai caminha maldito! Ashavero da jarra!...

D. CARLOS DE BRAGANÇA

É louro, alegre e rei, bigode em flecha arqueado.
Caça o gamo e o veado,
o cerdo, o javali, sem errar tiro algum.
Pinta e pesca também. E nisto, coisa estranha,
imita a Grã-Bertanha!...
Pesca Álbion Portugal, El-Rei pesca o *atum*.

OS ESPAVENTOSOS

Eis uns *landaus* que vão com banqueiros ventrudos,
mundanas de veludos,
marialvas com *bouquets*, berrantes como um toiro.
Atrás vão uns tafuis, no meio de *lorettes*,
com ruidosas *toilettes*,
tranças luzindo ao sol, com o cloreto de oiro.

OS CONGRESSISTAS DA PAZ

Leitor: eis um pagode em que, com largos copos,
borrachos filantropos
uivam brindes à Paz, trocam *toasts* sem conta.
Mas agora, leitor, lança a este lado as vistas:
ei-los, *bailões fadistas*,
que espetam no Chinês trinta *naifas de ponta!...*

FONTES

Acrobata, tenor, conselheiro, dentista,
mágico e equilibrista,
assombrara Faraó — em saltos de trapézio.
Quão bíblico seria, em atitude trágica,
Moisés de vara mágica,
com fogos de Bengala e aos lumes do magnésio!...

ELVINO DE BRITO

Eis o luso Vixnu. Com amorável face,
protege o milho e a alface,
é pai da couve e a flor!... À formiga tem ódio.
As próprias *flores de alma*, as rosas dos pianos,
vão ter paternos guanos,
vinho, bifés, pastéis, e nitrato de sódio.

DUQUESA DE PALMELA

Chapéu baixo, leitor! Eis uma nobre dama.
O seu sorriso chama,
em bando os corações, sua bolsa a indigência.
Aos seus pequenos pés, em medidas selectas
murmuram os poetas:
«Senhora, os rouxinóis saúdam Vossa Excelência!»

LUCIANO CORDEIRO

É baixo, sério, calvo, e tem o queixo longo.
O cretino mondongo
ri dele, velhacaz, sem chegar-lhe à craveira.
Mas ele, com valor maior do que o seu queixo,
contra eles, por desfecho,
fará o que Sansão fez com certa caveira...

D. CLÁUDIA CAMPOS

Talento fino. É alta, é pálida, e distinta.
Dilui na meia-tinta
do sonho a realidade, e do sorriso o choro.
É magra, pois que janta — *ó mísera e mesquinha!*
a brisa da tardinha,
e o arrebol... que é um bife assaz magro e assaz louro.

CAIEL

Tem do génio o esplendor na mágica pupila.
Como ninguém, burila
a frase que é, como ela, uma turquesa estranha.
Fica-lhe bem na trança a cor do boné frígio,
e ó milagre! ó prodígio!...
o lírio deu à luz uma grossa montanha! ¹

PEDRO DE ALCÂNTARA

Era um magro histrião, vil palhaço de esquinas.
Cortejava as meninas,
e, aos socos e empuxões, fazia *rapapés*.
Às chufas, aos labéus, à galhofa, às gebadas,
torcia-se em risadas.
Ceava no Bragança e passeava em *coupés*.

UM CERTO MARQUÊS

Jamais provou senão carne da rabadilha.
Sua nomeada é filha
de haver favorecido os quiosques e parques.
Amava muito o luxo e os seus cavaliários.
Nunca teve derriços.
Em vez de ser marquês antes fosse só Marques!

¹ Alusão a uma obra da autora.

UM CERTO DUQUE

Tinha o bigode cor de um crepe de viúva,
pintado, e, havendo chuva,
destingia — o infeliz! — da muita água ao cabo.
Na ritual procissão chamada *Corpus Christi*,
o duque preto e triste
como o rei Belchior... *mandava Deus ao Diabo*.

ARROIO

Nesta terra em que o sol dá seu sangue às roseiras,
é o Sansão das carteiras,
tem navalha na língua, e risca como um *faia*.
Se arroio, em vez de ser mansinha água corrente,
é fadista torrente,
leitor, em vez de arroio... antes no prato arraia!

RESSANO GARCIA

Eis um Graco!... um Catão de heróicas fibras nobres.
Distribui tudo aos pobres,
e fica em pêlo, ao léu, rapando fome e frio.
O mundo inda o verá — por esta pátria ingrata —
ir empenhar a prata,
a sua alma, e um chapéu de coco ao Montepio.

MARIANO DE CARVALHO

Sorrindo, eternamente a chupar um cigarro,
se Adão veio do barro,
veio este da botica, em busca de uma nota.
Como ministro, foi um hábil prestímano,
como animal, bímano,
como carvalho... ó Ceus!... antes fosse bolota.

AZEDO GNECO

Vermelho, a barba ruiva, um tanto já grisalha,
sem repouso trabalha
este heróico plebeu para um sublime fim.
Não sei porque mistério e incógnito segredo,
teve por nome *Azedo*.
Azedo é para os maus... mas para os bons *pudim*.

LUCIANO DE CASTRO

Como César, traçou os *Anais da Torreira*,
com pena assaz caseira.
Papa o seu bife, lê, toma banhos de praia...
De Paris, de Berlim, Beijoca da Fervença
dele ocupa-se a Imprensa,
e não existe porém!... O que o move?... *Uma saia*.

DUQUE DE ÁVILA

Enrolado ao pescoço um *cache-nez* de lenda,
da barca da Fazenda
ele foi o timão, a âncora, a fateixa.
Conspícuo fundador do Banco Hipotecário,
e egrégio funcionário,
jamais cantou o Azul. Nunca fez uma *endecha*!

CONSELHEIRO CARRILHO

Eis um outro varão, assombro da Aritmética.
Que luta tão patética
com o défice trava, essa bíblica ténia...
Jamais cantou o poente este hábil Conselheiro.
E, à sombra do salgueiro,
jamais sonhou de amor!... Jamais fez uma *nénia*.

AUGUSTO RIBEIRO

Eis um varão maior do que o maior obelisco!
Corria grave risco
quem lhe trepasse a um ombro, e olhasse a Natureza.
Mais alto é que o Hidalcão e o Ferrabrás do Egipto.
Quando eu o encontro, grito,
tirando o meu chapéu... «Como está Vossa Alteza?»

DUQUE DE POZZAURO

Um que devera ser o Broquel da Fazenda!...
A sua rica prenda
de roubar nos salões da Itália, maravilha...
Preclaro capitão de excelsos ratoneiros,
condes, barões, banqueiros,
como ninguém, leitor, marcava uma *quadrilha!*

A UMA HORIZONTAL

Mulher de tranças negras e compridas,
e de falas fingidas,
que, alta noite, ao ruído das orgias,
com casquinadas frias,
achincalhavas corações dolentes...
— com prazer vejo que não tens dois dentes!

O' sereia das tranças cetinosas,
e falas melodiosas,
toda cheirando a rosas...
Senhora do Deleite!
sempre em banhos de leite,
sempre inventando sensações estranhas...
— hoje estás boa para assar castanhas!

MEFISTÓFELES NO CEMITÉRIO

A Visão do Cemitério

I

Estendeu-se — ante mim — um vasto cemitério.
Cemitério gigante.
Era o luar da cor de um marfim velho e sério
dum Cristo agonizante.

II

Um silêncio glacial, místico, ansiado, intenso,
pesava, cavo e fundo,
na cinérea extensão do cemitério imenso,
tão vasto como o Mundo.

III

As gotas do luar escorriam leitentas...
contas de um colar frias!...
nas cruzes sepulcrais e as campas macilentas
das tumbas alvadias.

IV

Pairava nos covais, e em toda a circunferência
da dormente região,
a fosfórica luz, verde fosforescência,
que sai da podridão.

V

A esses glaucos clarões, dançando, num embate
funéreo, alado, e belo,
os cravos tinham sangue — e o lírio o branco mate —
da folha de um cutelo.

VI

Abriram-se, de chofre, aos clarões do luar,
as alvacentas lousas.
E eu vi — cheio de horror — a ignota e singular
germinação das Cousas.

VII

Vi as rosas gentis sugarem luxuriantes,
as chagas e as feridas.
Beladonas fatais as entranhas hiantes,
e o sangue dos suicidas.

VIII

Vi o lírio sugar as carnes cor de cera
que ceifara a clorose.
Vi florir o jasmim nos pulmões que roera
a hostil tuberculose.

IX

Dos castos corações vi nascer as acácias.
Dos tristes o cipreste.
E as hortensens azuis das entranhas violáceas
que apodrecera à peste.

X

Vi medrar o lilás nos lábios das crianças
e nas tenras mucosas.
Abriam, triunfais, no sangue das matanças,
as dalias gloriosas.

XI

Fabricava a camélia o cetim sem defeito
naquele esgoto mudo.
À gangrena tirava o esbelto amor-perfeito
o seu melhor veludo.

XII

Casavam-se os leais perfumes inocentes
dos resedas amenos,
às flores tropicais das regiões mordentes,
que destilam venenos.

XIII

Moscas verdes, azuis... insectos faiscantes
voejavam nas flores,
sugando à corrupção aromas estonteantes,
e o mel dos seus horrores.

XIV

Invadiu-me um torpor subtil e absorvente,
lânguido e estranho, ao cabo...
Eis que ao longe enxerguei — num clarão de ouro — em frente,
rindo, *o senhor Diabo*.

XV

Mefistófeles, era ele! Escutei-lhe a ferina,
a sagaz gargalhada.
Era ele, o senhor da barba hostil, caprina,
mais da pluma encarnada!...

XVI

Chamou pelo meu nome o Crítico cortante,
das lendas cor do lume.
E assim me interpelou, com seu rir semelhante
a um vidro, a um aço, e a um gume:

XVII

«Visto que já fizeste autópsias e sondagens
na *Carcaça moderna*,
toma um carvão e traça epifácios nas lajens.
Faze a autópsia eterna!...

XVIII

«Faz realistas painéis. Por baixo destas cruzes,
que sobrepujam vícios,
disseca os senhores Reis, das orgias às luzes,
dando festins patrícios.

XIX

«Escalpela também os senhores Bispos nédios,
com douradas estolas,
em santas bacanais para matar seus tédios,
melodiando violas!...

XX

«Escalpela as paixões das damas com polvilhos,
mais as da áurea *Regência*,
dando beijos *mignons*, nas ruas de junquilhos...
fazendo a reverência.

XXI

«Disseca a Pompadour, a empoada sereia,
rufiões e Rainhas.
Levanta um templo, um drama, um palácio, uma ceia,
em quatro ou cinco linhas!»

XXII

Dizendo isto — a rir — mil nomes designava.
E, com a adunca mão,
Mefistófeles também epitáfios riscava,
nas campas, a carvão.

XXIII

Assim fiz. O escalpelo enterrei sem abalo,
por velha noite fora,
té que a alva raiou. Ao longe, um *negro galo*
anunciou a Aurora.

EPITÁFIO DE MORNÝ

Repousa aí deste perpétuo entrudo
luzente saltimbanco!
Nos paços, nos salões, luxuoso e mudo,
tu foste um rico álbum de veludo,
com as folhas em branco.

EPITÁFIO DE UM «MAQUERAU»

Aqui jaz um taulo bandalho aristocrata
que deu em *maquerau*.
Traficou com o Amor como um turco pirata.
Foi rei do macadame, furtou colheres de prata.
Mas contudo ninguém atou uma gravata,
como este pulha atou!

EPITÁFIO DE UMA COCOTE

Como era bom pompear — em carros à Daumont —
sensacionais chapéus!
Mas lá no céu cristão que falta de *bom tom!*
Não se usa lá carmin, pó-de-arroz, nem *lorgnon*,
nem se bebe *Bordéus!*...

EPITÁFIO DE BISMARCK

Ensanguentaste a Europa — e a Alemanha de guarda
puseste a este quartel.
Com sangue das nações ajuntaste ouro em barda.
Agora, espectro nu, ao ver-te sem a farda
que dirá S. Miguel?...

EPITÁFIO DE OFFENBACH

Como ninguém tiveste esse dourado nimbo
da glória popular.
Riste como ninguém. E, ou nos céus ou no limbo,
de vez em quando vem, fumando teu cachimbo,
ser rei do *boulevard!*...

EPITÁFIO DE UMA CANCANISTA

Deusa do pé subtil, com revoltas piruetas,
ganhaste a glória vã.
E agora, lá nos céus, ao som das cançonetas,
és capaz de tentar os barbados Profetas,
com saltos do cancã!

EPITÁFIO DA MONTESPAN

Quando tocar nos céus a Cólera Divina,
a biblíal trombeta,
e Deus te acuse e chame *infame Messalina!*

tu, alçando a gentil figura de vinheta...
increparás a Deus com voz firme e argentina
de faltar à etiqueta!

EPITÁFIO DE GRAMONT

Repousa aqui Gramont, das damas paladino,
rival de Satanás.
Patusco, jogador, borrachão, libertino,
roubaria a mulher do próprio rei Pepino,
ou furtaria ao jogo os dobrões de Mandrino,
com ar de bom rapaz!...

EPITÁFIO DE UM GOVERNADOR¹

Sob esta campa marmórea,
ei-lo o feroz, *ferocíssimo*.
Não dorme, não... Foi à Glória
catrafilar o Altíssimo.

EPITÁFIO DE UM REAL PATIFE

Meu frascário taful, de rubros lábios grossos,
e luvas amarelas!
das honras virginais fizeste mil destroços,
tua alma fez lembrar o bordel de Olivelas.
Fenda-te um raio a campa e em teus dispersos ossos
urinem as cadelas.

EPITÁFIO DA RIGOLBOCHE

Deusa da bacanal, foste a amável Naná,
ruidosa do *bom tom!*...
E, se acaso, nos céus, se baila como cá,
decerto já piscaste um olho a Jeová,
dançando o *cotillon*.

¹ O conselheiro Arrobas, que foi célebre pelo seu autoritarismo.

EPITÁFIO DE UM IDEALISTA

Tu que — na azul trapeira — a sonhar velhos mitos,
e o *Nirvana* ideal...
ergueste o olhar ao céu, como os heróis sânscritos,
vês acaso florir nos lagos infinitos
o *loto* espiritual?...

EPITÁFIO DE UM GATUNO

Aqui jaz um bom gatuno,
que das pegas era aluno,
e a que o mundo votou asco...
Era estrangeiro, era basco!
E quando foi a enforcar,
vendo a triste irmã chorar,
ou por costume, ou por chasco...
furtou o lenço ao carrasco.
Aqui jaz um bom gatuno,
que das pegas era aluno,
e a que o mundo votou asco!...

EPITÁFIO DE UMA MUNDANA

Rainha dos salões, mais formosa que as lendas
feéricas do Érin!
o que te há-de afligir nestas horas tremendas
é aparecer a Deus, sem *peignoir* de rendas,
e sem pôr teu carmin.

EPITÁFIO DE HERCULANO

Grande homem, sem orgulho ou vão enfeite,
que depois de escrever, fizeste azeite!...
apesar de te haverem sepultado
entre reis e rainhas de alto estado,
num túmulo tão gótico e tão rico,
ai jazes, triste e só... como o Eurico!

EPITÁFIO DE NAPOLEÃO

Revolto é teu velar nessa cripta funérea,
té raia a manhã!...
Quem te perturba assim? As derrotas da Ibéria,
as chamas do Kremlin, as neves da Sibéria,
ou a trágica sombra ensanguentada e séria
do duque de Enghien?...

EPITÁFIO DE UMA INFANTA

Jaz aqui uma linda aristocrata,
de linhagem real, que, sem bravata,
descendeu de D. Sancho, o *Povoador*...
Foi no amor assazmente democrata.
Tanto amava um barbeiro e um diplomata,
um rei como um tambor.

EPITÁFIO DE NAPOLEÃO III

Jaz aqui o histrião que enxovalhou a França,
alma de lodo e barro!
Que dirá ele a Deus, ante a horrível balança?...
Talvez, como em Sedan, nos campos de matança,
acenda o seu cigarro.

EPITÁFIO DE BRUMMELL

Aqui jaz o gentil Brummell *enfastiado*,
que às *ladies* deu vertigens...
Morreu este taful canalha idolatrado!
S. Pedro, guarda o Céu, ferrolha a cadeado
bem as *Onze Mil Virgens*.

EPITÁFIO DE LADY HAMILTON¹

Dorme, ó Camélia de ideais cabelos,
cetim de olhos dormentes!...
Que fria neve e malcriados gelos!
Tu que davas ao corpo mil desvelos,
mostras agora os dentes amarelos...
e não tens pós de dentes!

EPITÁFIO DE THIERS

Tu que venceste os magros rebelados,
tu que honrou a Fortuna,
que escutas tu, de olhos apavorados?...
*«Nas velhas torres, sem que o vento zuna,
chorarem torvos sinos desolados
os mortos da Comuna!...»*

EPITÁFIO DE UM «CLOWN»

Ria — em deslocações, entre punhais — no almejo
de um ouropel devasso.
Saltava, a gargalhar, com burlesco despejo.
Mas amou uma vez, e eis matou-se de pejo
o lírico palhaço!

EPITÁFIO DE WAGNER

Com teu canto imortal aplacaste os destinos,
os Germanos e os Francos.
Fizeste enternecer inimigos ferinos!
Cantor do *Lohengrin*, compões agora hinos,
num lago de luar, onde ao som de violinos,
passeiam cisnes brancos!

¹ Lindo e perigoso corpo conhecido pelo nome de Emma Lionna.

EPITÁFIO DE RICHELIEU

Eis o rei da Elegância e das noites viciosas,
o grande feiticeiro!
Ao mesmo tempo foi, com falas preciosas,
das amantes reais empoadas e airosas,
garrido embaixador, todo cheirando a rosas,
o mestre e o alcoviteiro.

EPITÁFIO DE D. FRANCISCA DE SABÓIA¹

Dorme Camborça, aí, nessas geladas
tábuas do teu caixão!
E aí, nessas góticas arcadas,
escuta sempre as lúgubres passadas
do *triste prisioneiro*... inconsoladas,
nas lajens da prisão!

EPITÁFIO DE CAMBRONNE

Ligaste o nome heróico a um palavrão eterno,
da tua vida ao cabo.
Mas, se acaso Satã te empurrou ao Inferno,
que vocábulo então realista e moderno
não ouviu o Diabo!...

EPITÁFIO DE UM COMENDADOR

Morreu Comendador da Áustria e mais da Hungria,
e reinos estrangeiros.
Mas nunca comandou esquadra ou companhia.
Comandou, com valor, uma tabacaria
na Rua dos Fanqueiros.

¹ Esposa de D. Afonso VI.

EPITÁFIO DE OUTRO

Um tendeiro aqui jaz Comendador
de várias ordens mil e de arreganho...

Houve uma só a que não deu valor:

Foi à Ordem do Banho.

EPITÁFIO DE PAGANINI

Que é feito, ó mestre ideal, do rei dos instrumentos
que fazia chorar?...

Que é feito do violino onde anseavam lamentos,
ladainhas, paixões, rezas, enterramentos,
e espectros, com punhais nos corações sangrentos,
que erravam pelo ar?...

EPITÁFIO DE NINON DE LENCLOS

Com sedas orientais, sobre chão de mosaicos,
pompeaste ouro e sardónias.

Riste de padres, reais, arcebispos e laicos.

Tiveste azuis pavões, talhas raras, begónias.

Agora temes Cristo e os seus santos hebraicos,
e Satã dá-te insónias.

EPITÁFIO DA MAINTENON

Católica pagã, preciosa beata
da Bíblia do Diabo!

tu foste uma amazona e uma hábil acrobata,
que montaste o Rei Sol, silvando uma chibata,
que tinha a Cruz no cabo.

EPITÁFIO DE LADY MACBETH

Ó trágica Macbeth agitada e sombria,
torva rainha vã!

não tem todo o Oceano água que lave um dia
o sangue dessa mão pequenina e macia...
o sangue de Duncan!

EPITÁFIO DE LUÍS XIV

Aqui jaz o Rei Sol, que como um seco tojo,
espedaçou os fracos.
Caçou almas cristãs como lobos num fojo.
Abateu fêmeas, reis, filósofos, e Gracos.
Mas hoje escorre pus, e o seus olhos, que nojo,
são dois grandes buracos!

EPITÁFIO DE VEUILLOT

Defendeste Jesus com um rancor de mouro,
ó rei das regateiras!
Dorme aí, ó cisterna aonde o sol pôs ouro.
Repousa aí, enfim, velho tambor sonoro
de um palhaço de feiras!

EPITÁFIO DO REI DO PETRÓLEO¹

Aquele que ganhou mais ouro do que Apeles,
que Fídias e Platão,
que o Mundo aqueitou, sem fogão e sem peles,
agora não possui nem um *fósforo reles*,
que risque a escuridão!

EPITÁFIO DA RAINHA DOS DIAMANTES²

Roubaste a amantes mil, melodiosa e com jeito,
diamantes e rubis.
Foi de nácar e ouro e esmeraldas teu leito.
Mas os que fitam hoje esse corpo perfeito,
tapam logo o nariz!

¹ Célebre milionário americano.

² Célebre cocote também ianque.

EPITÁFIO DE UM ACROBATA

Saltando em teu corcel, nas almas dos galantes,
causaste mil abalos.

Mas hoje, a rir — caveira — aos ciprestes ondeantes,
tu confessas, sem dó, que achaste os teus amantes
mais vis que os teus cavalos!

EPITÁFIO DE UM POETA POBRE

Aqui, nesta campa rasa,
jaz um meigo sonhador,
que viveu sempre sem casa!
Fitando as nuvens e a lua,
sonhava em mirtais em flor,
nas duras pedras da rua!...
Morreu de penas de amor,
em manhã de névoas frias,
por jovem de tranças pretas,
que vendia violetas,
e era irmã das cotovias...
Morreu de penas de amor,
em manhã de névoas frias!...

EPITÁFIO DE UM ALCAIOTE

Jazes aí — marau — mais vil que o pó e a traça,
do que o lameiro e os lixos.
Três filhas tu vendeste ao rei quase de graça:
Só te faltou vender essa podre carcaça
Que faz náuseas aos bichos!...

EPITÁFIO DE CHATEAUBRIAND

Repousa, na Bretanha, aí, na rocha algente,
onde rouqueja o mar.
Mas, às horas leis e tardas do poente,
não sonhes, Chateaubriand, nas ruínas do Oriente.
Sonha no mar, no céu, no Ideal transcendente,
e em asas a voar!...

EPITÁFIO DE UM ESCROQUE

Aqui jaz um marquês, com avós nas cruzadas,
que em salões foi pirata.
Guardai vossos anéis, ó Santas maceradas!
Cuidado, ó mãe das Dores, nas tuas sete Espadas,
se acaso são de prata!

EPITÁFIO DE LAUZUN

Repousai aqui Lauzun de famosa lembrança,
e árbitro dos janotas.
Folião, *petit crevé*, muito gentil na dança,
correu pelos salões que as princesas de França
descalçavam-lhe as botas.

EPITÁFIO DE OSSIAN

Tu tens a tua campa em meio de nevoeiros,
bardo heróico e leal!
Pois bem. Sonha ao luar nos espectros guerreiros
da raça de Morven!... leais e verdadeiros...
nos filhos de Fingal!

EPITÁFIO DE LUÍS XV

A lenda diz que tu, as pernas cambaleantes,
em devassos jardins...
Tomavas banhos mil de sangue de crianças.
Muita cautela pois, Santas de louras tranças!
Fechai os querubins!

EPITÁFIO DO SAPATEIRO BARBADÃO

Aqui jaz Barbadão, judeu de praça,
que teve a alegre chança
de ser pai de uma hebreia de tal graça,
que em vez de deitar solas... fez a raça
dos duques de Bragança.

EPITÁFIO DE CORA PEARL

Jazes aqui loura e gentil figura,
preclara e nunca vista!
Foste uma rara e olímpica escultura.
Deveste muito a Deus e à Formosura...
e inda mais à modista!

EPITÁFIO DE D. JOÃO V

Repousa aí, ó Salomão das freiras,
Salomão de Odivelas!
Em vez do coro das gentis doceiras,
piam corujas, aves agoureiras...
Sobre o teu crânio arranhas tecedeiras,
fiam-te bambinelas.

EPITÁFIO DA CONDESSA DE SALISBURY¹

Criou-se a Jarreteira, essa ordem nobre e antiga,
entre jarrões e espelhos...
por teu real amante apanhar tua liga.
Teu esposo porém foi uma outra cantiga:
apanhou dois chavelhos!

EPITÁFIO DE UMA BURGUESA

Tu almejaste ter uma casa elegante,
com uns estores tafuis.
Agora aí a tens, lá nesse Céu distante.
Tem agora, jardim, gás, guarda-portão, mirante,
gelosias azuis.

¹ Formosa antepassada do actual duque e estadista inglês, Lord Salisbury.

EPITÁFIO DA POMPADOUR

Marquesa polvilhada, elegante, catita,
topete alto, ombros nus...
no enigmático *além* que anseio é que te agita?
Dançar o minuete, ou ser a favorita
de Satã ou Jesus?

EPITÁFIO DE CATARINA II

Tu não podes dormir sequer alguns instantes.
Horrenda é tua insónia!
Através nuvens, céus, basílicas distantes,
e os beijos imorais dos teus milhões de amantes,
ouves, em toda a parte, os gritos arquejantes,
dos mortos da Polónia!...

EPITÁFIO DE CASANOVA

Eis Casanova, o rei de acções aventureiras,
marau e jogador.
Encarcerado, a rir, seduziu carcereiras.
Fugiu com cortesãs, abadessas, e freiras.
E foi tão hábil mestre em limpar algibeiras
como em cartas de amor!

EPITÁFIO DE BUCKINGHAM

Ó romanesco herói de romances saudosos!
nessa prisão mesquinha...
da campa, onde ocultaste afectos misteriosos,
lembra-te inda o sabor, entre os rosais cheirosos,
do beijo da Rainha?...

EPITÁFIO DE BERLIOZ

Dorme aí, Berlioz, cantor das luas calmas,
e das revoltas más!
Eu ergo ao céu da Arte as mãos, como umas palmas,
ao ouvir, no canto teu, as tragédias das almas,
e o rir de Satanás!...

EPITÁFIO DE UM DESCONHECIDO

Jaz aqui ao abandono um suicidado,
que nem um nome tem!
Quem foi ele?... Algum sábio malogrado?
Um místico idealista envergonhado?
Um doido, um crente, um triste, um revoltado?
Não o sabe ninguém.

Se ele obrou bem ou mal, ninguém decida.
Seu nome é um mistério.
Queima-lhe o sol a ossada escandecida.
Todos fogem do lívido suicida.
Negam-lhe até seis palmos de jazida
no chão do cemitério.

Negam-lhe o pranto que dão 'sempre às dores
as ceifeiras do Sul...
Riem, passando ao pé, os vãos doutores.
Riem, ao sol, lameiros rosnadores.
E ri, em cima até, dourando as flores,
impassível o Azul.

Um rico mau que odeia o orgulho nobre,
para o lado escarrou.
Nenhum nome sequer seus ossos cobre.
Da igreja o sino não tangeu um dobre.
E o cão amigo, que acompanha o pobre,
nem mesmo o acompanhou!...

EPITÁFIO DE JESUS

Teu túmulo em Salém está cheio ou vazio?
Guarda o teu corpo, ou não?
Mistério! pois ninguém o abre ou já o abriu,
desde quando Magda em lágrimas o ungiu,
e achou um coração.

EPITÁFIO DE PILATOS

Eis Pôncio. Fez em Cáprea, entre as mãos de Tibério,
papel das meretrizes.
Procônsul em Sião, por destino funéreo
sentenciou Jesus, para salvar o Império.
Acabou magro, calvo, errante, expulso, sério,
tendo horror aos juízes.

EPITÁFIO DE JEOVÁ

Este pomposo Ancião dos salmos e parábolas,
e outras amáveis fábulas,
perdeu o raio e jaz na tumba azul do Espaço.
Mataram-o. Quem foi? O Homem, mísero ente,
armado unicamente
de uma pena, um tinteiro, e um caderno de *almaço*.

EPITÁFIO DE SATÃ

Eis o Rebelde antigo e o altivo Impenitente.
Eis o Espírito Mau.
Batalhou contra Deus, no Azul resplandecente.
Na Idade Média foi o Riso independente.
Acabou borrachão, poeta decadente,
calvo, velho, e marau.

SERENADAS DE HILÁRIO NO CÉU
(FANTASIA MÍSTICA EM UM ACTO)

AOS MEUS AMIGOS

ACTO ÚNICO

CENA I

O teatro deve estar imerso numa vaga claridade. Uma larga sala, com uma porta azul, ao fundo, que deve figurar a do Céu. S. Pedro, ancião de veneráveis barbas, está sentado numa cadeira, com um grande molho de chaves que tilintam, na destra e com certo ar mazombo.

S. PEDRO (*monologando*)

Estão muito avessos os tempos!... Muito avessos e em muito mau cheiro de cristandade!... E tudo isto advém da depravação dos costumes, do *pas de quatre*, das valsas vertiginosas, e dos delírios do Cancã!... Desde que as belas do *Moulin Rouge*, dos imorais botequins de Paris e dos teatros de bulevar, se lembraram de alçar as níveas pernas até à altura do nariz, escasseou a romagem das almas para o Céu!... Antigamente ainda se ouviam bastas vezes, tímidos truz! truz! à portada do Paraíso!... Hoje é raro: todos os pés estão ocupados em dançar o Cancã, e todos os ouvidos a escutar a guitarra mágica do Hilário... Ah! este, se tivesse o despejo de algum dia bater à aldrava do Céu, havia de lhe chamar, com todas as letras: tunante, birbante, meliante, inelcatréfe!... (*Avermelha-se comicamente de cólera. À portada escutam-se dois repinicados truz! truz!... S. Pedro boquiaberto:*) Quem é que bate por acaso, e com tamanha filáucia!... Deve ser algum rei, ou algum doidivanas!... Algum rei que morreu num baile, ou algum estúrdio que rolou sob a mesa de um botequim, sem pagar o seu absinto... Vêm tresnoitados, e enganaram-se decerto batendo à porta do Céu!.. (*Vai abrir, deixando a porta mal cerrada, mas de sorte a ver-se as figuras dos que querem entrar*).

S. PEDRO

Quem é que bate à porta do Paraíso, como se isso fosse porta chué de quintal!... O prédio está decerto vetusto e antigo, mas ainda aqui não viceja o ervaçal, nem se cultivam as couves-lombardas!...

CENA II

S. Pedro, e Hilário, Mefistófeles, o Anjo da Guarda, fora da porta.

HILÁRIO (sobraçando uma guitarra)

Venerável Ancião! Venerável S. Pedro! Muito conspícuo guarda-portão celeste!... eu sou o Hilário, o poeta pálido e amigo da Gandaia, que tão célebre me tornei na Terra, por causa da minha guitarra e do meu fígado. Vinha pedir-vos um banquinho, um reles banquinho, uma tripeça, um tamborete, uma dobradiça, cá nesta deliciosa Ópera Celestial, porque eu pelo-me por música, como um archeiro do Papa!...

S. PEDRO

O quê?... Pois tu, grande tunante e birbante! passaste a vida completamente na borga e na Gandaia, passando as noites mal dormidas, em descantes e salsifrés, empinando copázios, com tricanas e loureiras, e depois de todas estas noites lulentas dos botequins, pretendes abichar um tamborete no Paraíso!... Nem tambor, nem tamboril, nem tamborete!... Rua!... Gira com Mefistófeles para o pé da rainha Cleópatra, Messalina, Isabel de Baviera, e outras belas e perniciosas madamas, com quem te hás-de deliciar às maravilhas!...

MEFISTÓFELES (vestido como um dândi, flores ao peito, assestando o seu monóculo)

Perfeitamente! Perfeitamente! expansivo e meticuloso barqueiro da Galileia... É o que eu tenho manifestado a este incomparável rapaz!... Disse-lhe que ele era um moço estúrdio e inteligente, folgazão, expansivo, generoso, amigo das mulheres, do Amor, e do Vinho, enfim, muito espirituoso, excessivamente espirituoso e com todos os requisitos que o tornam digno de desprezar as pompas do Céu, e de ser um preclaro cidadão dos Infernos!... Mas ele não me quis ouvir... e enquanto eu lhe puxava por um braço para os Estados de Satã, o seu Anjo da Guarda, que é cabeçudo, puxava-lhe por outro, para o Céu! E eis aqui porque nós todos aqui estamos: ele, com desejos de ouvir a Santa Cecília, e os coros celestiais;

eu na esperança de o convencer, e de não me privar de tão alegre companhia!... (*Baixo a S. Pedro.*) Tange a guitarra que é de endoidecer!...

S. PEDRO (*abalado*)

Sempre então é verdade que este boémio doidivanas modula umas tais modinhas, que é da gente se estarrecer, e passar toda a Eternidade num interminável salsifré?... Se não fosse contra a religião gostava de ouvir isto!...

O ANJO DA GUARDA

Não, S. Pedro! as trovas do Hilário enaltecem o Amor, mas não abocanham a Religião. São ais sentidos, melopeias vagas, suspiros de uma alma ferida, gemidos de um coração varado por um raio de lua!..

HILÁRIO

Estas discussões acabam por me fazer dormir em pé!.... Que estás tu, ó meu Anjo da Guarda, a falar em feridas, em suspiros, em melopeias, e em raios de lua... Perdes toda a tua poesia e o teu sistema planetário, com S. Pedro!.. Fala-lhe em tainhas, em enguias, em chernes, em safios, em rodoválhos, ou na melhor maneira de consertar as redes, que ele punha a secar ao sol, nas prateadas praias da sua Galileia!...

S. PEDRO (*colérico*)

Queres tu dizer, acaso com isto, que eu sou um reles pescador, que não entende senão de tainhas, de chernes, e de enguias!... Rua já meu sacripanta, meu atrevido estudante das dúzias!.. Fora com o insolente!... (*Atira-lhe com um molho de chaves.*)

HILÁRIO (*rindo às gargalhadas, e apanhando as chaves*)

Venerável Ancião! Respeitável Apóstolo! Preclaro porteiro das Alturas!... Bem vêes que eu agora é que tenho as chaves, e posso muito bem ocupar o teu lugar no Céu! Não tenho

porém uma vocação irresistível para guarda-portão! Portanto, toma-as lá, e depreende bem por isto, quanto um poeta é generoso!... (*Ri às casquinadas.*)

CENA III

Os mesmos e S.^{ta} Cecília trazendo uma harpa de ouro.

S.^{ta} CECÍLIA

O que é isto, S. Pedro? O que é que te enfada assim?... E quem é este moço interessante, que sobraça, com ar folgazão, um instrumento que me é desconhecido?...

S. PEDRO

É o Hilário, o estúrdio boémio de cafés, o conquistador de corações, que pretende também escalar as portas azuis do Céu!

S.^{ta} CECÍLIA

Ah este moço é o Hilário, que dizem que tange tão divinamente as cordas da guitarra, que todos os corações se diluem em risos e lágrimas?... S. Pedro! consente que ele penetre no Céu um bocadinho pois toda eu estremeço em desejos de o ouvir...

S. PEDRO

Atentai bem, ilustre S.^{ta} Cecília, que se o Hilário põe nos Céus um pé, um bocadinho, ninguém mais daqui o deixa sair!... É capaz de endoidecer as Onze Mil Virgens!..

MEFISTÓFELES

Efectivamente é assim, preclara maestrina!... O demo do estudante tem não sei que magia nas pontas dos dedos, que é capaz de fazer asnear o mais abalizado doutor da Igreja!...

Eu próprio, que sou um diabo matreiro, não escapo à fascinação!..

S.^{ta} CECÍLIA

S. Pedro, vamos, um bocadinho só! Depois de o ter escutado, ele decerto não permanecerá aqui, sem o consentimento de Jesus, ou da Virgem Maria!

S. PEDRO (*resmoneando*)

As mulheres, ainda que santas, hão-de sempre mostrar que são filhas de Eva! Todas morrem pela Serpente!... (*Abre a porta a Hilário, Mefistófeles, e ao Anjo da Guarda. Mal eles entram a sala ilumina-se esplendidamente.*)

O ANJO DA GUARDA (*baixo a Hilário*)

Hilário, meu bom amigo! o mais difícil está vencido! O resto tu o conseguirás provavelmente!... Se acaso houver perigo, de novo acorrerei a teu lado, com solicitude.

HILÁRIO

Obrigado, meu anjo da Infância!... Tens sido bom de mais, para um valdevinos como eu!.. Mas os corações bons são como a Luz — douram até as impurezas! (*O Anjo retira-se.*)

CENA IV

Os mesmos, menos o Anjo da Guarda

S.^{ta} CECÍLIA

Vamos Hilário, se és tão ilustre como dizem na arte divina de extasiar as almas, vibra já, que estou impaciente, as cordas mudas dessa guitarra!... Dentro dela deve existir uma alma prisioneira!

HILÁRIO

Vou satisfazer-vos desde já, e começarei por uns triolés folgazões!... (*Vibra a guitarra e canta.*)

Eu moro numa trapeira.
Canto, à guitarra, a primor!
Namoro uma costureira,
que é uma grácil trigueira!...

Tenho cotão na algibeira,
na alma milhões de amor!
Eu moro numa trapeira.
Canto, à guitarra, a primor!...

Sou boémio vagabundo.
Ando sempre na Gandaia!
Tenho um desprezo profundo
pelo deus Vintém imundo...
Corro, a cantar, meio mundo,
e durmo à lua na praia...
Sou boémio vagabundo.
Ando sempre na Gandaia!

Hei-de inda ser saltimbanco,
e aos burgueses mostrar ursos!...
Todo de vermelho e branco,
com um gigante que é manco,
e um camelo de olhar franco,
farei nas feiras discursos...
Hei-de inda ser saltimbanco
e aos burgueses mostrar ursos!...

Meninas doidas de amor
fugirão com o palhaço!
Aos rufos de meu tambor
correrá tudo em redor!
E da guitarra ao langor
chorarão damas do paço!...
Meninas doidas de amor
fugirão com o palhaço!

Andarei cheio de anéis
dados por embaixatrizes!...
Terei *dogcats* e corcéis...
E, a partir, noventa e seis
princesas filhas de reis,
chorarão quais chafarizes...
Andarei cheio de anéis,
dados por embaixatrizes!...

A Imperatriz da Alemanha
fugirá com o arlequim!
Será uma coisa estranha
ver uma guerra tamanha!
Vinte naus da Grã-Bretanha
virão em busca de mim...
A Imperatriz da Alemanha
fugirá com o arlequim!

Hão-de a achar numa trapeira
comigo, a tocar guitarra!...
Arderá a Europa inteira
com esta guerra estrangeira!
Virá a Áustria sobranceira
Álbion de aguda garra...
Hão-de a achar numa trapeira
comigo, a tocar guitarra...

S.^{ia} CECÍLIA

Cantas e tanges superiormente esse instrumento maravilhoso, cujo amavio eu desconhecia!... Canta mais que estou embevecida!...

S. PEDRO

Efectivamente! efectivamente! devo convir que a guitarra é muito superior ao órgão e ao saltério!... Mas os teus cantos são assaz profanos!.. Não seria melhor que tu entoasses na guitarra os salmos do rei David?...

HILÁRIO

Eu prefiro o *Cântico dos Cânticos* de Salomão. São cantos que falam de amor, de poesia, de vinho e de mulheres!... São cantos que fazem estuar os sentidos e o coração!... Respira-se ali a vida a plenos haustos, e parece que nos embriaga o cheiro das rosas de Saron!...

MEFISTÓFELES (*assestando pretenciosamente a monóculo a S.^{ta} Cecília*)

Coisa rara, ilustre Santa!... É também Salomão o meu escritor predilecto, apesar de ser um autor sagrado!... Um rei da Judeia, que bebia como um tonel, que possuía trezentas mulheres, e setecentas concubinas, não pode deixar de ser para mim um autor de muita autoridade!...

S.^{ta} CECÍLIA

Não nos detenhamos em conversações estéreis!... Hilário acede aos meus rogos!...

HILÁRIO (*cantando*)

É tua boca ideal
um palácio com jardim...
As portas são de coral.
Os degraus são de marfim!

Quem me dera lá mandar,
como arauto do Desejo,
um pajem de seda e ouro,
que tem o nome de Beijo!

S.^{ta} CECÍLIA

Encantador, deliciosamente exprimido, com mimo e com alma! Vou também responder-vos, na minha harpa dou-rada!... (*Tange a harpa, e entoaa.*)

Teu modilho terno e brando
toda a minha alma clareia...
Parece que estou sonhando
ao luar, na branca areia!

Vou quebrar minha harpa de oiro!
pois não há quem te resista...
Tua guitarra é um tesoiro!
Foge de mim guitarrista!...

(Faz rebentar todas as cordas da harpa.)

HILÁRIO

Por que fizeste estalar assim as cordas da tua harpa celeste?... Nisso não manifestas senão quanto és modesta, como gentil!... Que dor aguda senti!

MEFISTÓFELES

Dá-me cá a tua guitarra, Hilário, que também quero trovar nela uns elogios, cá a meu sabor de velho diabo libertino... *(Tange a guitarra, e canta sarcasticamente.)*

Teu canto abriu-me cem portas
de oiro e azul, bem o distingo!...
Parece que ouvi nas hortas
um sol-e-dó, ao domingo!

Não há voz que mais amanse!
Que chorosa cavatina!...
Parece um triste romance,
lido à luz da lamparina!

Tens na voz notas estranhas,
lírio de folhas prateadas...
Que pena que tu não venhas
ao António das Caldeiradas!

S.^{ta} CECÍLIA

Quedai-vos aqui ainda, Hilário, que eu me não demoro muito... Vou avisar as minhas companheira da tua chegada e dizer-lhes que venham extasiar-se com os teus descantes. (Sai.)

CENA V

Os mesmos, menos S.^{ta} Cecília

S. PEDRO

Muito bem! agora que S.^{ta} Cecília já ouviu as tuas trovas, garganteios, e trinados, é tempo, creio, de girares para outras regiões! Rua! Rua! meu estudante!... O Céu não é nenhuma baiúca, nem sítio para valdevinos, nem gente perdida da Gandaia!.. Vai-te embora com o cão tihoso!.. Cruzes, canhoto!..

HILÁRIO

Sair do Céu, sem ter ouvido os coros celestiais!.. Isso nunca!.. Seria o mesmo que ir a Roma, e não ver o chinelo do Papa!...

MEFISTÓFELES

Afianço-te que não vale a pena!.. Os anjos tocam todos fora do compasso. Os coros das Virgens cantam todos em falsete!... Tenho escutado nas aldeias do planeta terráqueo charangas e sol-e-dós muito mais afinados que os tais coros celestiais!..

S. PEDRO

Cala-te, mafarrico!.. Língua da Impostura e da Mentira! De todos os demónios tu és o mais mentiroso, zombeteiro, e escarnicador!... És como a raposa com as uvas!... Dizes mal do Céu, porque não podes cá morar entre os anjos!

MEFISTÓFELES

Se é verdadeira a comparação do teu apólogo, sendo eu a raposa, devem então os anjos ser as uvas?.. (*Ri às gargalhadas.*)

CENA VI

Os mesmos e as Estrelas

As Estrelas vêm todas com saias de prata e ouro nas quais estão semeadas estrelas douradas, e pequenos espelhos luzentes Na testa trazem todas também uma estrela de cristal, e nas cabeças em ar de diademas, lâmpadas multicores.

UMA ESTRELA

És tu Hilário, tu, que nós tantas vezes ouvimos, com os olhos alçados para nós, modular o teu rosário ideal e religioso de poesia?.. Ai que lindas contas de pérolas tu passavas, tantas vezes, rindo, ou chorando?... Não nos conheces?.. Somos nós as tuas claras amigas, as Estrelas!..

HILÁRIO

Ai se vos conheço meus Sonhos, meus desejos, meus soluços, meus quebrados suspiros!..

A ESTRELA

Pois então vibra-nos, como outrora, nas noites bondosas e macias de lua, novos rosários de rimas!.. Todas nós te queremos ouvir!

(As Estrelas repetem estas últimas palavras em coro. Depois fazem uma grande roda, em torno de Hilário, que metem no meio, e volteiam assim, enquanto ele canta imitando o giro astral em volta de um sol.)

HILÁRIO (*cantando às Estrelas*)

Sois flores, ou pedras finas...
cá destes jardins do Céu?
As vossas cores peregrinas
são de opala, ou corralinas?
Sois lírios, ou balsaminas
crisântemos, que sei eu?!..
Sois flores, ou pedras finas...
cá destes jardins do Céu?

Lembraís-me uns olhos errantes...
que choram noivo no mar!
Quando vos via distantes
como lágrimas brilhantes...
cismava em mortas amantes,
e então punha-me a cantar...
Lembraís-me uns olhos errantes...
que choram noivo no mar!

(*As Estrelas param os seus volteios, conservando contudo a roda, em torno de Hilário.*)

A ESTRELA

É incomparável, Hilário, o teu canto precioso! Nós não somos preciosas gemas, nem ametistas, nem esmeraldas, apesar de termos as cores vivas dessas pedras. O teu canto porém é que é um escrínio de diamantes dignos do rei Salomão!

MEFISTÓFELES (*quebrando o círculo das Estrelas, querendo dar um beijo numa*)

Ó minhas beldades! que dengosas e irresistíveis sois com essas lanternas multicores na frente, em guisa de diadema!... Lâmpadas, lampadários, archotes, luminares, castiçais deste reino estrelado, devo declarar-vos que sois muito superiores à luz eléctrica, e ao bico de Auer!... Dá-me cá a tua guitarra Hilário! (*Cantando à guitarra.*)

Ai lanternas! que olhar
de olhos tão garços, frecheiros...
Quem me dera ir já deitar,
à luz de tais candeieiros!

Que grande incêndio em mim lavra,
ao ver-vos, luzes divinas!...
Não me importava, palavra!
levar vinte lamparinas!

CENA VII

Os mesmos e Maria Madalena

S. PEDRO

Jesus me valha Senhor! Aí vem Maria Madalena! Desta vez é que perco a esperança de pôr fora do Céu o Hilário... Temos o caldo entornado!..

MARIA MADALENA

S.^{ta} Cecília acaba de me pintar com cores tão mágicas o encanto da tua voz, que venho correndo para te ouvir, Hilário. No tempo das minhas vaidades, quando eu banhava o meu corpo glorioso, todos os dias, em banhos de essências e perfumarias da Arábia, e habitava em palácios frescos de mármore, que me dava Herodes Ântipas, eu tangia, com primor, todos os instrumentos de corda. Por isso é grande a minha ansiedade de te ouvir...

HILÁRIO (*cantando*)

Loura e bela companheira
da existência do Rabi,
a guitarra aventureira
turbou-se hoje... mal te vi!

Jesus desceu aos abrolhos,
por mil degraus em espiras...
Mas subiu para os teus olhos,
por escadas de safiras.

Nesse azul do teu olhar
não há tufões... há bonança.
Ai quem me dera viajar
no mar de ouro dessa trança!

Quem me dera em tais oceanos,
que rescendem a violeta...
andar perdido cem anos,
como a nau Catrineta!

MARIA MADALENA

Não posso sequer acompanhar, nem ir na esteira dos teus primores, mas acompanhar-me no teu instrumento favorito, que eu vou forcejar por te dar réplica... (*Hilário acompanha-a, e Madalena entoa.*)

Como tu cantas tão bem!
Seda de Infanta ou Rainha
não vale os rasgões que têm
a tua capa velhinha!..

Teu canto tem amavio!..
Entorna em roda um luar.
Dá-me suor, faz-me frio,
e vontade de chorar!...

Que me importa a loura trança
que, ao desdém, me cai na espalda...
teu canto traz-me à lembrança
um sonho de ouro e esmeralda!..

Se eu não fosse a planta alta,
que solucei no Calvário,
perdia-me, hoje, sem falta
por tua guitarra, Hilário!..

MEFISTÓFELES

Pelo que vejo, cá nestes salões resplandecentes do Império Celeste, tudo são curvas, medidas, etiquetas, e contumélias!... Vou também portanto, fazer a Maria Madalena os meus humildes salamaleques... (*Canta à guitarra.*)

Mandei trovas ao luar,
madrigais às cotovias...
mandaram-me ir passear
a casa das minhas tias!

Se eu sou feio como os bodes!..
Mas tu, Brilhante polido,
fizeste o Tetrarea Herodes
andar de beijo caído.

Conheceste o mundo arteiro.
Viste o Ladrão Bom, e o Mau...
Faltou-te ir do Areeiro
jantar na Perna de Pau!

CENA VIII

Os mesmos, S.^{ta} Cecília e coros dos Anjos. (Os anjos trazem todos instrumentos de corda e de sopro, e vêm tocando uns acordes suaves. S.^{ta} Cecília traz a tiracolo uma guitarra. Depois de tocarem por algum tempo, suspendem a fanfarra. O maestro empunha uma batuta de ouro: os anjos mais pequenos agitam pandeiretas prateadas.)

UM ANJO (*a Hilário*)

Já te fizemos ouvir, por pedido especial de S.^{ta} Cecília, os nossos coros celestiais, segundo manifestaste o desejo a S. Pedro. É do teu dever agora fazer-nos ouvir o teu instrumento celebrado.

HILÁRIO (*cantando*)

Anjos de asas de cetim!
Anjos louros, Anjos bons!
entornai por sobre mim,
vosso chuveiro de sons!...

Contra tão maviosa chuva,
eu não quero usar umbela,
minha triste alma viúva
quer ser molhada por ela!...

A Virgem compõe os hinos,
que os corações arreбата...
Os anjos mais pequeninos
tocam pandeiros de prata.

MEFISTÓFELES (*chega-se para o pé dos anjos, assentando-lhes o monóculo, mirando-os desde os pés até à cabeça, e, por último, afagando-os com trejeitos caprinos de sátiro, canta.*)

Essas mãozinhas nevadas,
essas mãozinhas pequenas,
cravam peitos como espadas...
são macias como penas!

Dir-se-ia que estão tangendo
violinos nos corações...
Parece que estou comendo
salada de camarões!

(*Suspende-se um pouco, para se assoar, a um enorme lenço cor de fogo, e depois continua.*)

Sois mimosos como as Virgens!
Sois claros como a Manhã...
Só não sabeis as vertigens
voluptuosas do cançã!...

(*E dizendo isto, põe-se a exhibir uns passos impossíveis, vertiginosos, fabulosos do cançã.*)

S. PEDRO (*a Mefistófeles colérico*)

Grandíssimo Tunante das profundas!... Indigno Sicário dos abismos!... o Altíssimo permite-te, por favor especial, as tuas liberdades malignas, desde longa data; mas jamais te permite que faltes à compostura que deves ter no Céu.

MEFISTÓFELES

Basta! Basta!... O que me fez proceder assim foi o desejo inocente de lhes aperfeiçoar a sua educação infantil!...

S.^{ta} CECÍLIA (*a Hilário*)

Não vês Hilário, já mandei buscar o teu instrumento predilecto à Terra... Chega-te cá. Quero que me dês as primeiras instruções!... (*Hilário chega-se a S.^{ta} Cecília; e ensina-lhe a vibrar as cordas.*)

S. PEDRO (*levando as mãos à cabeça*)

Valha-nos Deus!... Valha-nos o Todo-Poderoso! Já S.^{ta} Cecília que rebentou as cordas da sua harpa de ouro, quer aprender também a tocar a diabólica guitarra!... Entraram as serpentes no Paraíso! Vou já pô-lo sem delonga, no olho da rua! Rua! Rua! seus melquestrefes, seus valdevinos!...

CENA IX

Os mesmos, S. Jerónimo e os Ermitas

S. JERÓNIMO

Ainda não, S. Pedro! Ainda não! Pacienta um pouco!... Também eu quero escutar o Hilário, e mais os meus venerandos Ascetas. (*Para Hilário.*) Estou há longos anos no Paraíso, e por demais conheço os Santos, os Arcanjos, os Serafins, os Tronos, as Dominações. Fala-me agora alguma coisa da Terra, que há muito deixei de a conhecer! As mulhe-

res do teu país são acaso tão belas que as almas dos homens por elas ainda se deixem tentar, aos seus beijos lascivos, e sobre os seus seios de lava?!...

HILÁRIO

Preclaro S. Jerónimo! As mulheres do meu país são formosas entre as formosas, e têm carinhos suáveis e flébeis que adormentam como o ópio e o hidromel!... A elas votei sempre o meu amor os meus versos, e as minhas lágrimas silentes!... Se me perdi, perdi-me por elas, e é tal o amor que lhes votei, que se tivesse de voltar para elas, não verteriam meus olhos, talvez, lágrimas pelo Céu proibido! Vou fazer-vos o retrato de algumas das mais inolvidáveis. (*Canta.*)

Das alfacinhas dengosas
as falas sabem a mel!...
São esbeltas, graciosas
quais borboletas nas rosas!
Suas tranças cetinosas
reluzem como um broquel...
Das alfacinhas dengosas
as falas sabem a mel!

Que menear de quadris
tão gentil têm as tricanas!...
Não há almeias e huris,
nem *grisettes* de Paris,
nem Andaluzas gracis,
que vos imitem, serranas!
Que menear de quadris
tão gentil têm as tricanas!...

As graciosas Ovarinas
parecem brancas fragatas!
Têm todas cinturas finas
como delgadas meninas!
Têm remos de coralinas,
velas que parecem pratas...
As graciosas Ovarinas
parecem brancas fragatas!

Que lindas são as do Porto!
Que guapas são as tripeiras!...
Inda que eu estivesse morto,
ou como Jesus no Horto,
ficaria doido e absorto
de amor, por estas frecheiras...
Que lindas são as do Porto!
Que guapas são as tripeiras!

Parecem mouras de lendas
as graciosas Algarvias!...
Não há jóias, nem ofrendas,
do rei Salomão as tendas,
da bela Belkiss as prendas,
que valham tais pedrarias...
Parecem mouras de lendas
as graciosas Algarvias!...

Pudesse eu, como elas todas,
bailar o fado, ao luar!
Como se baila nas bodas,
pudesse eu, em grandes rodas,
cantando umas ternas modas,
em farândolas voltear...
Pudesse eu, com elas todas,
bailar o fado, ao luar!...

S. JERÓNIMO

O teu canto tem na realidade um amavio desconhecido, e há, efectivamente, nesse instrumento uma sonolenta melopeia, que tem tanto de sensual, como de melancólica!... Se as mulheres do vosso país são carinhosas, e vos entontecem, o instrumento que as celebra é digno delas!...

MEFISTÓFELES

É certo que as mulheres do país deste estúrdio boémio têm um certo feitiço peculiar que seduz!... O estudante, porém, que parece que está embeaçado por elas, exagerou muito as suas perfeições, e aliviou muito os seus ídolos dos

defeitos naturais de todas as mulheres, que são todas amigas da Serpente!... Eu vou pintar os seus quadros ao vivo. (*Tira a guitarra das mãos de Hilário, e canta.*)

As alfacinhas têm olhos,
que são caldeirões do Inferno!
Têm uma saias de folhos,
que das almas são escolhos!...
Têm expressões que são molhos
mui pincantes... com ar terno.
As alfacinhas têm olhos,
que são caldeirões do Inferno!...

A Ovarina é uma sereia,
que cheira a peixe do mar!
Nas noites de lua cheia,
baila descalça, na areia...
Dá-nos às vezes tareia
de língua e mão... de escaldar!
A Ovarina é uma sereia,
que cheira a peixe do mar!

Cuidado com as tricanas
quem aspirar a marido!...
Têm umas falas magañas,
que não são nada tiranas!
Têm todas nas almas lhanas
um estudante escondido...
Cuidado com as tricanas
Quem aspirar a marido!...

As belas filhas do Porto
têm tripas de feiticeiras!
Qualquer piloto que é torto
se as vê... vai direito ao porto!
Aos corações dão conforto,
mas aos olhos dão olheiras...
As belas filhas do Porto
Têm tripas de feiticeiras!

A graça das Algarvias
parece mel e pimenta!...
São subtis como as enguias
as suas falas macias!
Se nos dão mel em fatias,
seu olhar a Neve esquentá...
A graça das Algarvias
parece mel e pimenta!

Pudesse eu lançá-las todas
com uma pedra, no mar!...
Tenho tomado mil sodas,
por causa das suas modas!
Só quem não sabe das podas
é que que inda cai em casar!...
Pudesse eu lançá-las todas,
com uma pedra, no mar!...

CENA X

Os mesmos e as Onze Mil Virgens. Vêm todas vestidas de branco, com lâmpadas na mão, e flores de laranjeira cingindo-lhes as fronte. Quando elas surgem, os anjos tocam a sua celeste sanfarra.

S. PEDRO

Não faltava mais nada para o triunfo definitivo deste estúrdio estudante! S. Jerónimo, o grande doutor da Igreja, acha no seu instrumento um feitiço desconhecido, Maria Madalena declara-o sublime, as Estrelas ficam estarecidas, escutando-o, S.^{ta} Cecília quebra a sua harpa de ouro, e troca-a pela guitarra, e agora, demais a mais, eis que chegam as Onze Mil Virgens!... Eu que as tinha tão fechadas e aferrolhadas, a bom recado!...

S. JERÓNIMO

Hilário, tu, que sobre tudo versejas e improvisas, não poderás acaso dedicar umas trovas também a S. Pedro, guardião das cordeiras celestes?...

HILÁRIO

Já estava há instantes congitando nisto!... (*Cantando.*)

S. Pedro estava dormindo,
sentado à porta do Céu.
Eis que o Amor entrou sorrindo,
sorrindo... mas não bateu!

Ficai sabendo, homens graves,
que prendeis as formosuras,
que contra o Amor não há chaves,
ferrolhos, nem fechaduras!

S. PEDRO

Ainda em cima deprecia a minha vigilância, e os meus serviços, o mafarrico!...

UMA VIRGEM (*a Hilário*)

Sublime cantor, temos ouvido celebrar os teus acordes mágicos, e as tuas volatas que a todos extasiam. Queremos, pois, também deliciar-nos, ouvindo-te... Não queremos, porém, cantos alegres, orgíacos, e folgazões!... Queremos aquelas pequenas trovas, em que tu primas, sentidas, dori-das, sofridas, e em que os corações das mulheres e dos poetas se diluem em lágrimas...

HILÁRIO

Vou esforçar-me por vos comprazer!... (*Cantando.*)

Virgens mais débeis que o vime,
e mais radiantes que a Aurora!
não há nada mais sublime
que um lindo rosto que cora...

Debaixo dessas janelas,
sempre cruéis e fechadas,
ontem à noite, às estrelas,
deram-me quatro facadas.

Mas nenhuma fez no peito
o mal que, por minha cruz!...
os teus olhos me têm feito
dando facadas de luz.

Busquei o Amor, viajando,
ao Sol, à Lua, às Estrelas...
fui encontrá-lo às janelas
desses teus olhos, chorando!

Sou pobre, mas não me importa!...
Mendigo e canto viola.
Fui bater à tua porta,
teu olhar me deu esmola.

Vinha da chuva transido,
mas tu, com piedosa mão,
foste secar meu vestido,
nas brasas do coração...

Mas quando, ao raiar do dia,
me puseste fora — ingrata!
o pranto que em mim corria
parecia um rio de prata...

AS VIRGENS (*em coro*)

Admirável! Precioso! Bem sentido e bem exprimido!...

UMA VIRGEM

Entoa-nos mais outras harmonias tão delicadas e ternas,
como essas!... Faze-nos ouvir um pequeno poema, um dia-
mante de facetadas rimas, que lembre uma jóia oriental, em
que se narrem os infortúnios de um amor íntimo, casto e
infeliz...

HILÁRIO (*cantando*)

O vestido de noivado
da rainha de Kashmir
era a diamantes bordado,
como o luar num terrado!...
Parecia o Céu estrelado,
ou a visão de um faquir,
o vestido de noivado
da rainha de Kashmir.

Se é a Via Láctea, em suma,
não há olhar que destrince!...
Nenhuma vista, nenhuma
juraré se é neve ou pluma,
se é leite, ou astro, ou espuma,
nem o próprio olhar do Lince...
Se é a Via Láctea, em suma,
não há olhar que destrince!

Levava, nas mãos patricias,
leque de rendas e sândalo...
Oh! que mãozinhas... delícias
para amimar com blandícias,
para beijar com carícias,
que adorariam um Vândalo...
Levava, nas mãos patricias,
Leque de rendas e sândalo.

Cor da lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!...
Seu manto, púrpura e arminhos,
não rojava nos caminhos,
pois sua cauda, aos saltinhos,
levava-a um núbio moleque.
Cor da lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!

Eis que, no meio da boda,
entrou um moço estrangeiro...
Calou-se a alegria doida
da grande assembleia, em roda!
E a brilhante sala toda
fitou o jovem romeiro.
Eis que, no meio da boda,
entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
e brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
como a um punhal que a trespassa,
encheu de prantos a taça,
e o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
esse brinde, em língua estranha!

Encheu de pranto o vestílo,
encheu de pranto os anéis...
E, sem soltar um gemido,
chorou, num pranto sumido,
o seu passado perdido,
os seus amores tão fiéis!...
Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anéis.

Quem era o moço viajante
que fez turbar a rainha?...
Era o seu primeiro amante,
tão leal e tão constante,
que, do seu reino distantes,
brindar ao Passado vinha...
Tal era o moço viajante,
que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!
Por um brinde ao mar passado,
ficou de pranto alagado
o vestido de noivado
da rainha de Kashmir.
Saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!...

UMA VIRGEM

Obrigado, Hilário!... Teu canto eterneceu-me como o perfume que se evola de um estimado cofre antigo, como uma melopeia amiga da infância...

S. PEDRO

Muito bem, Hilário! Agora que já cantaste a primor, como todos convêm, agora que já ouviste S.^{ta} Cecília, e os coros celestiais, como tu almejavas, é tempo de abandonares o Céu, e de seguires o teu destino...

MEFISTÓFELES

Comida feita, companhia desfeita!...

HILÁRIO

Pois bem: cumpra-se então o meu destino adverso!... Adeus Virgens! adeus Anjos! adeus claras, amigas Estrelas!...

AS ESTRELAS (cercam-o de novo, e colocam-no no centro, de sorte que ele fica no meio, como da primeira vez, mas, agora, como guardado e defendido por elas.)

Isso nunca Hilário! Jamais te deixaremos partir... E, se te força rem, não te abandonaremos, e, antes pelo contrário, te acompanharemos...

AS VIRGENS

E nós também!

OS ANJOS

E nós também!

S.^{ta} CECÍLIA e MARIA MADALENA

E nós também!

OS ERMITAS

E nós também!

S. PEDRO (*pondo as mãos nos ouvidos*)

Ih! Jesus! Ih! Jesus! Ih! Jesus! *Sanctus! Sanctus! Sanctus!*...
Parece uma verdadeira conspiração!... O que será do Céu
sem Estrelas, sem os Anjos, sem os Santos, sem as Virgens!...

MEFISTÓFELES (*esfregando as mãos*)

Nunca julguei tão interessante a comédia divina!... Agora
é que S. Pedro as ouviu tesas e boas!...

CENA XI

Os mesmos, e o Anjo da Guarda

O ANJO DA GUARDA

Venho livrar-te S. Pedro dos embaraços que te criou a tua
obstinação e teimosia! Dei parte do ocorrido à Virgem, e ela
já vai decidir o pleito... Eis ela que assoma!

CENA XII

Os mesmos e a Virgem Maria. Mal ela assoma, vestida de branco, as fanfarras dos anjos entoam acordes religiosos. A lua cheia desponta. Essa lua semelha um novelo, donde pende um fio luminoso, que se vai prender à meia que a Virgem vem fazendo. As Estrelas formam uma grande roda, cercando-a. As Virgens, com as suas lâmpadas acesas, formam outra roda envolvendo a primeira).

HILÁRIO (*ajoelha, e tange na guitarra, logo que a música dos anjos cessa.*)

Nossa Senhora faz meia,
com linha feita de luz...
O novelo é a Lua cheia.
As meias são p'ra Jesus.

A VIRGEM MARIA

O teu bom Anjo da Guarda, Hilário, veio-me contar, chorando, que S. Pedro te não queria admitir no Paraíso, mau grado os desejos de todos os assistentes. Dize-me tu primeiro, S. Pedro, os motivos que te impelem a seres tão cruel com o meu filho Hilário?...

S. PEDRO

Santíssima Virgem! convenho que Hilário tem grandes méritos musicais, e é assaz gracioso, e insinuante... Mas, a par destas qualidades, que ele deveria ter sabido aquilatar, para delas fazer um piedoso uso, tem os vícios e os pecados de uma vida lutulenta e de libertinagem, uma vida dissipada e de orgias...

A VIRGEM

Que tens tu a contestar a isto, Hilário?

HILÁRIO

Santíssima Senhora! Rainha das Lágrimas! Mãe dos Tristes!... acaso deverei eu defender-me, citando as minhas acções boas? Não será isso em mim vaidade e vanglória?... De-mais elas são tão poucas, que pouco me lembro delas!... Não as citarei pois. Só me defenderei do que apodam delitos. Senhora! tem o povo onde eu nasci um instrumento sentimental e popular, no qual geme as suas desgraças, chora os seus desejos, suspira os seus amores, soluça os seus crimes, a sua fome, e os seus trabalhos... Chora nele quando ama, quando é feliz, quando peca, quando mata, e quando vai arrastado para os infindáveis degredos... Eu apaixonei-me por esse instrumento, e julguei achar-lhe uma alma oculta e misteriosa. Com ele também ri, também amei, também carpi, e também pequei! Mas os meus delitos não são delitos vis: são os delitos dos aventureiros poetas! Podem eles, acaso, serem acusados por amarem o Sol, a Beleza, a Virtude, os Infelizes, o Amor... e deixaram-se encadear e vencer por uns olhos quebrados de mulher?... Por que fez Deus o Amor tão estrelado, e a vida tão amarga, tão soluçante, tão lacrimosa?...

A VIRGEM

Defendes, muito bem, os poetas, Hilário!... Mas teria essa tua defesa muito mais primor, se fosse feita na linguagem sonora do Ritmo — do mágico e inefável Ritmo, ao qual obedecem, balouçando-se maviosamente, as Ondas, as Estrelas, as Flores, as Constelações, e as Almas... todo o infinito das Coisas, e todo o infinito espiritual.

HILÁRIO

Pois bem, Senhora! visto que assim o mandais, defenderei os meus pobres amigos, os poetas, na linguagem divina e enternecida das lágrimas, que é a Poesia... (*Canta.*)

Os poetas são pobrezinhos!
Seu pranto é c'roa de pérolas!...
Cantam ao sol, nos caminhos,
como no ar os passarinhos...
Rasgam os pés nos espinhos
olhando as estrelas cérulas...
Os poetas são pobrezinhos!
Seu pranto é c'roa de pérolas!

Dão suas capas aos pobres!
São irmãos das andorinhas!...
Nas bolsas têm raros cobres,
nas almas ideias nobres!
Seus olhos choram aos dobres
de enterro das criancinhas...
Dão suas capas aos pobres.
São irmãos das andorinhas!...

Viajam pelas Estrelas.
Amam os filhos das ervas!...
Comandam as caravelas
que tem de ouro e seda as velas!
Bradam alto, entre as procelas,
libertando as almas servas...
Viajam pelas Estrelas.
Amam os filhos das ervas!

Cantam, Senhora, o Amor.
Mas o Amor não é pecado!...
Amam a Mulher e a flor,
e o mar, da lua ao esplendor...
Seguram o Cálix da Dor
num trono de negro armado.
Cantam, Senhora, o Amor.
Mas o Amor não é pecado!...

Que vezes cantam, risonhos,
Com vontade de chorar!...
Fogem dos males medonhos
no carro de ouro dos Sonhos!
E aos misantropos bisonhos,
se os fazem rir, foliar...
que vezes cantam, risonhos,
com vontade de chorar!...

MARIA MADALENA

Que delicioso! Que melancolia! Que sentimento! Perdão
Virgem Santíssima para o Hilário!... (*Põe as mãos suplicantes.*)
Perdão, Senhora, Perdão!...

AS VIRGENS (*ajoelhando*)

Perdoai Senhora! perdoai!... Hilário cantou o Amor, mas o
Amor não é pecado!...

A VIRGEM

Levantai-vos minhas filhas! As vossas súplicas enternecem-me! Elas provam bem, que, quem assim tem o poder divino, como os poetas, de abalar as almas, unanimemente, enternecendo-as, com o poder das lágrimas, ainda que dele se tenha afastado, não pode ser senão do Céu! Mas eu quero provar a S. Pedro positivamente que eu não me engano! (*Voltando-se para um dos anjos.*) S. Miguel traz as tuas balanças que nós vamos pesar as acções boas e más do Hilário na Terra. (*S. Miguel põe-se à direita da Virgem, vigiando as balanças. A Virgem em seguida dirige a palavra a S. Pedro.*) S. Pedro coloca num dos pratos desta balança todas as tuas acusações à vida dissipada do Hilário (*S. Pedro chega-se e, tocando com a destra num dos pratos, esse prato abaixa-se para a terra, ficando o outro levantado sensivelmente.*) Agora se há alguma alma no Universo, a quem o Hilário tenha socorrido, sem ser por interesse pessoal, por gratidão própria, por amor à Carne, às Formas, ou à Beleza, mas só por impulsão sublime do Amor ideal, que é o Amor sem egoísmo, essa alma que surja, e que venha salvar o Hilário.

CENA XIII

Os mesmos e uma Velha. Vem, tropegamente, arrimada a um pequeno bordão.

A VELHA

Virgem radiosa e dolorosa!... uma noite eu mendigava, ao frio cortante, numa viela, cheia de abandono, de lágrimas, de desolação, e de fome. Minha filha morria, no meu mísero lar, num pobre catre, mordida de pesadelos, abalada de convulsões, tressuada de febres, e, de suores lívidos. Não tinha esperança já da sua cura. Na minha mansarda não havia um remédio, nem uma côdea de pão, nem uma gota de água, nem uma acha de lenha no brasido. Era a morte certa, Virgem gloriosa, para a minha filha! Quando eu estava, ao canto da minha viela obscura, abismada nestas cogitações amargas, e parecia-me que abandonada de Deus e dos homens, escutei ao longe uma alegre serenada, que se abeirava da minha solidão, e do meu retiro escuso. Todas as janelas de chofre se abriram, e se iluminaram. Hilário vinha no meio de um alegre bando, descuidado, formoso, insinuante, radio-so!... Vinha cantando, a cabeça nua, os cabelos ao vento... Cobrei ânimo então, lendo-lhe no olhar o reflexo de uma alma generosa, e pedi-lhe esmola para salvar a minha filha, que a breve trecho talvez expiraria. Eu era uma velha pobre, andrajosa, cavada de fomes, de lágrimas, de misérias curtidas, sem espécie de juventude, nem de beleza alguma. E Hilário, condoído de minhas lágrimas, só por uma impulsão de Amor ideal, que é o amor sem egoísmo, pediu esmola a todas as janelas, esmola a todos os companheiros, e, por último, não tendo ele próprio que dar, deu-me, para empenhar, a sua guitarra, que era o seu orgulho, a sua glória, o seu amor. E regressou silencioso para casa, descuidoso e mudo...

A VIRGEM

Anjo da Guarda de Hilário! pega na guitarra dele, e coloca-a no outro prato da balança. (*O Anjo executa as ordens, e o prato imediatamente vai abaixo, ficando o outro no ar.*) Hilário! A

guitarra que parece te havia perdido acaba de te salvar. Isto prova que a Arte jamais é superior, por mais bela que pareça, senão quando é posta ao serviço de um nobre sentimento, ou de um puro Ideal. Hilário permanece no Céu, por que tu representas o Amor, o Desinteresse, a Generosidade, a arte sublime de mover as lágrimas, e a radiosa Alegria! Anjos, Santos, Estrelas, Virgens, coroi Hilário, com as rosas do Amor e da perene Mocidade!... *(As Estrelas, os Santos, as Virgens coroam Hilário: os Anjos entoam músicas festivas e, dos ares, jorram catadupas de flores, como numa gloriosa aleluia.)*

MEFISTÓFELES

Boas noites a toda a Ex.^{ma} Assembleia! Retiro-me, para o *rez-de-chaussée* do Abismo. Perdi a partida, e tenho, na realidade pena, por que tinha fatacaz pelo estudante!... Estou certo que se vai aqui aborrecer de morte, no Céu! Divertir-se-ia muito mais dando serenadas no Inferno!... *(Afunda-se pelo chão abaixo, com uma risada, e um prolongado ruído de tantã.)*

AOS MEUS AMIGOS

Não é uma nota erudita que vou fazer, em coisa de tão pequena monta: é apenas um *familiar cavaco* entre amigos.

Isto que hoje sai a lume, é uma literária excursão nos domínios da Fantasia. É a vós que a dedico, ó meus amigos! a vós, que de contínuo me envaideceis com os vossos exagerados encômios: a vós que de tal guisa tendes enaltecido o valor dalgumas composições líricas desta teatral obrinha, que de antemão lhe fizestes a reputação antecipada!... A vós, pois a dedico, a vós, pois a oferto, ó meus companheiros, e consócios!...

Alguns de vós sabem já de cor o *vestido de noivado da rainha de Kashmir*... deixai-me, pois, agora dizer-vos o que eu há muito penso do Lirismo, e por que neste género, tenho escrito tão pouco o que vós tão acicamente me exprobaís, com tão amaras invectivas!...

O Lirismo, para se salientar, quer seja o de um individuo, quer seja o de uma raça, dever ser cheio de sentimento e de originalidade. É por isso que o nosso *Fado* é a expressão genuinamente lírica da idiossincrasia de uma Raça: é por isso que o misterioso *Corvo* de Edgar Pöe é a expressão saliente de um poeta singular — que criou uma Estética sua, uma Lírica única, uma Euritmia nova. Abortar todos os anos, ou todos os meses, de livros de versos banais, em que é evidente a imitação e o plágio de outros poetas estrangeiros, mais ou menos avariados, é uma glória que eu não acho, ó meus amigos! credora da inveja alheia!... Ser original, em poesia, como em todo o género de Arte, implica a maior das superioridades — a potência concepional.

Hoje, na Europa, há cerca de mil e cem, ou mil e duzentos ridículos escritores de versos, que todos pretendem imitar Victor Hugo, e que todos se pavoneiam muito anchos, por os seus conterrâneos os considerarem tal. A Inglaterra, a Espanha, a Rússia, Portugal, e até creio que Seixo de Gotães e Pico de Regalados, se ufanam hoje de possuir o seu Victor Hugo provincial, e até distrital. Não cogitam, porém, esses míseros autores que tressuam noite e dia a imitar esse Célebre, que a sua fama deles, depois de mortos, se diluirá toda na vasta personalidade original do grande lírico, de que eles

não foram senão as vis cópias, e as túbias imagens reflexas e reduzidas!... Quantos imitadores não tiveram Homero e Píndaro, e todavia, ó meus amigos! só eles hoje se lêem ainda!... Para mim seria menosprezo ser apenas a mera cópia, e o reflexo de um outro espírito, ainda que fosse dos mais notórios e amados. *Mon verre est petit; mais je bois dans mon verre!*... dizia o incomparável, delicado, e malicioso Musset. E tinha razão! Antes possuir uma personalidade bem vincada, ainda que em revolta com o Existente, do que ser o Victor Hugo inglês, o Byron sueco, o Heine da Polinésia, o Dante da Besarábia. Que humilhação o não sermos *nós mesmos*, mas sim a imagem de um outro, a fotografia viva de um Glorioso, que nós macaqueamos, de que estudamos os *solenes ares* ao espelho, e de quem recitamos, nos cafés, as pirotécnicas frases!... É por isso, meus amigos, que eu escrevo pouco Lirismo. É porque o respeito muito: é porque o considero a forma suprema da Arte, a qual deve ser original, para ser imperecível e inconfundível. Tudo o que não for, em Arte, verdadeiramente original irremissivelmente morrerá.

Isto que acabo rapidamente de expor é a resposta às exprobações que continuamente me fazeis de produzir pouco, e de assaz pouco, especialmente, no género tão transcendente e delicado do Lirismo.

É força concentrarmo-nos muito, para produzir arte verdadeiramente original, depois de tanto que o Pensamento Humano tem laborado! É impossível ser-se original, e ser-se fecundo como a mãe das Danaides!...

Enquanto que à obra destinada a teatro, que hoje sai à publicidade, direi dela que é uma fantasia, no género tão poético — e que seria curioso ser renovado — dos velhos *Mistérios* da Idade Média. Faltam nela os Anjos, falam os Santos, falam as Virgens, falam as Estrelas — e Hilário, o troveiro nacional, talvez o último deste fim de raça, e o mais pitoresco de todos — assim como outrora o antigo Orfeu, que desceu aos Avernos e defendeu a sua causa, dedilhando a divina Cítara, e amansando os Juízes e as Fúrias embevecidas e enternecidas, assim também Hilário, tangendo a guitarra mágica, dá serenadas no Céu, às Virgens, aos Anjos, às Constelações, e ganha também a sua causa, afirmando o prestígio superior e transcendente da Poesia. A essência moral, porém, que ressuma desta pequena fantasia mística,

deste desvaneio meio sentimental, meio irónico, criado talvez com intuito de fundar no teatro um género delicado e misterioso, que arrancasse o nosso público ao seu *engouement* trivial e banal pela *Mágica*, quanto à essência moral desta fantasia é que *o Bem deve aspirar sempre ao Belo, e o Belo aspirar sempre ao Bem.*

Se acaso bem executei este tema tão superior e poético, tão ideal e elevado, vós o direis, ó meus amigos e consócios, e o público culto e especial, que gosta e se apraz com as coisas delicadas e subtis... mesmo até quando são nacionais!

GOMES LEAL

A MULHER DE LUTO

À MEMÓRIA DE MINHA IRMÃ

A ti, Sombra gentil, que talvez com deleite
cruzas ligeira o Céu — como asa de andorinha —
sobre os rios azuis e as baías de leite
dos astros da noitinha...

a ti, que tanta vez desfolhas, nas caladas
noites, com tuas mãos rosadas e cetíneas,
neste meu coração, crivado de facadas,
punhados de glicínias...

a ti, Bíblia, ideal encadernada em rosas,
estátua do Pudor trazendo um lírio ao peito,
que roças tanta vez tuas tranças sedosas
nos sonhos do meu leito...

a ti, que tanta vez, pelos bosques de mirtos,
ou nos lagos do Céu religiosos e calados,
talvez te lembre a hora em que os teus dedos hirtos
me apertaram, delgados...

a ti, de quem eu vi ternas pupilas pretas
filtrarem, ao morrer, um pranto solitário,
como outrora a Jesus choraram as violetas
na noite do Calvário...

a ti, cuja saudade, igual a espadas finas,
machucou no meu peito a alegria e o conforto,
como um ai de Jesus fez dobrar as boninas
orvalhadas do *Horto*...

a ti, a cuja morte, alegrias doiradas,
esp'ranças e visões fugiram baças, mudas,
como dos seus pombais as pombas assustadas
pelo archote de Judas...

a ti, pluma subtil do peito de alva pomba,
cortando aérea o Azul — laranjal de quimeras —
talvez te lembre a hora em que o sol meigo tomba,
osculando as anteras...

a ti, que tanta vez — em túnica de neve —
roças por minha febre a trança de veludo,
e sinto, mansamente, o passo aéreo e leve,
à lâmpada do Estudo...

a ti, a ti dedico, astro dos céus risonhos,
este livro do *além*, escrito em largas velas,
a fim de que te lembre e te recorde os sonhos,
fiados às estrelas...

a fim de que recorde este livro de penas
os dramas e as visões dos romances que amámos,
do violino os ais, e o céu todo açucenas,
para onde tanto olhamos!...

a fim de recordar-te, a ti, cheia de palmas,
de goivos, de cecéns, de *escabiosas* abertas,
as nossas convicções doutroa, de que há almas
em estrelas desertas...

a fim de recordar-te os colóquios amigos
sobre as almas leais dos Castos e dos Justos,
quanto a lua branqueava os pinheiros antigos,
e a fonte entre os arbustos...

a fim de relembrar-te o pavor das baladas,
recitadas ao alvor do crescente, nos campos,
quando ladrava o cão, da noite nas caladas,
à luz dos pirilampos...

E sobretudo — enfim — lembrar-te o sonho etéreo
em que tu me trouxeste uma pena cor de ouro,
mandando-me escrever sobre o sacro mistério
das Almas e o seu coro.

Cumpro hoje esta missão. Às almas que a vil Parca
estrangulou, sem sol, sem Deus, sem confiança,
hoje trago aos seus ais, como a pomba da Arca,
um ramo cor de Esp'rança.

Às almas que a Revolta enegreceu as asas,
com as unhas rasgando o magro peito intenso,
queimo neste incensório, em cima destas brasas,
o Amor, como um incenso.

Às almas ao abandono e agarrando-se à hera
de um rochedo feroz, com hirta mão adunca,
trago um céu de esmeralda onde se lê *Espera!*
em vez do amargo *Nunca!*

E às desoladas mães e às amantes transidas,
goivos fatais da histeria, almas que uivam de tédio,
trago um óleo com que unjo as pálpebras doridas
dos prantos sem remédio.

Uivantes batalhões de almas, mostrando as chagas,
nos seios nus, que rasga a *Espada da Saudade...*
eu trago ao vosso mal das noites aziagas
o meu mel da piedade!...

Uivantes batalhões de almas desp'rançadas,
carpindo sem cessar nos lívidos rochedos,
alevantai ao Céu as mãos alucinadas,
vossos trágicos dedos!...

Desgrenhadas visões das paisagens funéreas
as retorcidas mãos da febre erguei aos céus,
alçai as magras mãos, que afilaram histerias,
porque o *Amor* é Deus.

Ele dará a todo o ensanguentado bando
o frenesim do amplexo e os beijos siderais.
Dará a uma o filho... a outra o noivo brando...
morto nos ervaçais.

E também, doce irmã das longas tranças pretas,
a mim me fartará dos teus róseos carinhos,
que faziam inveja aos lírios e às violetas,
e ao olhar dos passarinhos...

Toma pois este livro, ó jamais *Esquecida!*
Acolhe-o, pois que é teu. Só tu o inspiraste,
nas noites em que pende a lua enternecida,
qual camélia na haste...

Leva-o para as regiões enigmáticas e belas,
em que chorem de amor as relvas que tu pises...
E possa ele sarar também lá, nas estrelas,
os ais dos infelizes!...

A MULHER DE LUTO

I

Lá, num alto penhasco enegrecido e bruto,
onde os corvos da noite e os mochos têm guarida,
se ergue o altivo alcáçar, vive a *Mulher de Luto*.

II

Lá, nessa velha rocha extensa e desabrida,
onde os ventos da noite uivam lutuosamente
vivem os dois irmãos — *os Laras* — doida vida.

III

Lá no altivo palácio, onde a lenda corrente
faz espectros surgir nas salas solitárias,
sopra um terror fatal que afasta toda a gente.

IV

Só eu rio das mil visões imaginárias!
Só eu corro a cavalo às charnecas desertas!
Eu neto dos vilões, neto dos velhos párias!...

V

Só eu, filho revel das ciências libertas,
céptico, rico, audaz, ousou rir dos mistérios
e das lendas que põem as turbas boquiabertas!

VI

Só eu rio de Deus e dos Anjos sidéreos,
Só eu — vaidade atroz! — ousou insultar a Morte,
e, às casquinadas, calco o pó dos cemitérios.

VII

A Ciência é a luz. Mas aí! dos que sem norte,
fâtuos, cuidam tomar a sua claridade
pela luz de Dágon, rei da infernal coorte!

VIII

Atrás disso que chama o sábio a realidade,
pende cerrado o véu do Arqui-Ser terrível,
do *Alguém* que guarda sempre a suprema verdade!

IX

Foi assim que eu sincero, alma leal, sensível,
de degrau em degrau — por vaidosa jactância —
caí na confusão da angústia intraduzível!

X

Mas remontemos mais. Correrá a minha infância
entre mil pastoris boscagens melodiosas,
numa leitosa paz, azulina ignorância.

XI

Mais tarde, ao abandonar as colinas maviosas,
lembra-me, soluzei — como se essa partida
fosse o último adeus aos loureiros e às rosas!

XII

E de certo que foi! Jamais, jamais na vida,
achei à cotovia a voz tão afinada,
e o meu primeiro adeus foi o da despedida!

XIII

Estudei e cursei Teologia sagrada.
Li mil livros — babéis de estultícia e demência —
e um dia esfarrapei a batina odiada...

XIV

Regressei ao meu lar, farto de atroz ciência.
Quis abraçar, sorrindo, as pombas e as boscagens,
mas, coitado de mim!... fugira-me a inocência.

XV

Morrera minha irmã... As floridas paisagens
não tinham, para mim, risos, sombras, nem ninhos...
e apontavam-me o Céu os dedos das folhagens!

XVI

Havia um vácuo em mim. Trinos dos passarinhos
pareciam-me imbecis... as dália pretensiosas...
o Céu de um sujo azul... banais rosas e espinhos!

XVII

Com desdém criticava a fátua cor das rosas.
Os ombros encolhia ao branco alvor dos lírios.
Fastiavam-me os ais das rolas amorosas!

XVIII

Achava banal Deus, autor de tais delírios,
que inventara o *arrulho* e a atroz monotonia
da *cantata* do amor nos sóis e nos impérios!

XIX

Ora, um dia de humor tristonho em que eu corria,
no meu cavalo negro, a toda a desfilada,
na alcantilada serra, inóspita, bravia...

XX

vi surgir de repente a forma entressonhada,
a forma que jamais me saiu da memória,
há tantos anos já de cinza e derrocada!...

XXI

Era ela, essa mulher que é toda a minha história:
desde a cabeça aos pés, toda de luto, séria,
numa atitude ideal de tristeza marmórea.

XXII

Cavalgava também com grande aprumo: Etérea,
o seu busto de estátua e a face modelar,
tinham um corte estranho, à luz da tarde aérea.

XXIII

Como um doido, eis começo então a galopar,
a fugir, a fugir atabalhoadamente,
por penhas, barrocais, por tormentoso Algar...

XXIV

De quem fugia assim? Ao Fado certamente,
ao meu Destino atroz, à atroz *Fatalidade*,
que eu cria repelir, por instinto inconsciente.

XXV

Com tal fúria corria e tal celeridade
que a floresta também — como a do Rei Macbeth —
parecia correr, cheia de ânsia e maldade.

XXVI

Quanto mais meu cavalo espumando, arremete
por sarças, barrocais, por taludes a pino,
mais terror insensato e estúpido me mete

XXVII

essa altiva mulher de rosto mate e fino,
com seu tranquilo olhar, toda de luto, a prumo
no seu cavalo, a passo!... olhando o sol divino.

XXVIII

Por que era um tal terror? Não sei. Perdi o rumo.
E a *epilepsia* — *esse mal atroz dos meus Maiores* —
a *epilepsia ai!* me varreu como fumo.

XXIX

Não rolara jamais nos meus tempos melhores,
na minha rósea infância... a minha infância incauta!...
com tal ataque. Nunca ouvira tais horrores.

XXX

Nem depois, nem depois, na vida estúrdia e lauta,
que eu tresnoitei, a rir, nas capitais egoístas,
entre as pragas do jogo, entre a dança, entre a flauta.

XXXI

Exânime tombei, rolei do meu cavalo,
sobre um frio ervaçal, da aresta de um talude,
regelado de medo e de um convulso abalo.

XXXII

Quando o olhar descerrei para o dia e a saúde,
humilhado, febril, convulso, irresoluto,
torvo como o infeliz que não tem quem o escude...

XXXIII

achei-me no solar desse penhasco bruto:
encontrei-me estendido ao comprido num leito,
e em pé, como uma estátua, hirta, a *Mulher de Luto*.

CARTA À MULHER DE LUTO

I

Eu sou o magro Herói infeliz de teatro,
o *padre espiritista* um dia excomungado,
o insultado histrião, por ti, no anfiteatro!

II

Sou esse pregador de olhar iluminado,
o que um dia, numa orgia, entre angústias e flores,
rolei, apostatando o Deus que hei incensado!

III

Sou o moderno Cristo, o grande Rei das Dores!
E, como ele também, por ter amado ingratos,
aos Infernos desci dos malditos suores!...

IV

Sim! sou esse histrião, a quem os teus maus tratos
arrancaram, um dia, o juízo, o renome,
meu diadema real e os régios aparatos!...

V

Agora sou Gringoire, o histrão com fome.
D. Quixote, apupado, encarnecido, roto.
Sou Job, no seu chiqueiro e que a lepra consome!...

VI

Antes eu cavalgasse o meu rocim, a chouto,
qual D. Quixote, ao rir dos melros na espessura,
do que aqui vegetar, qual podre cão no esgoto!...

VII

Fosse eu o Campeão, ai, da *Triste Figura!*
mas deixassem-me o horto, o meu prado, os moinhos,
o meu galo, os meus bois, e a sesta entre a verdura!...

VII

Ao menos ouviria o trino aos passarinhos,
afagaria a *Russa...* e ao olor dos espinheiros,
iria, com meu cura, à beira dos caminhos!...

IX

Ao menos, do poente aos raios derradeiros,
no quinteiro plebeu, debaixo da latada,
narraria aos aldeões os meus feitos guerreiros!...

X

Sentir-me-ia morrer numa paz descansada,
tendo a glória de ter defendido o menino,
o Oprimido, o Ancião, a Viúva mal trajada!...

XI

E ao expirar, afinal, conservando o meu tino,
daria o último pranto à bela Dulcineia
e o último sorriso ao escudo de Mambrino!...

XII

Mas aqui, sem ninguém!... esta existência é cheia
de mil aparições, larvas, cruzeiros, tocheiros,
e espectros que eu evoco à trémula candeia!...

XIII

Passo noites cruéis, passo dias inteiros,
sem ouvir o teu nome, agachado a alguma canto,
tremendo, num terror servil, dos carcereiros!...

XIV

Horror! a isto cheguei! Às vezes cai-me o pranto
sobre os fios da barba intensa e já grisalha...
mas outras, sem razão, pulo, gargalho, e canto.

XV

Sou um vil animal! Sou menos que a escumalha
do andrajoso vilão que anda ao mato e à charrua,
que lavra, ceifa, poda, esbulha, pisa e malha!...

XVI

Pudesse eu labutar à calma, aos sóis, à lua,
jovialmente cavar o meu humilde hortejo...
mas ser homem, sorrir... pisar a esteira tua!...

XVII

Onde está, ó Teodora, a asa do meu desejo?...
Como estão longe agora as acácias amáveis,
às ramagens das quais te dei um casto beijo?...

XVIII

Como estão longe agora esses céus impecáveis,
dum castíssimo azul, que cruzavam gaivotas,
nessas tardes de Agosto em que há brisas afáveis?...

XIX

Onde estão, onde estão, as claras praias belas,
em que canta uma mãe... lento berço embalando...
ou o barqueiro, na areia... a remendar as velas?

XX

E onde estás tu também? Talvez devaneando
nas sombras do teu parque... ao plenilúnio amigo...
nalgum chalé em Nice, ou na Escócia sonhando!...

XXI

Talvez na fria Gália, em torreão antigo,
decifrando um ritual de velhos monges francos,
ou evocando um herói do pó do seu jazigo!...

XXII

Talvez lendo Ossian, dalgum monte nos flancos,
talvez num áureo hotel da Mónaco elegante,
vendo correr bebés, loiras, de bibes brancos...

XXIII

Quanto a mim, morro aqui, neste antro sufocante,
sem ver águas nem sóis... na palha estirado...
ruminando o meu mal, dementado e arquejante!

XXIV

Jazo aqui num covil, com olhar baço e airado,
procurando no céu um prego, entre as estrelas,
aonde me enforcar... por te haver muito amado!

XXV

Chamaste-me histrião. Como tu bem martelas
este crânio onde há sóis, planetas, cataclismos,
barrancos... ervaçais... ruínas amarelas!...

XXVI

Quero às vezes descer aos mais torvos abismos,
rolar-me, qual Jesus no seu Getsémani,
p'ra não ver teu olhar de raros magnetismos!

XXVII

E no entanto — ai de mim! — o que me trouxe aqui,
a este antro de pavor, foi o querer evocar
espectros, aos milhões, que me falem de ti!...

XXVIII

Nestas *evocações*, contínuas, sem cessar,
misturo a imprecação à infame raça Lara,
com a prece... o exorcismo... ou o ritual do Altar!

XXIX

Misturo a virginal e gentil Santa Clara,
aquela a quem Satã ofereceu lindos cravos,
com a Safo pagã, de fúria amante e rara.

XXX

Misturo os Serafins aos demónios escravos.
João, o *Evangelista*, a Simão Nigromante.
Catulo, ao Santo Assis, marcado com três cravos!

XXXI

Misturo a Ninfa à Deusa, ou a Freira à Bacante,
a Mística à Mundana, o Cristo à Madalena,
a loira cortesã de coração flamante!...

XXXII

Mas ninguém dá resposta à minha aguda pena!...
embalde noite e dia, ou mal raia a manhã,
baralhe Anjos da Luz com Satãs da Geena!

XXXIII

Em vão, na minha dor, confunda a Cortesã
com a Mártir ideal das tenazes romanas...
e o extático Buda com Dágon ou Satá!

XXXIV

Eis-me pois a teus pés, em tais dores, sobre-humanas,
perguntando por que proibiste, ó Impiedosa!
às almas consolar as lástimas humanas?...

XXXV

Tem dó duma alma eterna, abandonada, ansiosa...
do padre que descreu, do trágico afamado,
que já viu a seus pés uma turba luxuosa.

XXXVI

Aqui tens, a teus pés, o histrião dementado!
Eu sou Simão, o Mago, o Doido, o Nigromante,
que quis subir ao Céu e rolou no tablado!

XXXVII

Vem pois, acorre aqui, neste supremo instante.
a ver o rei Fingal, sobre umas tábuas rasas,
morrer, sempre fiel... inda chamando a amante!

XXXVIII

Dulcineia glacial, que não temes as brasas!
acode, acode aqui... com remorsos ao menos:
ver morrer D. Quixote, a quem cortaste as asas!

O VIÚVO

I

Como eu mostro em meus olhos uma Essa,
levantada em minha alma, sem tocheiros,
sem buxo, círios, liturgias bárbaras,
mas trevas interiores...

as jovens que me vêem magro e ascético,
— como o leproso da cidade de Aosta —
mostram-me, umas às outras, cochichando:
— *É ele! É o Viúvo!*

II

As andorinhas dos telhados róseos,
e dos beirais floridos — ou nos nichos
das catedrais musgosas — dos Apóstolos
nas barbas chilreando...
Ao verem-me enroupado em negros trajos,
silente, esguio, passar rente aos muros,
magoadas, suspiram, dando às asas:
— *É ele! É o Viúvo!*

III

As laranjeiras e as Saudades roxas,
Escabiosas de funestas cores,
teorias de ciprestes pensativos,
amoras cor do luto...
mais as magnólias castas à tardinha,
suspirando, como harpas melindrosas,
queixosas gemem, meneando as folhas:
— *É ele! É o Viúvo!*

IV

Eu não estou doido, não. A mão da Angústia,
tão férrea! não varreu-me todo o Intelecto.
Sim: oiço os choupos e amarelos lagos,
mais as pardas lagoas...
e as portas dos palácios em ruínas,
lastimosas chorando nos seus gonzos,
e o catavento à chuva rechinando:
— *É ele! É o Viúvo!...*

V

Como o leproso vindo das Cruzadas,
como o maldito, nas papais cidades,
como o histrião na *Corte dos Milagres*,
 esgueiro-me entre as turbas...
E coço a lepra da minha alma em luto,
que faz clamar às bordadeiras loiras,
mais aos mendigos das igrejas velhas:
— *É ele! É o Viúvo!*...

VI

Ontem entrei numa baiúca infame,
— numa taberna de bandidos reles —
pois que eu descí às espirais misérrimas
 do lameiro de Job!...
E até estes de mim se condoeram,
e remexendo os sórdidos baralhos,
rosnaram baixo, meneando as fronte:
— *Ai dele! É o Viúvo!*

MEFISTÓFELES EM LISBOA

PREGÕES MATINAIS

Passo às vezes na cama um dia inteiro
de papo para o ar, como um madraço...
fumando qual filósofo ou palhaço,
sem mulher... sem cuidados... sem dinheiro!

É de manhã então que me é fagueiro
ouvir trinar no cristalino espaço
um pregão mais macio que um regaço,
que se esvai a carpir... como um boieiro...

De manhã é que passa a leiteirinha,
com seu pregão chilrado de andorinha,
passam varinas de gargantas sãs...

E ao escutar tais cantantes semifusas,
eu creio que oiço ao longe as frescas Musas,
a vender uvas e a pregoar maçãs.

HORAS DE «SPLEEN»

Nesta cidade aborrecida e mona,
passo horas de *spleen* estiraçado...
sobre um divã, ouvindo um mau teclado,
ou rechinar monótona sanfona.

Lembra-me então a *Infanta Magalona*,
oiço os miaus de um gato num telhado,
sigo o zumbido de um mosquito alado,
tomo *hastchiz*, morfina, ou beladona.

Mas nisto, rompe o sol a névoa aquática,
vem com capa de asperges ou dalmática,
toda de oiro e rubins ensanguentados...

Quero então ser Grão-Turco. E nas ventoinhas
das torres, empalar os *alfacinhas*,
com crepes de chorões *gatos-pingados!*

A GUITARRA DA MOURARIA

Amo a tua guitarra, ó Mouraria,
em que um *doer* mourisco nos desola,
e as almas, sob a lua, acaricia,
como da Alfama a passional viola!...

Bem galantes solaus também carpia
Severa, essa Ninon de *naífa e mola*.
Mas há sangue em teus ais!... Tua magia
quantas vezes não traz a Cruz e a Estola!

Vai alta a lua. Após a cavatina,
Almaviva, com zelos de Rosina,
dá seis golpes na amásia, com furor.

Almaviva é marujo e de melenas.
Prisões, guitarras, ais, céu de açucenas.
Surge a Polícia... e *prende, em fralda, o Amor*.

O CONVENTO À BEIRA-MAR

Plantado de roseiras e de acácias
Lisboa é como um claustro à beira-mar.
Não lhe faltam nem cercas nem pomar,
nem vitrais, nem capelas, nem rosáceas.

Lá da tardinha as nuvens violáceas
são os rolos de incenso esparsos no ar...
O Tejo é a pia da água benta. O altar
é o Sol que amolenta hostis audácias.

Aqui passo entre hortênsias e alfazema,
loureiros... rouxinóis... compondo um poema,
em que a Preguiça é céu de azul-cetim.

Já rezo o terço e durmo raposeiras.
E às *Meninas da Baixa*... às gentis freiras...
já escrevo cartinhas em latim.

A PRAÇA DA FIGUEIRA

Lisboa, terra da andorinha airosa,
que carpiram solaus de moiros poetas!...
na Praça da Figueira a gente goza
o Paraíso das maçãs reinetas.

Ali é que a Serpente sabe tretas
para atiçar a nossa gula ansiosa!...
Ali, a colareja cor-de-rosa,
com *lérias* nos depena as magras chetas!

Uma travessa e esbelta galinheira,
cinturinha de vespa... ágil... frecheira,
deu um ovo de pomba ao meu petiz.

Penhorou-me o primor da rapariga!...
E a Praça, achei-a amável à barriga,
ao gosto, ao paladar... fora ao nariz.

O SENHOR DA SERRA

É o Senhor da Serra a alma e alegria
dos romeiros que vão visitar Belas.
Limpinha vila! Construções singelas,
mas onde acode o vulgo em romaria!

O tropel dos carrões e a vozeria
dos solaus, das canções, rir de donzelas,
odres cheios, pipotes, ou panelas,
do cheiroso peru — tudo inebria.

À sombra da oliveira ou da latada,
nívea toalha estende uma ranchada.
Há *salsifrés*, canções, tudo é feliz!

E para, em tudo, as festas serem gratas...
clarões da lua, solidões das matas,
muitos *bebés* têm dado a este país!

MACÁRIO, POETA DE ALMANAQUES

Numa trapeira desabrida e crua,
Macário entre banais teias de aranhas,
e outras coisas boémias mais estranhas,
prepara um almanaque e cisma à lua.

Procura rima para *chefe* — sua...
sopra, torna a suar, derrete as banhas.
Entra a sopeira — e então, com mil patranhas,
ferra-lhe um beijo na garganta nua.

Mas a sopeira não se põe com queixas.
Um sopapo pespega nas bochechas
do que boscara em balde a rima em *eфе*...

«Aleluia!», grita ele radiante.
«Achei a rima enfim recalitrante.
Obrigado, Rosinha! Achei: “*Tabefe!*”».

O MESTRE PRIMÁRIO

Encontrei no Bairro Alto um bom velhinho,
um pobre mestre de instrução primária,
o qual anda rotinho como um pária,
velha a gravata... sujo o colarinho.

Fiquei com dó. Outrora num cantinhó
de uma aldeia de amena e curta área
quantas vezes o ouvi trautear uma ária,
regando o seu quintal, de barretinho!

Magro estava, e amarelo como a tocha
de um enterro. Na seca e magra coxa
rota calça de reles bombazina...

As botas com palmilhas dum in-fólio,
e o chapéu, que lustrara com petróleo,
podia bem servir de lamparina.

PAISAGEM DA TARDINHA

Numa casa de verdes gelosias,
fumo e espraio, no mar longínquo, as vistas!...
Vejo cascatas de oiro e de ametistas,
fontes jorrando prata e pedrarias.

Passam nuvens errantes e vadias...
passam dragões com asas fantasistas,
guerreiros, em torreões de agudas cristas,
palácios, catedrais, ruinarias.

E ao ver todo o cenário fabuloso
que disfruto do Tejo melodioso:
boscagens, ondas, sóis, musgos macios...

exclamo a rir, num gáudio de estremez:
«Possui tudo isto um cervejeiro inglês!»
Lisboa! estás, como eu, *a ver navios!*

A SENHORA DA MELANCOLIA
(AVATARES DE UM ATEU)

DEDICATÓRIA

À Senhora Tenebrosa, Desgostosa e Silenciosa, à Inconsolável Mãe das almas errantes e uivantes, Advogada das tristezas mudas e das lágrimas que correm baixinho, Protectora dos corações viúvos e amaldiçoados, Tocha funerária dos Tristes, Urna lacrimal dos Vencidos, Mãe da Saudade e das dores irreparáveis, capa dos mendigos e dos leprosos das cidades malditas, Senhora dos Lutos e das Lágrimas, Rainha dos Suspiros, dos Soluços, das Sete Espadas, oferece, dedica e consagra o autor, em sua devoção, este pequeno obelisco negro, com sete degraus de mármore preto.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1910

I

A SENHORA SILENCIOSA

*Quem pode negar a dupla vista dos
Tristes?... Quem pode fitar ou ver aquilo
que ele vêem, sondar o que eles sondam,
nas concavidades da Sombra?*

Não foi num medieval castelo de balada,
nem foi na Terra Santa aonde vai o romeiro,
nem um bairro judeu histórico e trigueiro,
que eu vi esse perfil de Hebreia celebrada.

Foi dum abismo ao pé. Muda, em pranto, calada,
jorrou dentro em minha alma um bálsamo fagueiro,
quando eu ia rolar no atroz despenhadeiro
dos infernos mundiais, ante o altar do *deus Nada*.

Sim! quando ia rolar nas trevas taciturnas,
quando eu sentia já esse bafo das furnas,
que nos gela a epiderme e inteiriça de horror...

quando nada no abismo a queda me sustinha,
silencioso esse olhar floriu, Senhora Minha!
qual negro vaso etrusco a raiz duma flor.

II

A SENHORA DA MELANCOLIA

*E como ela me pareceu tenebrosa, des-
gostosa, e silenciosa, chamei-lhe a Senho-
ra da Melancolia.*

Porquê tão triste assim? Não sei. Estarrecido,
votei-lhe um culto ideal, amor mais que terreno.
Sua mágoa é um Sol que eu rasteiro e pequeno
adoro no meu pó como um *Parse* vencido.

Sua melancolia a minha alma há rendido!...
Seu grande ar tenebroso e o seu olhar de treno
têm magia maior do que as *nixes* do Reno,
do que as *sagas* da Etrúria, as *sibilas* de Cnido.

Ela habita um palácio, eu um mísero albergue.
Mas já morou na treva, onde nunca o sol se ergue,
nas solidões de Job e a triste Agar errante.

E mau grado entre nós haver um cavo abismo,
são desse olhar lutuoso, um fluido, um magnetismo,
que me rende, me atrai, subjuga a cada instante!

III

A SENHORA DAS LÁGRIMAS

*Avatar! Avatar! Um dia, vos narrarei
todos os meus avatares!*

Cavo a própria memória e entre largas palmeiras
surge Jerusalém, num passado já morto.
Creio ter sido outrora um Romano e no Horto
num choro sol-posto, errar entre oliveiras.

Será um sonho vão? Entre lanças guerreiras,
vejo-me centurião da Torre Antónia, e absorto
contemplando Sião, Josafat, o mar Morto,
e a água de Siloé regando as romazeiras.

Creio avistar também, mal velada num véu,
atrás dum porta-cruz que insulta o povolêu,
a imagem que eu já vi, a mesma imagem rara.

É ela! É ela! É ela! É seu rosto dorido!
Contorce as reais mãos de mármore polido!
Cai-lhe o pranto em silêncio, em silêncio, na cara.

IV

A SENHORA DOS SUSPIROS

«Beati qui lugent!»

Reveja-a outra vez às luzes das estrelas,
num cerro desolado, o *atroz Campo do Oleiro*,
à lua que prateia o elmo das sentinelas,
e junto a uma alta cruz ao monte sobranceiro.

Já vi o mar em fúria e a terra num baseiro,
já vi crucificar leões, reis, e donzelas,
mas nada igual ao horror das três estátuas belas,
três Estátuas da Noite, ao pé desse madeiro.

Uma era Salomé, outra Magda, e ainda
a *Dor que não tem nome*, a Hebreia grave e linda,
a rosa de Sárón que gemeu nos retiros.

Essa é como a Raquel da Judeia chorosa.
Não quer consolações. Longe das mais, lutuosa,
uiva a matilha atroz dos ais e dos suspiros!

V

A SENHORA DOS SOLUÇOS

«Videte si est dolor, sicut dolor mea!»

Tibério discutia irritado escultura
certa noite em Cápreas. A lua era bonita.
Jogava com Sejano e eu. A certa altura,
derruba a mesa ao chão de oiro e de malaquita.

«Já viste alguma vez», grita-me ele, «a Amargura,
quer seja em carne, em bronze, em mármore, uma cripta,
sofrer como em Níobe, essa estranha figura,
cuja pedra dá ais, chora, treme, palpita?...»

«Já vi outrora», eu disse, «ó Cesar!, na Judeia,
a forma escultural duma mulher hebreia,
sobre a campa do filho arrastar-se de bruços.

Nunca vi igual flor de cabelos castanhos!
Nunca vi maior dor em olhos mais estranhos!
Nunca meu coração olvidou seus soluços!»

VI

A SENHORA DAS SETE ESPADAS

*Ananké! Ananké! Ananké!
Que sacrilégio! Que sacrilégio!*

Outra noite, era em Roma. Eu estava numa orgia,
junto de César Bórgia e uma real devassa.
O Cristo estava em frente, ao alto. Enchi a taça
de *Reno* e arremessei-o ao Cristo que morria.

O ultraje era sangrento e macabra a ousadia!...
O vinho purpurou-lhe o corpo níveo. E a baça
fronte que alaga o horror e o livor da desgraça
dobra... dobra-se ao chão... com mais melancolia.

Quando enfim me escapei da bacanal urrante,
corta-me o passo a Sombra. Em voz febricitante,
bradei: «Que me olhas tu, com vistas irritadas?...»

Nada me respondeu a Sombra amada e triste.
Mas minha alma gemeu: «Foste tu que reabriste
o sangue que hoje cai daquelas sete espadas!»

VII

«MISERERE MEI!...»

«Les Mères! Les Mères!»

FAUSTO

Às risadas entrei numa igreja às matinas.
Conservava-se ateu meu coração corrupto.
Eis vejo sobre o altar o estranho ser de luto,
rasgado o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra. Essas formas divinas
não as pude fitar de rosto calmo e enxuto!
Era a mão maternal... era o braço impoluto...
que afastavam meus pés das ervas das ruínas!

Era o bafo de mãe, a indulgência, o carinho,
era a asa que afaga o implume passarinho,
a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãe triste! O' Mãe terna! O' Mãe dos olhos castos!
acolhe esta alma em pranto, hirta ao frio, de rastos,
qual triste enjeitadinha à porta de seus pais!

NOTA ACERCA DOS «AVATARES DE UM ATEU»

A Senhora da Melancolia tem um estranho subtítulo assaz profano: *Avatares de Um Ateu*.

Expliquemos este subtítulo.

Avatar é um termo extraído das liturgias indianas, que significa *reencarnação*. Segundo estas ancestrais liturgias, a alma humana pode reencarnar na terra, ou noutro qualquer planeta, tantas vezes quantas lhe sejam necessárias para o seu depuramento espiritual definitivo.

Vixnu é conhecido e venerado na Índia inteira como o deus dos *nove avatares*. O próprio Brama, o chefe da trindade divina, a indiana Trimúrti, não foi isento desta lei universal mística. Jesus Crichna, conhecido na Europa pelo *Cristo Negro* da Índia, mais o famoso e celebrado Buda, reverenciado também sob o nome sagrado de *Çákia-Muni*, foram as derradeiras encarnações de Vixnu. O Egipto adoptou da Índia a teoria das reencarnações, as quais nele foram denominadas *metempsicoses*.

Pitágoras, filósofo grego, natural de Samos, e que havia sido iniciado nos mistérios rituais do Egipto, assegurava recordar-se, além de outras estranhas existências anteriores, haver sido um famoso combatente na guerra de Tróia. O célebre conde de Saint Germain, que tanto brado deu nas cortes de Luís XV e Luís XVI, pelas suas riquezas babilónicas e teorias excepcionais, gabava-se de ter sido um guerreiro do tempo das Cruzadas. Simão, o *Mago*, Apolónio de Tíana, e o famoso Cagliostro professaram doutrinas idênticas, e como estas anormais.

Há quem assegure também que Jesus Cristo, o *Rabi* de Nazaré, pretendia aludir a estas reencarnações sucessivas das almas, quando, sendo procurado misteriosamente de noite, por um seu sectário encoberto, homem abastado de bens e assaz considerado no cinédrio de Jerusalém, chamado *Nicodemo*, lhe disse estas decerto significativas palavras: «Na verdade, na verdade, te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo.»

Se estas palavras parecerem, porém, ainda obscuras ou simplesmente parabólicas, mais transparentes e claras ainda

são estas que disse aos discípulos falando de João Baptista, o *Precursor*: «Se vós o quereis bem compreender, ele é aquele Elias que há-de vir.» E mais tarde ainda estas não menos sugestivas: «Elias decerto há-de vir e restabelecerá todas as coisas. Digo-vos porém que Elias já veio, e eles não o conheceram, e fizeram dele tudo quanto quiseram.»

Foi só então a esta teoria das reencarnações, nítida e transparentemente enunciada por Jesus, que os Apóstolos conheceram que se tratava do Baptista, morto por haver combatido as impiedades daquele voluptuoso, dissimulado, sardónico e incestuoso Herodes Ântipas, tetrarca da Galileia. Só então compreenderam que o *Precursor* fora portanto uma reencarnação daquele rígido, cavado, e austero profeta Elias, que outrora combatera intrepidamente de face as atrocidades do rei Acab, e confundira com ásperas palavras e prodígios magníficos as imposturas dos sacerdotes de Baal, tal como mais tarde, no reinado de Ântipas, confundiria as doutrinas dos Fariseus, dos Saduceus, e dos Mestres da Lei Moisaica.

Ora estas finais palavras sobre as reencarnações proferirias Jesus, na extraordinária cena da Transfiguração, sobre a montanha do Tabor, naquela majestosa e poética montanha da Síria, ao sudoeste do lago de Tiberíade.

Qual é o objectivo filosófico d'*A Senhora da Melancolia*, e do seu subtítulo *Avatares de Um Ateu*, perguntar-nos-ão.

Como poesia, ela é um preito doloroso, angustioso, tenebroso: como filosofia, o propósito do autor, que melhor esclarece ainda o subtítulo, estriba-se na mesmíssima tese do Fausto, com uma ligeira variante.

A tese do Goethe era esta: «que o verdadeiro homem de génio, mesmo afastado durante um largo período de tempo do ideal de Deus, regressa um certo dia sempre a ele, como fim inevitável e único de toda a Ciência e toda a actividade humana».

A variante do autor é esta: Não é imprescindível de forma alguma que seja um homem de génio aquele que um belo dia encontre a sua estrada real de Damasco, como Saulo, e aonde ali a cegueira dos seus olhos se cure e dissipe enfim. Basta que ele seja um homem justo, recto, limpo de coração, e que haja sempre fortemente e sinceramente aspirado ao ideal supremo da Verdade Absoluta. Esse regresso pode não

ocorrer numa única existência — que é um minuto apenas da eternidade — mas numa série estirada delas, até que se complete a espiritual perfeição.

Esse dia será na realidade o primeiro da felicidade do Homem, e o último que marcará o óbito e o enterro de Satanás. Daí os *Avatares de Um Ateu*, cuja teoria é mais consoladora, decerto, do que a dos ciclos tenebrosos dos infernos do Dante, dos quais as portas encarnadas serão fechadas para todo o sempre um dia à chave, por desnecessárias e estéreis, e porque elas entenebrece a doutrina tão límpida, tão calma, e tão plácida de Jesus.

Mas esta tese — dir-nos-ão — é como a vossa própria poesia, *uma estranha e excepcional Camélia Azul da Utopia!*

Que importa!... Benditas essas estranhas *Camélias Azuis!* As Utopias não pertencem nunca ao estreito, efêmero, e aburguezado dia de *hoje*, mas sempre ao radioso, ao justificativo, ao triunfal e espiritual *amanhã*.

PÁTRIA E DEUS E A MORTE
DO MAU LADRÃO

O SEGUNDO AVATAR¹ DO MAU LADRÃO

I

Cristus! Cristus! Cristus! Ó grande Incompreendido,
ó filho de Adonai! o teu servo Senhor,
em grande turbção, contristado, oprimido,
vê hoje o ímpio Mau, que os povos há traído,
os teus servos encher de Opróbio, Luto, Horror!

II

Temos visto, ó Cristus, ao estalar das granadas,
pequeninos morrer sobre os peitos das Mães.
As Igrejas cristãs por ateus profanadas.
Os teus Padres, chorando, as barbas arrancadas.
Fidalgos e plebeus tratados como os cães.

III

E eu que amo a Justiça e as tuas leis contemplo,
de joelhos, prostrado ante o teu lenho, a Cruz...
suplico-te ó Rabi! que para duro exemplo,
o azorrague me dês com que outrora no Templo
zurziste os vendilhões: «Toma-o!», disse Cristus.

IV

~~~~~

---

<sup>1</sup> *Avatar* é um termo da liturgia indiana, que significa *Reencarnação*. Segundo esta doutrina, não só reencarnam os espíritos inferiores para se aperfeiçoarem, como os superiores para evangelizarem e doutrinarem. Na Índia, Vixnu encarnou nove vezes, e por isso é chamado o *deus dos nove avatares*. No Cristianismo também, segundo os evangelistas, João Baptista foi um *segundo avatar* do profeta Elias, e deve reencarnar ainda uma terceira vez, no fim dos tempos humanos. G. L.

## V

E um certo homem entrou com passos apressados,  
na nossa Capital lavada de água e luz...  
conquistada ao Alcorão por Lusos e Cruzados,  
e em cujos templos de oiro e mármore lavrados,  
levantavam-se ainda os braços de Jesus.

## VI

Ora, isto sucedeu pelos tempos malditos  
em que a falsa Ciência e da Arte o verniz...  
pintados de carmim e adjectivos bonitos.  
tentavam mascarar em farsas nossos ritos,  
e a Moral em gentil cocote de Paris.

## VII

E este homem entrou tal e qual como a espada  
dum fero Huno do Norte ou Bárbaro do Sul.  
Entrando, ergueu o olhar à abóbada azulada,  
e em seguida soltou uma frisa risada,  
tal como Satanás quando escalou o Azul.

## VIII

Desde então a Cidade ouviu mil heresias  
da boca deste ateu, contra os Céus a ladrar.  
Pregava contra Deus, os Reis, as Teocracias.  
Queria os Paços Reais tornar estrebarias.  
Em cada Igreja erguer um Circo e um Lupanar.

## IX

A cobardia vil era um dos seus defeitos,  
como em todo o poltrão de fígados tigrinos...  
À noite, ia espreitar por de baixo dos leitos,  
se estavam lá maraus de bigodes suspeitos,  
e em toda a parte via espíões e assassinos.

## X

Assim como Alexandre amava os bons autores,  
ele tinha o Herculano à sua cabeceira.  
Buscava o aplauso vil dos vis rabiscadores.  
Parodiando Nero, a assar conspiradores.  
Queimaria cristãos na Praça da Figueira.

## XI

Tinha inveja aos Heróis que causam pasmo e abalo,  
mas deles somente era a vil paródia e o zero.  
Do Orfeu seria o bobo e do Petrônio um calo.  
Do Calígula atroz, o consulador cavalo.  
O Orangotango azul de Lúcio Cláudio Nero.

## XII

Mas inda que pigmeu e ridículo como era,  
notava-se em seu rosto, um *certo ar sinistro*.  
Mesmo a tentar sorrir, aparecia a fera,  
Era o rei Macbeth, mas com bigode e pêra.  
Caim e o Mau Ladrão, com fardas de ministro:

## XIII

E eis que um certo rapaz, que contemplara aflito  
o trágico Jesus no quadro da Paixão...  
vendo passar na rua o Ditador Maldito,  
clamou com grande voz, soltando agudo grito:  
«Olhem quem ali vai! ! *O próprio Mau Ladrão!*»

## XIV

Era ele o pífilo Mau! Ressurgira do esquife,  
mas voltara outra vez a ser salteador...  
Como os ladrões, porém, da loira Radcliffe,  
rilhava muita vez o seu caseiro bife.  
Tinha bigode e pêra. Era ateu e doutor.

## UMA PALESTRA COM PORTUGAL (Sátira heróica)

### I

Meu Portugal! eu já cantei plangente  
teus rouxinóis na balsa verdejante...  
Cumprimentei teu sol, Paxá do Oriente,  
reclinado em sofã azul brilhante.  
Já te cantei no bosque ao Sol-poente.  
De manhã na trapeira de estudante.  
Mas agora, ao luar do teu outono,  
só pranteio teu mal, teu abandono!...

### II

Eu não choro a escassez dos aguerridos,  
soldados valentões bem artilhados,  
pois que ainda não fomos destruídos  
pelos heróis da Europa assaz gabados.  
O que eu choro e me faz soltar gemidos  
é a escassez fatal de *homens honrados*.  
É a ausência das almas, direitas,  
dum João de Castro e dum Martins de Freitas.

### III

Eu choro a falta, sim, de Egas Moniz,  
que havendo prometido aos de Castela  
entregar certa praça ao Rei, não quis,  
ou não pôde entregar a Cidadela,  
mas que recto e leal, curva a cerviz,  
corre a entregar-se logo e à parentela,  
e de corda ao pescoço, esposa, e filhos,  
prova que a honra é mais que os falsos brilhos!

### IV

Choro a falta do alferes, que em 'Toro, honrado,  
defendia a bandeira com seu peito,

e que sendo-lhe um braço decepado,  
o esquerdo substituiu logo o direito.  
E ainda assim, todo em sangue, e mutilado,  
faz recuar um batalhão desfeito,  
até que os braços decepados, rentes:  
morre, o *pendão das Quinas*, entre os dentes!

## V

Também lastimo o herói recto e bendito,  
que sendo preso da espanhola grei,  
forçam-no a ir ao castelo de granito  
do filho, a persuadi-lo contra o Rei.  
Mas ele recto sempre, sempre invicto,  
trespassado de lanças, firme à Lei,  
morre, a clamar nas ânsias da agonia:  
«Não rendas o Castelo de Faria!»

## VI

Lastimo Sebastião, herói em perigos,  
Rei audaz, para os tolos sem valor,  
ao qual gritando alguém: «Os inimigos  
já levam a melhor. *Fuja Senhor!*»,  
não quer nunca deixar os seus amigos,  
os Seus Fiéis, qual torpe desertor,  
e exclama, calmo, heróico, a espada ao ar:  
«Morramos, mas com honra, e devagar!»

## VII

Quantos são hoje aqueles que na hora  
do Infortúnio, do Azar, da Desventura,  
prestam socorro ao infeliz que chora,  
ficam fiéis à Glória mal segura?  
Quantos são os que vão na rua em fora,  
acompanhar o humilde à sepultura?...  
Quantos foram Rei Carlos, Rei amado,  
que na hora do assassinio viste ao lado?...

## VIII

Tão generoso até quase à loucura,  
tão pródigo no bem como no gozo,  
onde encontraste além da sepultura  
amigo mais fiel do que um Arnoso?...  
Quando soou da trágica aventura  
o minuto final e angustioso,  
aonde encontraste ao pé, Rei infeliz,  
um peito recto e leal de Egas Moniz?...

## IX

Com raras excepções só viste ingratos,  
que exploravam tua alma e teu dinheiro,  
e entre os Judas, Escribas, os Pilatos,  
até um certo vate trapaceiro.  
Onde encontraste o Herói, que dos maus tratos  
defende sempre o amigo verdadeiro,  
como o Rei cavaleiro e modelar,  
*que os seus defende, até que o vem matar?*

## X

Mais feliz foi teu filho D. Manuel,  
que encontrou no desterro partidários,  
*fiéis*, não só na escrita e no papel,  
mas nos lances fatais, lances contrários!  
Qual deles mais valente ou mais fiel  
combateu os mações e carbonários?...  
Qual deles mais valente e cavaleiro,  
D. João?... Coutinho?... ou o leal Couceiro?...

## XI

E não só tal valor a Fama espanta,  
como os lendários Doze Heróis de França,  
mas até uma *alma linda* se levanta  
flor das almas cristãs, D. Constança.  
Esta é neta do Gama! E tanta, tanta,  
glória a Pátria quis dar-lhe, em prémio à Esplança,

à Caridade e amor dos infelizes...  
que a entaipou na prisão das meretrizes.

## XII

Mas repito: ao evocar estas memórias  
dos saudosos Avós, mais as lembranças  
dos seus feitos audazes ou vitórias  
ganhas no mundo entre esquadrões de lanças,  
eu não choro entre os goivos da Oratória,  
e os Ciprestes das Cifras, *as finanças!*  
Vou mais além no abismo das falências:  
Choro o défice atroz das consciências.

## XIII

Meu Portugal! eu já cantei plangente  
teus rouxinóis na balsa verdejante...  
Cumprimentei teu sol, Paxá do Oriente,  
reclinado em sofá azul brilhante.  
Já te cantei no bosque ao Sol-poente.  
De manhã na trapeira de estudante.  
Mas agora, ao luar do teu outono,  
só pranteio teu mal, teu abandono!...

D. MARIA PIA  
(Viagem à roda de um coração)

## I

Ó piedosa Maria! ó pálida italiana!  
estou recordando agora a loira mocidade,  
em que minha alma em flor, cheia da febre insana  
do Ideal, da Justiça, o Amor, a Liberdade,  
pretendia arrasar toda a Malícia Humana.  
E tu, Lírio Real, de graça soberana,  
florias, a sorrir, as ruas da Cidade.

## II

Nesse tempo feliz tinha o cabelo preto,  
que agora me escasseia e está todo a nevar...  
meu jovem coração só tinha riso e afecto,  
e como a desafiar o sol mais as estrelas,  
o meu bigode loiro aprumava-se ao ar.  
Era feliz então. Mas tu, bela entre as belas,  
ias, de porta em porta, a sorrir e a chorar!

## III

Ias rindo e chorando, às ocultas do Paço,  
a consolar as mães e os tenrinhos infantes.  
Umaz vezes a rir com eles no regaço,  
mas outras a chorar como em horas tocantes,  
toda a mulher que chora abraça os pequeninos.  
Ai! Eram da melhor água que os diamantes,  
a água sentimental de teus olhos divinos!

## IV

Recorda-me também que escrevera um planfleto,  
que às grades me levou de uma prisão sombria.  
Dizem alguns que nele eu fiz do branco preto.  
Outros que fabricara a flor da Judiaria.  
Por um pouco talvez, que me assavam no espeto!...  
Mas o que vou jurar, com um prazer, secreto,  
é que o não leste tu... ó piedosa Maria!

## V

A ignomínia porém que me turvou o rosto,  
a alma e o coração como uma bofetada,  
que nos dão ao voltar uma esquina ao Sol-posto,  
quando começa a treva e começa a facada,  
e que a Luxúria sai ao tombar da noitinha...  
foi que eu, como o direi, sem raiva e sem desgosto?  
caluniara em ti a Mulher e a Rainha.

## VI

Como escreveria eu uma afronta directa  
contra ti que eu chamava o anjo loiro do Bem,  
eu que ousara pregar que não havia um poeta,  
que caluniasse nunca uma mulher honesta  
fosse ela uma leprosa ou o Lírio de Betlém,  
eu que cantara ao sol como um clarim em festa:  
que em ti preferia à C'roa, o diadema de Mãe?...

## VII

Foi então que ao sair do meu cárcere um dia,  
enchendo a alma de sol e os meus pulmões de ar fresco,  
vi-te passar num carro e cheio de alegria  
num arranco gentil, num gesto romanesco,  
que casa tão bem com minha alma leal,  
atirei-te uma flor sem temer o grotesco,  
pálida rosa a abrir... ao teu coche real.

## VIII

Era cândida a flor, era cor da inocência!...  
Mas não tocou no alvo, e rolou pelo chão.  
Tu viste o gesto e a flor, e talvez que a eloquência  
que tem tudo que é nobre, ou romanesco, ou santo,  
fez que no gesto e a flor descobriste a intenção.  
Levemente anuviou o teu olhar um pranto,  
e esse pranto, talvez, verteu-o o coração!...

## IX

Tempos correm depois: e eis que em seus armazéns  
os credores que ao teu pé se mostravam servís,  
tornavam-se sultões em vez de joões-ninguéns,  
exigiam milhões por contas de vinténs,  
e em vez de buldogues, tornavam-se reptis.  
Ó Justiça! homens há mais ferozes que os cães!  
Ó Treva! há corações, piores que os teus covis!

## X

Caíram sobre ti os rapinantes finos,  
que te haviam burlado a seu belo sabor,  
e fizeram chinfrins quais badalos de sinos,  
diabos teatrais com seus *tantãs* mofinos,  
e trovões de opereta ou rufos de tambor.  
Três vezes defendi-te em jornais jacobinos,  
e neles chicoteei deste século o impudor!

## XI

Chega a Miséria enfim. Ah! como pungir-te-ia  
a nostalgia então do teu país natal,  
com todo esse esplendor e toda essa magia  
dos canais de Veneza ao som das barcarolas  
num cenário de sonho, estranho, original,  
ao ritmo das canções, das harpas, das violas,  
e ao longe, mais ao longe, a Roma e o Quirinal!

## XII

Como te lembraria essa Itália amorosa,  
Mãe da Arte, do Amor, da Música divina,  
dessa pátria ideal que o Virgílio cantou,  
em que o Tasso escreveu, padeceu, e amou,  
e Rafael morreu beijando a Fornarina?  
E ao alto, mais ao alto, essa voz religiosa,  
que fez chorar o Azul, o excelso Palestrina!

## XII

Como lembrar-te-ia a vida de família,  
cheia de Cor e Som, sem a indigência atroz!...  
Na pátria da Mignon, da Laranjeira, a Tília,  
a existência é suave, e suave a humana voz.  
Suspira o rouxinol em luarenta vigília.  
E até alguém ouviu, sob o mar da Sicília,  
a rabeca gemer do queixoso Berlioz!

## XIV

Mas em tal forma estava o teu *Deve e Há-de Haver*,  
que a falência chegou, brutal, perseguidora!...  
E tu tão piedosa e tão pronta em valer  
à criança, ao infeliz, a toda a dor que implora,  
tinhas processos mil e ameaças da Boa Hora,  
or ter dado milhões a quem os queria ter!...  
E ó piedosa Maria, enfim chegou uma hora,  
em que tiveste até... de dar a alma e *morrer!*

## XV

Ah! quem dirá agora a trágica Odisseia,  
da tua alma ao sabor de tantas decepções,  
flutuando entre a tua e a opinião alheia,  
entre os paços reais e o uivar das multidões,  
e a ver, como em tal caos, dirigir teus destinos?...  
A sorte o decidiu. Primeiro os maus ladrões.  
Em seguida os punhais, e as bombas de assassinos!

## XVI

Quem narrará depois a dor angustiosa  
das duas mães chorando os seus dois filhos mortos,  
cada uma abraçada à imagem mais preciosa,  
uma de olhos no Céu, outra de olhos absortos?...  
Ambas sempre a chorar, com olhos já sem brilhos!  
Ambas torcendo as mãos, sem ouvirem confortos!  
Ambas bradando aos céus: «Eis aqui nossos filhos!»

## XVII

Quem poderá narrar as peripécias duras  
da Revolta a estostrar pelas praças e os cais,  
a confusão no Paço e as dores e amarguras  
dalguns servos fiéis, os gestos e as torturas  
da mãe beijando o filho, e as filhas mães e pais?...  
Uma ao Cristo a rezar, em todas as posturas.  
Outra, de olhos no chão, dando profundos ais.

## XVIII

Mas tu sozinha a um canto: o olhar fixo e parado:  
fitavas no tapete as rosas de carmim.  
Pareciam-te sangue, e o teu cérebro airado  
em tudo via sangue, e o braço de Caim!  
De quem seria um sangue, assim tão encarnado?...  
Tomaste um regador, alagaste o encerado.  
Piedosamente, após, rezaste algum latim.

## XIX

Dizem que estavas louca e falavas sozinha.  
Sim louca de sofrer! sim louca de chorar!...  
Ai! antes fosses tu ó mísera e mesquinha!  
sem esposo, sem filho, e sem pátria, sem lar,  
em vez de mãe sem filho, e sem c'roa rainha,  
ai! antes fosses tu, uma chã pastorinha,  
mulher de um pescador sobre o Tibre a cantar!...

O TENTADOR  
ou Jornalistas fim de século

Nas histórias de heróis de boa ou má nomeada  
sejam eles Orfeu, Tenório, Rocambole,  
quer pertençam à História, à Taberna, à Enxurrada,  
em todos se acha a lenda em *fá* ou *si bemol*.  
A lenda narrar vou do Tentador sombrio.  
Chegai-vos ao fogão, se sentires algum frio!...

Sentava-se o Doutor numa fofa poltrona,  
lendo um livro francês, mas não sei bem o qual,  
em que haviam ladrões, sicários, beladona,  
venenos, mil paixões, tragédias, e punhal  
quando entrou, grave e loiro, um correcto criado,  
anunciando romântico: «Está ali o Embuçado!»

«Não recebo ninguém *sem dizer o seu nome!*»,  
respondeu o Doutor, com seu modo assaz frio.  
«Senhor!», tornou o servo: «Ele diz que *tem fome*  
*e sede de Justiça!* E diz isto sombrio.»  
«Manda entrar», exclamou o doutor secamente.  
E rosnou lá consigo: «É um secreto agente!»

É preciso avisar o leitor que nesta era  
reinavam o Terror, Mações, ou Carbonários,  
dos que irrompem fatais quando ninguém espera  
das ruas, dos portões, dos baús, dos armários.  
O bom Terrail aqui passara maus bocados.  
Mas faria um romance: *A Era dos Embuçados.*

Passados cinco ou seis minutos, se me lembro  
da história que escutei certa noite à lareira,  
em noite de trovões e chuvas de Dezembro,  
o dito Embuçado entrou, qual na toca a toupeira.  
Parecia um salteador das ruas de Paris,  
e nem mostrava à lua a ponta do nariz.

Quando no quarto entrou viu-se uma ganforina  
preta como um carvão, e uma floresta escura,  
dois olhos, dois tições, numa face caprina,  
e um sorriso infernal de feia catadura.  
De modo que o Doutor, três segundos ao cabo,  
dizia aos seus botões: «É tal e qual o Diabo!»

Ergueu-se cortesmente o Doutor da cadeira  
e apontando o sofá ao tal desconhecido:  
«A que vem, Cavalheiro! a esta casa hospedeira»,  
perguntou, dando a mão, com ar grave e polido.  
Com vagar repimpou-se o outro *sans façon*,  
e segredou baixinho, a sorrir: «*Sou maçon!*»

«Eu suspeitei-o logo!», o Doutor diz rilhando  
um bom charuto havano, e dando outro ao Embuçado.  
E dizendo isto, à cautela, a porta foi cerrando,  
não por medo aos ladrões, mas decerto ao criado.  
Pois neste tempo ideal do Progresso, ó leitores,  
criados há também *cidadãos Redactores!*

«O seu génio imortal», começou o Embuçado, «derrama tanta luz hoje por toda a Ibéria, que a si venho atraído e como fascinado qual borboleta à chama e ao Sol toda a Matéria, Por si faria um crime, um assassinio, um roubo!... Por isso aos pés lhe ponho a direcção do Globo.»

«O Globo, o que é que diz?», exclama enternecido e assombrado o Doutor, erguendo-se de pé. «Para me entronizar em lugar tão subido estranho poder é o seu!... Cavalheiro quem é? Para o império me dar do Globo, a Guerra, a Paz, decerto é o próprio Deus, ou então... Satanás!»

«Satanás!», gargalhou, sublinhando essa frase, com risadas teatrais, metálicas, sonoras, o sombrio Embuçado, o qual estava quase a tornar proporções de Belzebu, altas horas. «O Globo que eu oferto ao seu génio eminente — título é dum jornal famoso e onnipotente.

«Não sou — com mágoa o digo — o *Cavalheiro do Abismo!* esse heróico galã das Freiras e Rainhas, que possuía no olhar o estranho magnetismo de prender ao seu carro as mais lindas carinhas!... Cantava ele solaus às donzelas e às luas. Eu mais prosaico sou: «Como, à noite, ostras cruas.»

«Não sou também, como Ele, o ambicioso romanesco, ávido só da Glória, assim como tu és, que propôs a Jesus, com certo ar quixotesco: «Dar-te-ei o meu poder, se me caíres aos pés.» Eu mais prático sou: «Quero Ouro, o rico bago!» Como outrora em Veneza aconselhava o Iago.

«Também não sou, como ele, o frascário galante que dizem perdeu Eva, a nossa loira Mãe, e por isso, não só manchou esse brilhante, mas a Terra estragou, *que já não vale vintém!*... Eu mais prático sou: «Amo a rica e a mundana, mais que à Patti, cantando o *Amor e Uma Cabana!*»

«Também não fui, como ele, esse boémio franco,  
que com Fausto, *o Alemão*, nas tabernas ceava,  
e presente lhe fez do imortal corpo branco  
da loira rapariga, a que ele a asa arrastava.  
Tenho outra orientação: «Nunca empresto dinheiro!  
E saio logo que entra em cena o alcoviteiro.»

«Também nunca vadiiei como ele no Brabante,  
nem rosas desenhei com ele numa lájea,  
namorando a Rainha, e ofertando galante  
dois cravos virginais à loira Santa Pelágia.  
Jóias, Rosas, Canções, são redes para amores!...  
Eu mais prático sou: «Não perco dinheiro em flores.»

O Doutor que também não odiava o Algarismo,  
o Embuçado aplaudiu, com certo *ar de bom tom*.  
Espantava-o, porém, esse glacial cinismo,  
que às vezes leva à Força e outras ao Panteão.  
E rosnava aos botões: «Quem será este Hindu,  
cor dos carvões do Inferno e pior que o Belzebu?»

Ergueu então a voz e disse jovialmente:  
«Já sei de que se trata e a sua oferta aceito.  
Não preciso assinar portanto certamente  
um pacto *infernai*, como o Fausto. Está direito!  
Mas se é urgente o pacto, eu saco da lanceta, \*  
abro a veia, sai sangue, e assino a papeleta!...

«Urge porém dizer o seu nome, ó Cavalheiro!  
Pois o que sei somente é que é o Rebuçado.»  
E sorriu-se o doutor, com ar tão chocarreiro,  
que o outro cuidou ver um epigrama alado.  
«Nasci», disse ele, então, «pelos anos da Outorga.  
Meu apelido é Bórgia. Outros chamam-me o Borja!

«Andei na borgia é certo — ele continuou modesto —, Na  
estúrdia patusquei! Mas não de gorra e capa!  
E onde me vê aqui, com este olhar funesto,  
e diabólico: Eu sou o bisneto dum Papa.  
Bórgia foi meu avô, Papa e Envenenador.  
Mas eu sou o Bórgia só, do Globo Redactor.»

«Enveneno também», disse traçando a perna,  
com ar de *bon vivant*, um ar de bom rapaz.  
«Não com Água Tofana ou outra droga interna,  
A Beladona, o Ópio, o Láudano, a Aguarrás.  
Mas de forma correcta e até muito amena.  
*Com o Código ao pé, e na mão uma pena!*»

Extasiado o Doutor, risonho, a face terna,  
ao Bórgia se abraçou, exclamando: «*Com a breca!*  
Há muito um homem busco à luz duma lanterna.  
Mas só agora o achei! Posso gritar: «*Eureka!*»  
Desde hoje, reis do Globo, audazes, aguerridos,  
somos uma alma só, em dois irmãos unidos!»

O Embuçado tossiu e bradou imponente:

«Desde hoje o Globo é nosso. Almas, peitos, e ruas!  
Libaremos *Tokay! Lacrima-Christi!* Aguardente!  
em chalés triunfais, com sedas do Oriente,  
e em sofás cor da noite, entre *manolas* nuas!  
Mas sendo eu do Globo o actual director,  
sendo eu que tudo dei, acho correcto e justo:  
que traces num papel, que sou o *Único Senhor.*»

«Nunca!», o outro rugiu, grave, olímpico, augusto.  
«Serás sempre, ouve bem!, o meu engraxador!»

Na mão introduziu-lhe um rico *par de notas*.  
«*Ave César!*», gritou logo o outro sem custo!  
«Salve Imperador Cláudio Nero Justo!»

Riu-se como um palhaço e deu-lhe lustro às botas.

A NOVA RIGOLBOCHE OU A DEUSA  
DA RAZÃO

Orgia Macabra do século xx

Ceia fim do século! Uma mundana ceia!  
Cantoras teatrais e dos melhores elencos  
floriam os salões. Trinchava-se a lampreia.

Directores joviais e até dos mais moquencos,  
de casaca e grã-cruz, recebiam à porta  
as cocotes gentis do Clube dos Macavencos.

Estava-se ali bem como ao frescor duma horta!...  
Havia bom *Xerez*, *Tokai*, *Porto*, caril,  
e tudo que era bom e ao Ventre mais importa.

Lá fora a Lua ideal, romântica, gentil,  
deixava-se embalar pelas canções do Tejo,  
como pálida Ofélia às lérias dum civil.

Mas o *Porto* e o *Xerez* incendiando o Desejo,  
pondo Eva junto a Adão, em palestra pegada,  
fez que de chofre ouviu-se escandaloso beijo.

Foi a estopa e o morrão! Uma geral risada  
alegrou toda a sala e transformou-a em Vénus  
da canção, beijo em flor, a saia arregaçada.

Ninguém mais conservou os seus gestos serenos!  
Casacas de bom tom beijavam os Decotes.  
Os mais sóbrios Josés tornavam-se Silenos.

Se o *Tokay* e o *Xerez* tinham feito Quixotes,  
às damas radicais, desfeito o seu verniz,  
cavalheiros cruéis chamavam-lhes cocotes!

Todas em alta voz citam heróis de Paris.  
Dão vivas a Marat. Mas seus barretes frígios  
tombam-lhe muita vez sobre o conhaque e o anis.

Enquanto ao Mau Ladrão esse obrava prodígios  
de eloquência labial, e demonstrava a fundo  
que ele vencia sempre os mais córneos litígios.

Jura por Belzebu que é o senhor do Mundo,  
e que fora ele só que empurrara a Verdade  
com quatro cachações para o seu poço imundo!

E o caso é que afinal a selecta sociedade,  
toda em pé aclamou, com flautas, e com sistros,  
guitarras, e flautins, a sua heroicidade.

Assassinos e espiões já estão menos sinistros!...  
E entrando um tanto mais pelos vinhos eloquentes,  
dão palmadas febris nas panças dos ministros.

Ferreira da Moral com jaspeados dentes,  
papa mil camarões com o belo apetite,  
que a *História Natural* assinala às serpentes.

E o Bórgia, o excelso Bórgia, a formiga da *élite*,  
levando à frente a mão, com um gesto profundo,  
recitou com vigor uma ode à *Dinamite*!

Ao findar ajuntou com seu ar mais jucundo:  
que amava a Margarida, as Flores, a Razão,  
e que Ela, somente Ela, era a deusa do Mundo!

Quando acabou, obteve estrondosa ovação.  
E à bela Margarida expuseram-na nua,  
e em pelote, como Eva, ao pé do pai Adão.

O Ditador em êxtase exclamou: «Viva a Rua!  
Ó Margarida eu quero adornar-te de flores,  
como as deusas pagãs. Toda a minha alma é tua!

«Ó Razão! Vénus loira! ó mãe dos meus amores!  
ainda apenas vagia e era tenrinho infante,  
não tinha ainda queixais — e eras já meus ardores!

«De joelhos todos vós, ó multidões uivantes!  
Prostai-vos a seus pés, ó cocotes gentis!  
E por ela esquecei até irmãos e amantes!

«Foi esta a deusa ideal que adorou já Paris!  
Coroai-a de jasmims! Dai-lhe vinhos eloquentes,  
Ungi-a com *Xerez, Madeira, Porto*, anis!

«De joelhos todos vós, de joelhos reverentes!  
Ela é a Ideia, a Forma a Luz, a Cor, o Som!  
A ela eu já rezava... inda não tinha dentes!

«Por ela amei o Mau e excomunguei o Bom!  
Porque o Mau é infeliz, e o Bom quer o universo  
somente para si. *Kirie Eleyson! Kirie Eleyson!*

Às farsas muita vez sucedem maus reversos!  
As damas radicais vomitam pelo chão.  
O Bórgia, a soluçar, quer recitar mais versos.

Ferreira da Moral, da cor de um pimentão,  
cheio já de *Bordéus* e dúzias de ostras cruas,  
*pede soda, mais soda, um amor, uma paixão!...*

O Ditador, porém, o Ditador das Ruas,  
como preto à Razão, ordena que as mulheres  
se exibam naturais, como Ela, todas nuas.

Porém uma cantora, a espanhola Prazeres,  
que cantava assaz bem, numa ópera, a Fedra:  
griou que amava o Canto, e não *certos misteres!*

Sim, a Arte é ideal! A que é vil pouco medra!  
Nisto, um homem entrou. Frio, glacial, sombrio.  
Parecia em tal festim o *Conviva de Pedra*.

## O AZORRAGUE DE JESUS

## I

O Anciã falou assim: «Maldito o homem sem brio,  
que vai a Religião nas tascas salsujar,  
como enxovalha um templo o magro cão vadio!

## II

«Conheço muito bem Mau Ladrão teu uivar...  
Tu deves ser decerto esse mastim do Averno,  
que achincalhou Jesus quando estava a expirar,

## III

«Maldito sejas tu, no teu estio e inverno!  
Maldito seja quem, tua palavra escuta!  
Assado sejas tu, sempre no fogo eterno!»

O MAU LADRÃO (*irónico*)

Quem és tu, nobre ancião, filho de prostituta?  
Que vens aqui fazer, gentil ave de agoiro?  
Hiena, queres trincar? Não há carne corrupta!

## IV

## O DESCONHECIDO

Mas hás tu que estás podre, ó sanguessuga de Oiro!  
Mas hás tu, que a alma tens mais leprosa que Job!  
Sim tu com sarna na alma, e ainda sarna no coiro!

## V

«Perguntas quem eu sou. *Eu sou o triste e só!*  
O cavaleiro infeliz do elmo e a cota escura!  
O que foi ímpio ateu, e é terra, cinza, pó!

## VI

«Eu sou o que surgiu da neve e a sepultura!  
Aquele que morreu e ressurgiu no abril!  
O que enfim creu e amou, e antes foi pedra dura!

## VII

«Eu sou o que apupou o espiritual Anil!  
Aquele que pregou da Dúvida a cruzada!  
Aquele que escreveu nos reais paços: *Nihil!*

## VIII

«Sim fui eu que cruzei, toda a zona gelada!  
Sim fui eu que vaguei, nas neves e os destroços!  
Eu que quase a expirar, tracei nos gelos: *Nada!*

## XI

«Um solitário um dia achou meus pobres ossos  
quase a enterrar-se em gelo. Arrebatou-me aos ombros  
levantou-me, nutriu-me, e rezou Padres-Nossos.

## X

«Com ele vegetei dez anos entre escombros!  
Com ele converti-me às regiões eternas!  
Com ele cri, amei, e rezei entre assombros.

## XI

«Sim com ele aprendi as frases meigas, ternas!  
Com ele me iniciei na Oração e no Amor!  
Chorei, sofri, iuvei, nas bocas das cavernas!

## XII

«Mas quis voltar um dia às regiões em flor  
onde eu amara em moço, e tinha um filho caro.  
E aí! achei-o!... Encontrei-o!... Ides ver uma flor!...

*(Arregaça a longa capa que o envolve, e aparece o cadáver dum jovem horivelmente mutilado pela explosão de uma bomba de dinamite. Coloca o cadáver do jovem sobre a banca onde está exposta a Deusa da Razão, e cruza os braços. Todos recuam, dando gritos de assombro e terror. O velho silenciosamente chora. Depois assim fala:)*

## XIII

«Relevai a um velho este seu pranto amaro!...  
Era o meu filho único, a esp'rança derradeira!...  
Nada me resta mais! Era o meu sol e amparo!

## XIV

«Era ele a tábua única e a prancha derradeira  
que ainda me prendia ao meu pobre baixel...  
Era a pomba da Arca e o ramo da oliveira!

## XV

«Triste destino o meu! cruel! muito cruel!  
para um velho que está tão perto do caixão...  
Pobre mãe que o gerou, Raquel! pobre Raquel!

## XVI

*(Chega-se irritado para o pé da Deusa Razão e brada:)*  
«E dizer que morreu duma bomba ao destroço,  
e em nome da Razão, de ti Comborça nua,  
de ti vil Meretriz! não quero ouvir, não posso!

## XVII

«Vai-te galdéria vil! Comborça, fora, rua!...  
*(Voltando-se para o Mau Ladrão:)*  
Mas tu é que és a causa, ó rábido molosso!  
que tanto tens sugado a infeliz pátria nossa,  
até já nem restar-lhe a magra pele e osso!

## XVIII

«Pretendendo provar do teu talento a bossa,  
crendo-te o salvador desta pátria do Gama,  
tornaste-a o alvo só da europeia troça!

## XIX

«Perdemos, na mesma hora, a Opulência e a Fama.  
Somos, ao mesmo tempo, um palhaço e um esqueleto.  
Uma lágrima e um escárnio, um entremez e um drama!

## XX

«Somos um bobo a rir e a chorar, Rigoletto,  
que perdeu, num instante, a sua honra e o dinheiro,  
e sendo outrora um ovo, é hoje um magro espeto!

## XXI

«Somos hoje a galhofa e o escárnio do Estrangeiro.  
Perdemos a vergonha e a honra dos Avós.  
Somos um roto Herói, bufo e trampoleneiro!

## XXII

«Se ainda a nosso favor alguém levanta a voz,  
esse raro favor sai dos bolsos plebeus.  
Mandas pôr o elogio, e pagamo-lo nós!

## XXIII

«Mas cedo, ó Portugal, mau grado os vis ateus  
expulsarás os maus, o torpe, o vil, o imundo,  
e trarás sobre o peito escrito: *Pátria e Deus!*

## XXIV

«Tu serás, como eu, também crente profundo!  
Tu serás, como eu, o *Enviado do Senhor!*  
Tu serás, como eu, o azorrague do mundo!

## XXV

«Já lobrigo no Além esbranquiçado alvor.  
Vejo ao longe flutuar nova Arca de Noé,  
e a pomba espiritual, no bico o ramo em flor!

## XXVI

«Já vejo Portugal com a espada da Fé!  
Lázaro vai quebrar a pedra do jazigo!  
Ao lado tem Jesus, Lírio de Nazaré!

## XXVII

«Renascença vais ser, não vago sonho ambíguo!  
Mas Sonho Novo, a erguer Basílicas radiosas!  
Sonho Novo, a enterrar o carnal sonho antigo!

## XVIII

*(Sacudindo o Mau Ladrão)*

«Não saqueará, como tu, as igrejas famosas.  
Como tu não violará as catedrais gigantes.  
Não fará como tu, as carnagens lutuosas.

## XXIX

«Miserável ateu! Chefe dos rapinantes!  
foste tu, mais os teus, que assassinastes padres,  
não católicos só, mas até protestantes!

## XXX

«Por mais que uives aos céus, que rujas, ou que ladres  
sabemos que és o Pai das extorsões erróneas  
e mandaste expulsar hospitaleiras madres!

## XXXI

«Pelos partos bestiais das vossas cachimónias,  
é que o Estrangeiro pilha incríveis honorários.  
Por teus erros fatais pagam nossas colónias!

## XXXII

«Tu e o Bórgia intrujão, Formigas, Carbonários,  
tendes feito mais mal com a vossa alcateia  
que os piratas de Argel sobre os seus drômedários!

## XXXIII

«Lisboa já parece a deserta Pompeia.  
Um covil de ladrões do moiro Ali-Babá.  
Rochedo e lupanar de Tibério em Capreia.

## XXXIV

«Mas a hora soou e o Cálix cheio está!...  
Para castigo vosso, e de outros para exemplo,  
vou açoitar-te a pele e escorraçar-vos já.

Assim, também outrora, o Cristo fez no Templo.»

*(Toma um azorrague dentre a capa, e açoita com ele a multidão crapulosa. Todos juntos, como uma espessa muralha, querem impedi-lo, e repeli-lo. O velho, porém, não parece o alquebrado Pai de há pouco. Parece um dos Titãs que escalaram o Olimpo. Como que cresce... agiganta-se... alteia-se.)*

O ANANKÉ<sup>1</sup>

## I

O ANCIÃO (*erguendo um dedo ao ar*)

Escuta ó Ditador a sentença funérea,  
que eu lavro contra ti, demagogo, descrido,  
Pregador ciprestal do Extermínio e a Matéria!

---

<sup>1</sup> Esta palavra grega representa uma excomunicação de *Fatalidade*.

## II

Já fui também herege antes de convertido.  
Não tive Esperança de Fé, tal como tu também.  
Mas fui recto e leal, filho, pai, e marido.

## III

Tive sempre no peito um ídolo: *A Mãe!*  
Dava tudo que tinha ao indigente e oprimido.  
Dei mesmo a um pobre o leito e não matei ninguém.

## IV

Como em ti tudo é mau, decerto és um perdido!  
E como além de ateu, és cínico, assassino,  
ouve a minha sentença, e atento presta o ouvido:

## V

*Desde hoje morder-te-á o Remorso contínuo!*  
*Desde hoje tremerás da tua sombra até!*  
*Desde hoje verás sempre o olho mau do Destino!*

## VI

E o Velho isto gritando em nome de Iavé,  
da Morte, a Sombra, a Dor, terrível, formidável,  
com um dedo espectral escreveu: *ANANKÉ!*

EPÍLOGO  
A VISÃO FINAL

## I

Ora, após isto, vi, estranhamente belo,  
brilhante como um Sol, rijo como um martelo,  
levantar-se do Tejo um gigante imponente...  
atravessar a pé todo o Ocidente em neve,  
e veloz como um raio, ou como um sonho breve,  
ir sentar-se qual Rei sobre o trono do Oriente.

## II

Eu vi mais que esse Rei cercado de barões,  
tendo na sua destra as chaves das Nações,  
e em cima do seu trono os Santos Evangelhos.  
E os que haviam fugido às Eras Glaciárias  
Saxões, Francos, Teutões, Germanos, Nações várias,  
prostravam-se a seus pés, servindo-o de joelhos,

E disse-me o Senhor, o Julgador dos Mundos  
que sonda a alma dos sóis e os abismos profundos,  
o filho de Adonai, Eloim, Jeová:  
«Não receies revelar isto não revelado!  
Afronta a vil Descrença e o homem do pecado!  
Pois tudo isto que vês, tudo sucederá!»

## VI

E eu tive esta Visão, pecador pervertido,  
depois que assaz contrito, assaz arrependido,  
chorei, gemi, rezei, olhos e pés nus...  
E nesta visão vi *Portugal* Triunfante.  
E então rojei-me ao pó, e exclamei soluçante:  
«Graças, recto Adonai! graças ó meu Kristus!»

# ÍNDICE

## CLARIDADES DO SUL

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| Hino ao Sol .....               | 7  |
| À Janela do Ocidente .....      | 9  |
| Misticismo Humano .....         | 9  |
| A Bela Flor Azul .....          | 12 |
| Palácios Antigos .....          | 12 |
| Crisântemos .....               | 13 |
| Na Taberna .....                | 14 |
| A Sesta do Senhor Glória .....  | 15 |
| A Lua Morta .....               | 17 |
| Tarde de Verão .....            | 19 |
| O Visionário ou Som e Cor ..... | 20 |
| A Selvagem .....                | 23 |
| Falstaff Moderno .....          | 23 |
| Nevrosê Nocturna .....          | 24 |
| Rosa Mística .....              | 27 |
| A Senhora de Brabante .....     | 28 |
| Fantasia .....                  | 30 |
| A Biografia de Satã .....       | 31 |
| Água-Furtada Dum Original ..... | 34 |
| Bilhete Dum Estudante .....     | 36 |
| A Lady .....                    | 38 |
| Humorismo Místico .....         | 38 |
| Romantismo .....                | 40 |

## A FOME DE CAMÕES

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Canto Primeiro — A Tragédia da Rua .....     | 45 |
| Canto Segundo — No Grabato do Hospital ..... | 55 |
| Canto Terceiro — O Lençol do Génio .....     | 64 |
| Canto Quarto — A Lágrima de Mármore .....    | 75 |

## TROÇA À INGLATERRA

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| Simples Palavras .....                         | 87 |
| Ao Rei Carlos de Inglaterra — Introdução ..... | 88 |
| A Bebedeira da Baleia — Sonho .....            | 92 |

## FIM DE UM MUNDO

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| Dístico .....                    | 107 |
| Mentiras Sentimentais .....      | 107 |
| Carta a Uma Gentil Canalha ..... | 110 |
| Carta a Um Monstro Lindo .....   | 112 |
| «Toast» à Ideia .....            | 115 |
| Caricaturas a Carvão .....       | 116 |
| A Uma Horizontal .....           | 130 |
| Mefistófeles no Cemitério .....  | 131 |

## SERENADAS DE HILÁRIO NO CÉU

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| Acto Único .....      | 155 |
| Aos Meus Amigos ..... | 188 |

## A MULHER DE LUTO

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| À Memória de Minha Irmã ..... | 193 |
| A Mulher de Luto .....        | 196 |
| Carta à Mulher de Luto.....   | 201 |
| O Viúvo .....                 | 206 |

## MEFISTÓFELES EM LISBOA

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Pregões Matinais .....            | 211 |
| Horas de «Spleen» .....           | 211 |
| A Guitarra da Mouraria .....      | 212 |
| O Convento à Beira-Mar .....      | 212 |
| A Praça da Figueira .....         | 213 |
| O Senhor da Serra .....           | 213 |
| Macário, Poeta de Almanques ..... | 214 |
| O Mestre Primário.....            | 215 |
| Paisagem da Tardinha .....        | 215 |

## A SENHORA DA MELANCOLIA

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| Dedicatória .....                          | 219 |
| A Senhora Silenciosa .....                 | 221 |
| A Senhora da Melancolia .....              | 221 |
| A Senhora das Lágrimas .....               | 222 |
| A Senhora dos Suspiros .....               | 223 |
| A Senhora dos Soluços .....                | 223 |
| A Senhora das Sete Espadas .....           | 224 |
| «Miserere Mei!...» .....                   | 225 |
| Nota acerca dos «Avatares de Um Ateu»..... | 226 |

## PÁTRIA E DEUS E A MORTE DO MAU LADRÃO

|                                             |     |
|---------------------------------------------|-----|
| O Segundo Avatar do Mau Ladrão .....        | 231 |
| Uma Palestra com Portugal .....             | 234 |
| D. Maria Pia .....                          | 237 |
| O Tentador.....                             | 242 |
| A Nova Rigolboche ou a Deusa da Razão ..... | 247 |
| O Azorrague de Jesus .....                  | 250 |
| O Ananké! .....                             | 255 |
| Epílogo — A Visão Final .....               | 257 |

## A GERAÇÃO DE 70

---

### *Primeiro volume*

«A Geração de 70»

por Álvaro Manuel Machado

Antero de Quental: *Textos Doutrinários e Correspondência*

### *Segundo volume*

Antero de Quental: *Sonetos*

### *Terceiro volume*

Teófilo Braga: *História do Romantismo  
em Portugal I*

### *Quarto volume*

Teófilo Braga: *História do Romantismo  
em Portugal II*

### *Quinto volume*

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo I*

### *Sexto volume*

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo II*

### *Sétimo volume*

Oliveira Martins: *História da Civilização Ibérica*

### *Oitavo volume*

Oliveira Martins: *Portugal nos Mares* (antologia)

### *Nono volume*

Ramalho Ortigão: *Holanda*

### *Décimo volume*

Ramalho Ortigão: *As Farpas I* (antologia)

### *Décimo primeiro volume*

Ramalho Ortigão: *As Farpas II* (antologia)

### *Décimo segundo volume*

Gomes Leal: *Poemas Escolhidos* (antologia)

*Décimo terceiro volume*  
Fialho de Almeida: *Contos*

*Décimo quarto volume*  
Fialho de Almeida: *Os Gatos* (antologia)

*Décimo quinto volume*  
Conde de Ficalho: *Uma Eleição Perdida*

*Décimo sexto volume*  
Eça de Queirós: *Os Maias*

*Décimo sétimo volume*  
Eça de Queirós: *Correspondência de Fradique Mendes*

*Décimo oitavo volume*  
Eça de Queirós: *Notas Contemporâneas*

